# REVISTA DA SEMANA

N. 52 26-12-53 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

**1953 FOI UM ANO MEDÍOCRE**

•

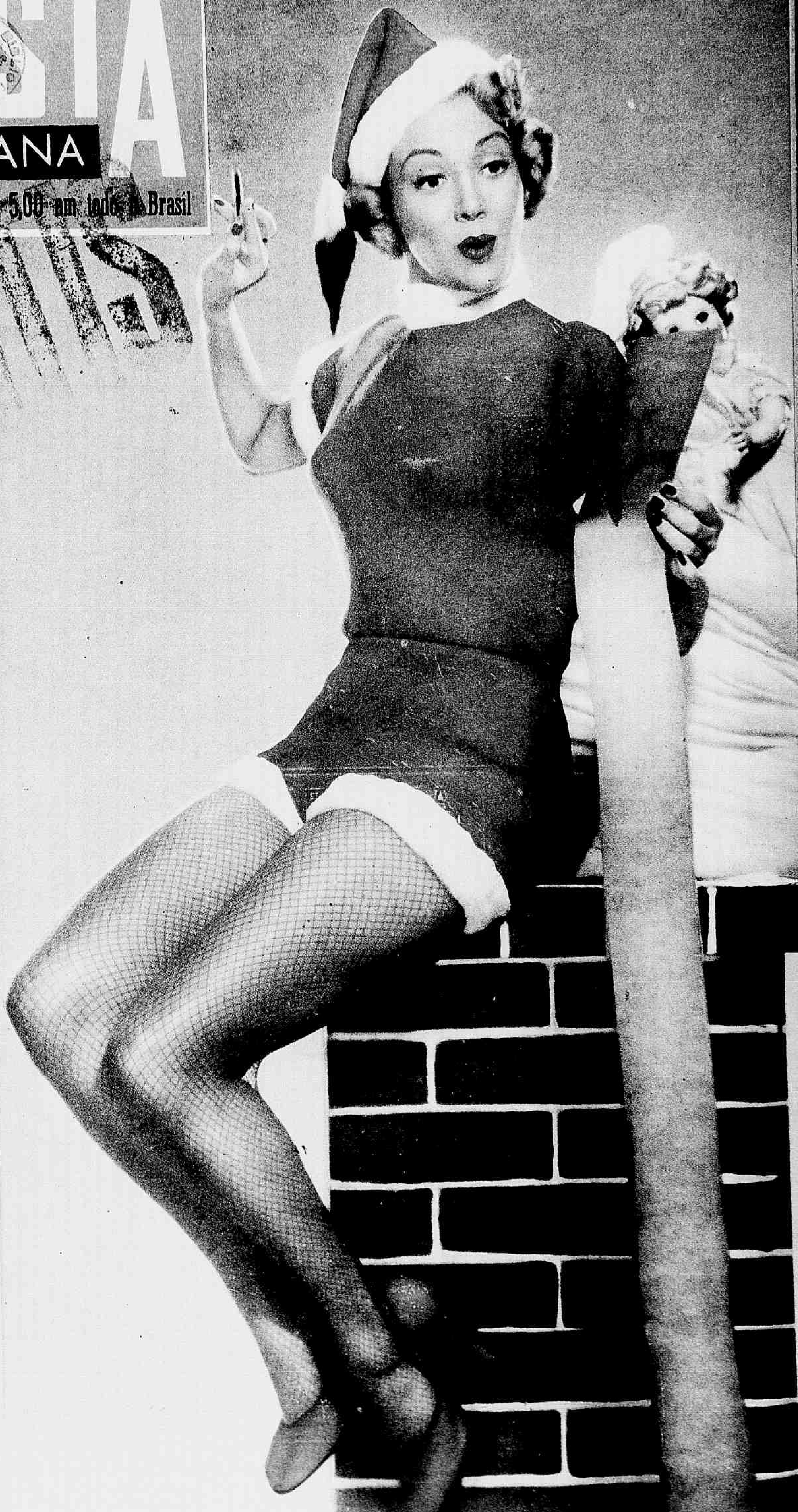
**O RIO É ASSIM**

•

**Raul Pilla: O MÊDO DOMINA O BRASIL**



**O EURÍPEDES DE PASCOAL**



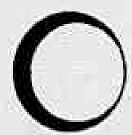
# A garantia de sua beleza



EXTRATO
•
LOÇÃO
•
ÁGUA DE COLÔNIA
•
SABONETE

• Pó de Arroz
• Rouge

# MADERAS DE ORIENTE






• MYRURGIA •

# REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 52 ★ 26-12-53


## SUMÁRIO


Todos temem e desconfiam ...... 6/ 7
53 foi um ano medíocre ...... 8/11
O Estado vende a dinheiro o que compra de graça ...... 12/13
O Eurípedes de Pascoal ...... 14/16
Antônio Maria contra Parede ...... 20/21
Como vejo Osvaldo Aranha ...... 26/27
O Rio é assim (Praça da República) ...... 28/29
O raio é o feiticeiro do céu ...... 30/31
COFAP versus 3ª dimensão ...... 36/37
O carioca festejou como pôde o Natal de 53 ...... 50/52
A Terra do Senhor ...... 3
Por êsse mundo de Deus ...... 4/ 5
Terra arrasada ...... 19
Bom humor ...... 22/23
Semana literária ...... 24/25
Semana em revista ...... 54/55
Semana política ...... 56/57
Último flash ...... 58


CAPA:
**MONICA LEWIS**
**(Kodachrome MGM)**


- Redator-Chefe: **Joel Silveira**
- Assistente: **Hélio Abreu**
- Paginação: **Victor Tapajós**
- Desenhos: **Alberto Lima**
- Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

- Diretor: **Gratuliano Brito**
- Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...... Cr$ 250,00
Seis meses ...... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses ...... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses ...... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.


# A TERRA do SENHOR




JOEL SILVEIRA

A estrada, na porta de Haifa, se enrodilha em volta do monte Carmelo até quase o cume além do jardim persa. E o pôrto se estende, lá embaixo, numa massa compacta de edifícios novos e brancos, faiscantes sob o sol. O guia de turismo, adquirido numa banca de jornais, diz de Haifa que é «o Rio de Janeiro do Oriente Médio», e exalta a sua pequena baía circundada aqui perto de guindastes compridos e potentes, e mais além, por uma orla de colinas suaves e arredondadas. A chaminé da «Shemen» se encompride, distante, esguia e fumacenta, e lá muito longe, onde a vista se perde, são as montanhas que cercam o Tiberíades.

Uma hora depois estamos em frente ao Monte Tabor, e logo depois é Nazareth. Os britânicos deixaram, na gente da terra, uma fala inglêsa carregada e estridente; e cada menino — filho de beduíno ou órfão da guerra — que nos pede os sapatos para engraxar, está munido do seu pequeno mas expedito vocabulário estrangeiro. São sujos, esfarrapados, inquietos dentro de um tumulto de areia e môscas: devem ter saído todos, ou foram vomitados, daqueles sombrios e abafados tugúrios que as enviezadas ruas da cidade apertam e torcem.

Difícil imaginar que, aqui, a doce figura do Cristo passeou suas sandálias, e mais impossível ainda associar a figura suave e ungida de Maria à rude miséria que o tempo fêz mais sórdida. Mais tarde, contudo, sob o palor de uma lua gorda e argentina, haveríamos de ver Nazareth iluminar-se na fralda da montanha como um presepe, e tudo na cidade — muros escalavrados, poças estagnadas e mesmo a lama grossa que forra as ruas mais estreitas da zona árabe — tudo impregnar-se de um tom infantil e festivo como a presença do Natal.

Mas ainda é dia — e, visto aqui de cima do Monte das Beatitudes, quarenta quilômetros adiante de Nazareth, o Tiberíades, afundado 200 metros abaixo do nível do mar, tem uma superfície sólida e fosca de cimento duro. Os gregos-ortodoxos levantaram sua igreja no ponto mais alto do Monte, mas as freiras católicas nos asseveram que foi precisamente ali, onde se ergue o convento cristão, que Jesus improvisou a sublime e honesta plataforma do Sermão da Montanha.

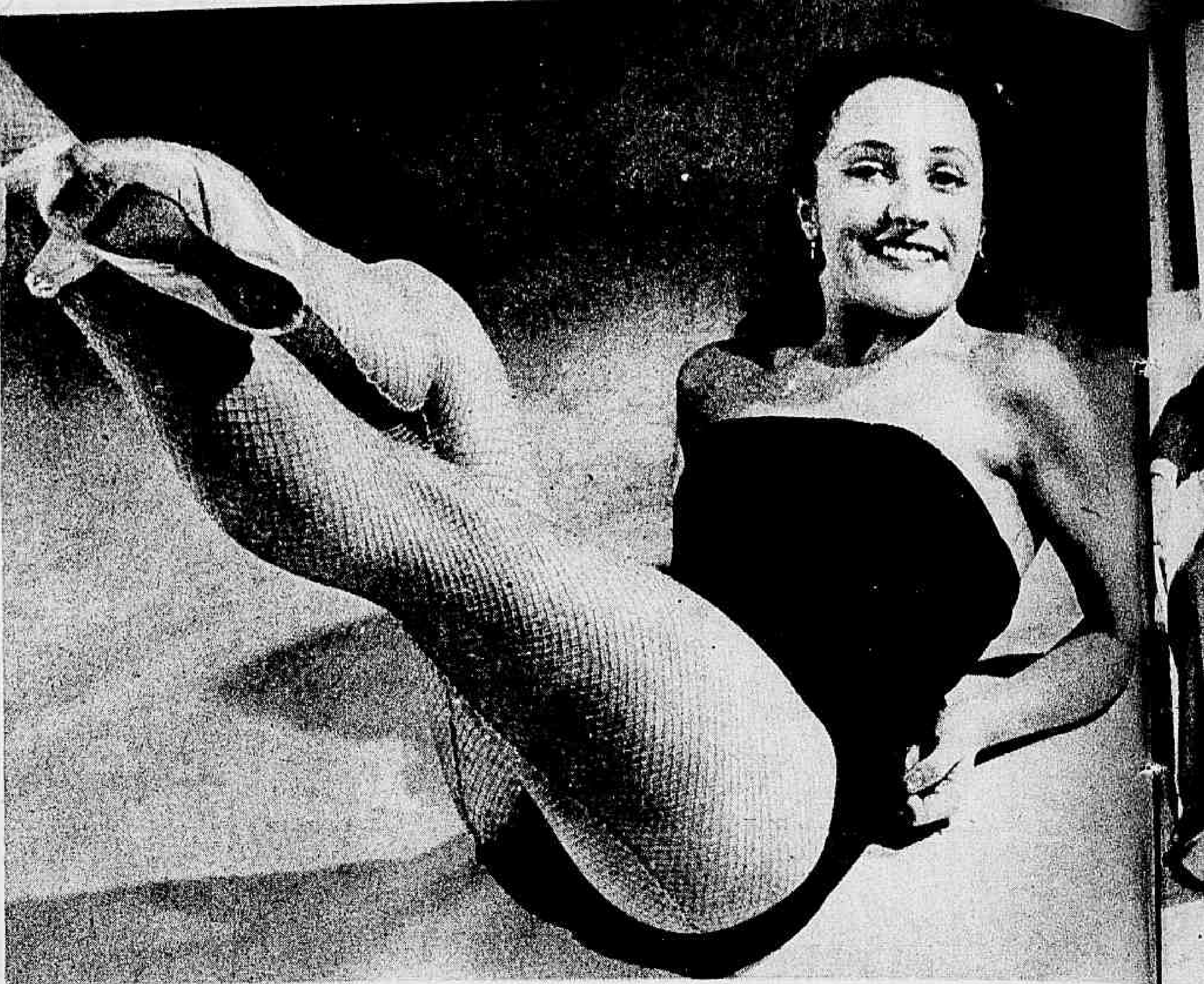
Olho em tôrno: os campos em derredor se cobrem de retângulos e losangos verdes, e as inúmeras pequenas casas do «kibutzin», do outro lado do lago, quase na fronteira com a Síria, se espalham pela planura, se esfarinhando sôbre o verde no qual os tratores cavaram profundos sulcos negros.

O sol é forte, o vermelho das máquinas que revolvem a terra ganhou uma coloração de púrpura, a procissão dos camponeses segue, pausada e diligente, por entre as aléias de laranjeiras adolescentes. Aquela arrumação de ciprestes, na margem do lago, lembra uma paisagem toscana; e o árabe que tange os seus carneiros canta, na trompa de som poderoso e grave, uma melopéia que é como a última queixa de um condenado. É a mesma paz dos campos e montanhas do Velho Testamento — a doce paz dos lugares santos que os homens ensangüentaram, a paz dos Profetas, a paz de Jesus e dos Apóstolos. Essa paz já não existe: no seu lugar árabes e judeus improvisaram um armistício circunstancial e perigoso. Cada nervo, dos dois lados, se estica mais tenso do que as cordas da lira de Davi. E tôda a linha fronteiriça é uma longa ferida aberta.

# Por êsse Mundo de Deus

## JOSEFINE, "ESTRÊLA" NOVA

**Josefine Gordon, de 21 primaveras, descansa depois de intenso ensaio de «ballet», em seus números para a TV de Londres. Josefine é «estrêla» de bailado do New Theatre Arts Ballet da capital britânica.**





## DISSERAM

★ O escritor **Jean Cocteau**: «Para mim, o mais grave defeito que se pode imputar à nova geração é o fato de eu não pertencer a ela».

★ O escritor **Thomas Mann**: «Se o Prêmio Nobel houvesse existido no século XIX, deveria ter sido conferido primeiramente a Balzac e em seguida a Tolstoi».

★ O escritor **Julien Benda**, de 80 anos: «Deus criou os homens para ter a alegria de desprezá-los».

★ O jornal inglês **«Daily Mail»**: «É possível que Eisenhower passe à história ao lado de Coolidge e Harding, como um dos mais desastrosos presidentes dos Estados Unidos. Seus 250 primeiros dias de atividade como chefe de govêrno foram um misto de hesitação, expediente, golfe, vacuidade política, férias e dessa bonomia fora do pôsto que é típica de gente que deseja agradar a todos em tôdas ocasiões. (...) «Eisenhower passará à história como o chefe de Estado que dedicou mais tempo do que qualquer outro a não cumprir com suas obrigações».

★ A atriz **Rita Hayworth**: «Ali Khan gostava demais de cavalos de corrida. Orson Welles vivia o gênio vinte e quatro horas por dia. Dick, êsse não se interessa pelos cavalos e não tem idéias originais sôbre a arte».



Maurice Chevalier na canção «La Chaloupée» imita Truman, Churchill, Malenkov e Eisenhower. Ei-lo aqui quando caracterizava um personagem que dispensa qualquer outra informação.



Marilyn Monroe luxou um tornozelo nas Montanhas Rochosas, quando filmava com Robert Mitchum. Resultado: filmagem interrompida, chegada de Joe di Maggio e pescarias de Mitchum.

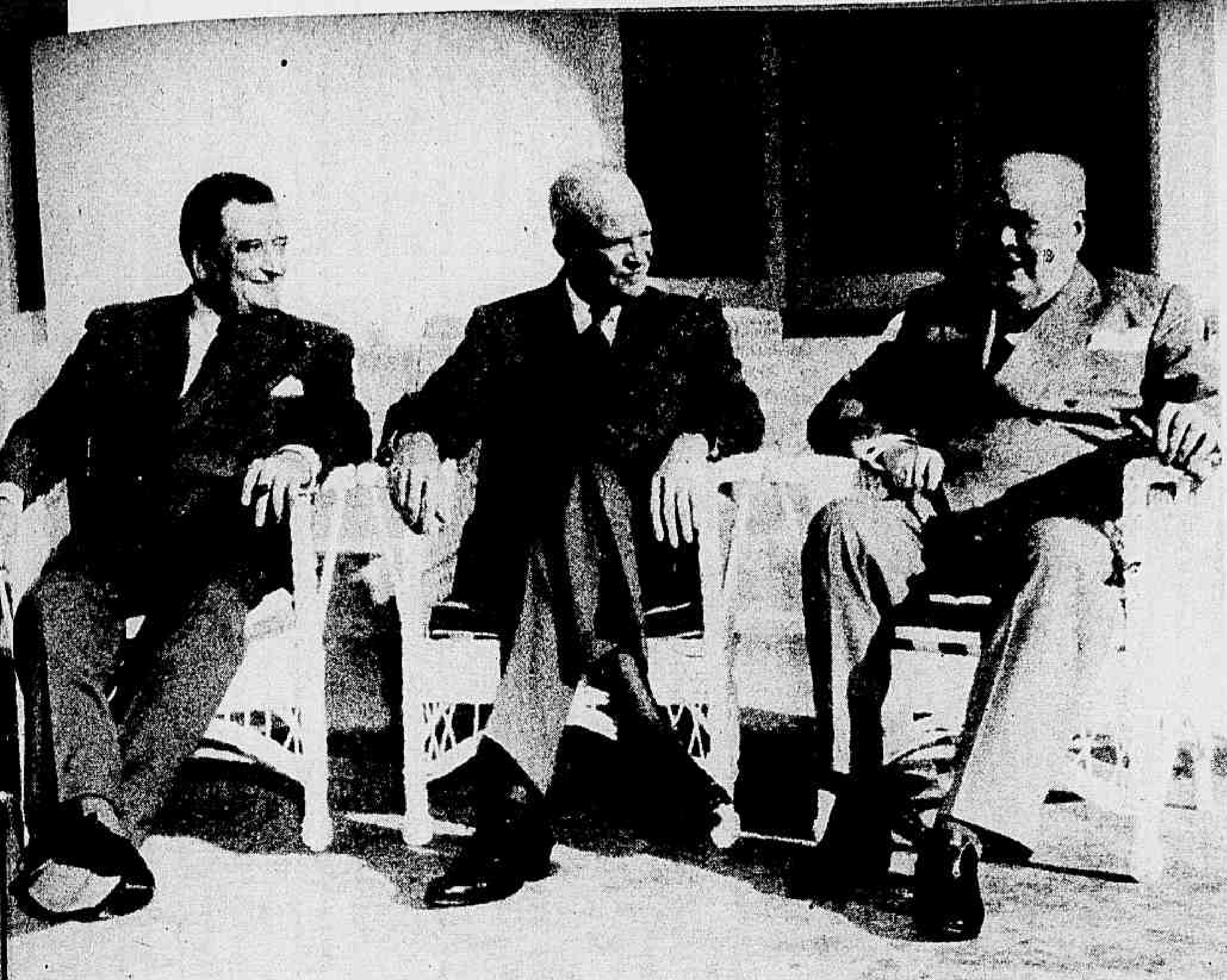
O ODIADO McCARTHY — O jornalista canadense Bruce Hutchison escreve em um número de novembro da revista «Life» um artigo em que aponta e analisa o fenômeno violentamente anti-americano que se verifica atualmente entre os europeus. Segundo êle, não é apenas a política americana que os europeus odeiam mas o próprio povo americano com o seu «american way». Segundo o articulista, que viajou pelas oito maiores nações da Europa ocidental, a opinião européia sôbre os Estados Unidos pode ser resumida assim: **os americanos são crianças desastradas e mal comportadas; a civilização americana é uma mistura de boa saúde, corrução, Coca-Cola e o senador McCarthy; o govêrno americano está levando o mundo a uma terceira guerra.**

Na foto, o senador McCarthy, no dia de seu casamento, realizado há pouco tempo, o **arquivilão americano** nas publicações européias.

NA CONFERÊNCIA DAS BERMUDAS

# Laniel resfriou-se, Churchill fumou de mais e Eisenhower feriu a mão esquerda

**Além disso, cogitou-se da criação de um organismo internacional para aplicação da energia atômica (em fins pacíficos) e resolveu-se convidar a Rússia para uma próxima reunião dos "Quatro Grandes" ★ Mas Malenkov, sempre do contra, já disse que não vai.**



Laniel (resfriou-se e foi muito pouco considerado), Eisenhower (apenas político) e Churchill (o dono teórico da Conferência das Bermudas), conversaram 5 dias e criaram um novo esquema para a conjuntura internacional.

● Na pequenina ilha de vinte e uma milhas quadradas, perdida na imensidão do Atlântico Norte, **três grandes** se reuniram a 5 de dezembro, para uma conferência que atraiu tôdas as atenções do mundo. Nas comodidades turísticas do «Mid-Ocean Club» da modesta Tucker's Town, durante alguns dias, os srs. Eisenhower, Churchill e Laniel, acertaram seus relógios para o início de uma nova caminhada pelas estradas do mundo. Do que ficou combinado sabe-se apenas, uma parte, desde que não foi permitido à imprensa, a divulgação dos assuntos de natureza mais íntima, decorrentes da política conhecida como a Defesa do Atlântico e do Exército Europeu que tantas dores de cabeça têm produzido nos chefes dos governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França.

## A RÚSSIA FOI CONVIDADA

Sòmente com o recente discurso pronunciado pelo Presidente dos Estados Unidos, a oito de dezembro, perante a ONU, como conseqüência da reunião das Bermudas, pôde saber, que dêsse encontro histórico, ficara assentado: a criação de um organismo internacional para aplicação da energia atômica com fins pacíficos; a continuação da guerra na Indochina, a cargo da França, e, por fim, a aceitação por parte dêsses **três grandes**, de uma próxima conferência com a presença da URSS, um dos grandes dêste mundo tão cheio de altos e baixos.

## REAÇÃO (DESAPONTADORA) DE MOSCOU

Mas, para surprêsa dos palestradores do «Mid-Ocean Club» já o Kremlin deu resposta ao discurso do general Eisenhower, recusando o que os três combinaram a respeito da energia atômica; o que, segundo os telegramas publicados pelos jornais cariocas, desapontara as nações do mundo ocidental. A rejeição pela Rússia do plano Ike anula tudo o que os representantes dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França concertaram nas Bermudas, depois de tantas canseiras de viagem longa e de vigílias através de noites consecutivas, em relação a êsse ponto capital das conversações: o emprêgo e contrôle da fôrça atômica. E o oitavo período das sessões da Assembléia Geral da ONU encerrou-se dentro da maior preocupação. A conferência das Bermudas não estava trazendo a diminuição da guerra fria entre Ocidente e Oriente, nem a paz na Indochina, nem solução para a Alemanha em ascensão armamentista. Voltava tudo ao que dantes havia em matéria de perspectivas de paz entre os grandes, três de um lado e dois do outro.

## LANIEL RESFRIOU-SE

Com o desapontamento, continuava o sr. Laniel a sofrer de grande resfriado, o sr. Churchill a fumar nervosamente o seu charuto e o Presidente dos Estados Unidos a curar o ferimento na mão esquerda, produzido por uma pistola antiga, quando explicava à espôsa como os pioneiros do «Mild West» atiravam nos índios e nos ladrões de gado. A idéia de um «Banco de Energia Atômica para fins pacíficos» lançada pelo sr. Eisenhower, ao regressar da conferência com Churchill e Laniel, não mereceu o apoio soviético. E entra, assim, num epílogo muito melancólico, uma outra reunião de grandes potências, reunião que começou e acabou no terreno da mais sublime teoria.



Bidault e Laniel: a França trouxe de Londres e Bermudas queixas e ressentimentos.



Churchill chega, acompanhado de Eden as Bermudas. Chovia copiosamente.

# RAUL PILLA
## sôbre o Brasil atual

# "TODOS TEMEM E DESCONFIAM"

**O LÍDER PARLAMENTARISTA DECLARA (E PROVA) A FALÊNCIA DO PRESIDENCIALISMO; E MOSTRA COMO A CORRUPÇÃO E A ARBITRARIEDADE SERIAM IMPOSSÍVEIS NUM REGIME (O PARLAMENTAR) EM QUE A SORTE DOS MINISTROS NÃO DEPENDE DO INTERÊSSE PESSOAL DO CHEFE DO GOVÊRNO.**

Entrevista a MARGARIDA FERREIRA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

## Quem é RAUL PILLA

Raul Pilla fêz o curso no Ginásio Júlio de Castilho em Pôrto Alegre, e o Curso de Medicina, para a qual faria, mais tarde, um brilhante concurso para ocupar a cátedra de Fisiologia, da qual é professor até hoje. Estêve afastado da cátedra quando foi exilado em 1932. Mas é tão alto o respeito e o idealismo que sua vida impõe, que a Ditadura não teve coragem de demiti-lo. Quando êle voltou, reassumiu a Cadeira sem dificuldade. Desde os bancos acadêmicos, se filiou ao Partido Federalista, nome que tomou no Rio G. do Sul a Secção do Partido Liberal na Monarquia. Depois da proclamação da República, o partido continuou a ter como chefe ali seu antigo chefe no tempo do Império, o Conselheiro Gaspar Martins.

Desde então começou a fazer jornalismo profissional, colaborando efetivamente no «Correio do Povo», depois no «Diário de Notícias», voltando novamente para o «Correio do Povo» onde colabora até hoje, todos jornais gaúchos. No Partido Federalista atingiu logo uma posição de grande destaque, impondo-se como um dos chefes da chamada Ala Intelectual do Partido que lutava para trazer à Assembleia Estadual e à Câmara Federal elementos novos, em oposição à chamada Ala Tradicional do Partido, que se concentrava em tôrno de Rafael Cabello, outra admirável figura de idealista, de lutador, mas homem rústico e de poucas letras. Em 1923, com quinta vitória nas urnas do Partido Republicano, formou-se no Rio Grande uma aliança de federalistas e republicanos, união que se converteu, mais tarde, no Partido Libertador. Depois da morte de Assis Brasil, Raul Pilla foi sempre mantido na Presidência do Partido Libertador; foi, também, o fundador do jornal «O Estado do Rio Grande», que defendia os ideais do Partido e que se mantém até hoje graças aos sacrifícios de meia-dúzia de líderes libertadores. Raul Pilla foi um dos coordenadores da Revolução de 30, mas logo em seguida se desiludiu e já em 32 ficava solidário com a Revolução de São Paulo. Tomou parte em um movimento revolucionário, no Rio Grande do Sul, esmagado pelo general Flores da Cunha, que era, então, Governador do Estado. Dois anos depois, Raul Pilla voltou a seu Estado natal e até hoje, na capital federal, tem ininterruptamente combatido o sr. Getúlio Vargas, em quem vê um perigo permanente para a democracia. A linha central de sua vida tem sido o apostolado parlamentarista, idéia que adotou na juventude e numa época em que o Parlamentarismo era considerado sinônimo de Monarquia, combatido e ridicularizado por todos os políticos da época. O número de deputados congressistas que apoia o regime parlamentarista no Senado e na Câmara é a melhor e a mais eficiente vitória de Raul Pilla através dêsses 40 anos de predicação.

● REVISTA DA SEMANA está entrevistando os líderes da Câmara a propósito de questões e problemas do atual momento nacional. Já depuzeram, nesse inquérito, o deputado Afonso Arinos, líder da minoria e um dos comandantes da UDN, e o deputado Vieira Lins, vice-líder da maioria e líder do PTB. Depõe, hoje, o deputado Raul Pilla, figura veneranda de idealista, exemplo de probidade e constância democrática que o Brasil inteiro conhece, admira e aplaude.

Fizemos sete perguntas a Raul Pilla, e para cada, como verão, o campeão do Parlamentarismo no Brasil teve uma resposta objetiva e corajosa.

P. — Acredita na vitória do Parlamentarismo, no Brasil, nos próximos anos?

*R. — Acredito firmemente. Mas não é matéria de fé. É resultado de uma indução. Trata-se de simples observação prática. Na Câmara dos Deputados, creio que também no Senado, aumenta constantemente o número de parlamentaristas. Em junho dêste ano, a votação da Emenda deu-lhes uma maioria de quase trinta votos. Apenas não se alcançou a maioria absoluta, por ser dificultoso de atingi-la, quando não haja quase unanimidade. É que as ausências oscilam normalmente entre 20 e 40%. Tivesse havido uma concorrência excecional, e a reforma teria passado fàcilmente,* pois cheguei a contar 180 partidários dela

*Aliás, é fácil verificar a predominância dos parlamentaristas na Câmara. Investiguem-se os grupos algum tanto numerosos de deputados que se formam ao acaso: é excecional que não haja acentuada maioria de parlamentaristas. Se a curva vem ascendendo sempre, da Assembléia Constituinte para a primeira Câmara, desta para a segunda, nada mais natural do que esperar para breve a vitória formal, pois a situação real, agora, é essa: a maioria dos representantes da nação é parlamentarista.*

P. — Qual, no modo de ver de V. Excia., a característica mais pronunciada do atual momento político nacional?

*R. — É o temor. Somos uma nação que vive, não perigosamente, como queria o grande farçante italiano, mas medrosamente. E o pior é que não se trata de mêdo sem causa: não poderia ser mais grave a situação do País. É grave econômicamente, grave financeiramente, grave socialmente, grave pollticamente. Há, pois, causas sobejas para temores, mas a causa principal, a causa verdadeiramente dominante e política. Existe no País uma profunda crise de confiança. E crise que não se poderá resolver, senão daqui a dois longos anos. É como se fôssemos conduzidos, em estrada perigosa e ladeada de precipícios, por uma guia em que não podemos confiar.*

P. — É verdade, como afirmam alguns, que o regime presidencialista não dispõe de armas que possam anular a investida dos negocistas, peculatários e aventureiros que tanto têm comprometido, nos últimos tempos, o exercício da democracia no Brasil?

*R. — Armas contra peculatários, têm-nas também o sistema parlamentar. É o processo judiciário. Mas a irresponsabilidade política característica do presidencialismo favorece a proliferação dos negocistas, dos peculatários, dos aventureiros. O contrário é o que se observa no sistema parlamentar: o mais fugaz contato com os negocistas, peculatários e aventureiros basta para ferir de morte o govêrno. Por isto, embora possam surgir, difìcilmente podem êles proliferar em tal regime.*

*É o que demonstra a nossa própria História. No Segundo Reinado, que foi quando se estabeleceu o parlamentarismo, os poucos escândalos que se registraram seriam considerados hoje um procedimento perfeitamente normal.*

P. — Acredita que a continuação de tais desmandos poderia facilitar a quebra de continuidade do regime?

*R. — A tal respeito, não pode haver a menor dúvida. Êste país não suportará muito tempo, ainda, esta sucessão de desmandos cada vez mais graves. Ou reagirá, ou se dissolverá. Não se estivessem observando certos sinais de reação salutar, como o movimento parlamentarista e a campanha pela moralização da vida pública, e se diria estarmos já em plena dissolução.*

P. — Num regime parlamentarista, como seriam enfrentados, de imediato, os problemas referentes à inflação, alto do custo de vida, e outros, de ordem econômica, que tanto hoje afligem as populações brasileiras?

*R. — O sistema parlamentar é apenas um instrumento, um perfeito instrumento de govêrno. Êle não implica, em si, nenhuma solução determinada. Tôdas as soluções são passíveis com êle, até as más. Uma nação não se imuniza contra o êrro, só por se governar por tal sistema. Mas tôdas as soluções são adotadas democràticamente, isto é, são consentidas, não impostas.*

P. — Significa isto que, em relação à imediata solução de problemas prementes, como a inflação e o alto custo da vida, nenhuma diferença existe entre os dois sistemas rivais?

*R. — Não: há uma diferença e diferença importantíssima. No sistema presidencial, o govêrno pode resolver, ou pode não resolver os problemas. Se os resolve, muito bem. E, se os não resolve, ficam êles sem a necessária solução durante o mandato governativo que é fixo e, entre nós, tende a prolongar-se. O govêrno, por pior que seja, é irremovível, torna-se uma fatalidade. No sistema parlamentar, também, o govêrno, que é o gabinete, pode resolver ou não resolver as questões. Mas, e aqui está a diferença capital, o govêrno que se mostra incapaz de as resolver cede sem demora o lugar a outro. Logo, a não ser que sejam realmente insolúveis, acabam os problemas encontrando um govêrno capaz de os resolver.*

P. — Como classifica o atual govêrno?

*R. — É realmente difícil classificar o atual govêrno. É tìpicamente presidencialista, isto é, com a acentuada tendência para o poder pessoal, que o regime favorece. Isto, sem embargo de algumas notáveis personalidades, com que conta. Talvez o jornalista queira apenas saber se o considero bom ou mau. Para mim é um mau govêrno, pois não consegue dar o mínimo que a um govêrno se pede: a generalizada sensação de segurança. Todos temem e desconfiam.*

P. — Na impossibilidade de ver eleito um presidente parlamentarista, quem gostaria de ver no Catete como sucessor do sr. Getúlio Vargas?

*R. — A eleição de um presidente parlamentarista a mim apenas interessaria na medida que significasse uma inequívoca manifestação do País em favor do parlamentarismo. Eu gostaria de ver no Catete um cidadão de perfeita probidade, pessoal e política, de alto espírito público, que não estivesse tomado da "vil cobiça de mandar", que tivesse araigados e comprovados sentimentos democráticos e, por isto, detestasse a demagogia, que, tendo embora um caráter firme, não fôsse arbitrário e personalista, que tivesse uma desenvolvida consciência constitucionalista e legalista. Em suma, quisera eu um presidente que atenuasse, em vez de agravar, os vícios próprios do presidencialismo; um presidente que, não sendo embora parlamentarista, fôsse o menos presidencialista dos presidentes. Por tais critérios, aferiria eu os candidatos.*



**«Somos uma Nação que vive, não perigosamente, como queria o grande farçante italiano, mas medrosamente».**



**«Eu gostaria de ver no Catete um presidente que, não sendo embora parlamentarista, fôsse o menos presidencialista dos presidentes».**



**«Êste país não suportará muito tempo, ainda, esta sucessão de desmandos cada vez mais graves».**

# 53 FOI UM ANO MEDÍOCRE

**OS DOIS MUNDOS NÃO ACERTARAM SEUS RELÓGIOS. CALAMIDADES SE REPITIRAM. CHURCHILL, O GRANDE DILETANTE; GANHOU O PRÊMIO NOBEL, E ALGUMAS ASSINATURAS NUMA FÔLHA DE PAPEL PUSERAM FIM, EM PAN MUN JON, À GUERRA MAIS ESQUISITA DOS ÚLTIMOS TEMPOS ★ DOS MORTOS ILUSTRES, UM ERA SENHOR DA SEXTA (OU SÉTIMA) PARTE DO MUNDO: STALIN; E OUTRO DEIXOU UMA OBRA QUE RESISTIRÁ AO TEMPO: O'NEILL.**





**NARRIMAN DEIXA FAROUK; PEDRO DEIXA ALEXANDRA; GILDA DEIXA ALY**

● A pauta de 53 ainda registrou alguns divórcios e casamentos de gente famosa. A rainha Narriman Sadek abandonou o rei Farouk, que simultâneamente perdeu o trono e a mulher. Atualmente anda o monarca destronado adejando de cabaré em cabaré dando de beber às beldades internacionais, com os cobres que conseguiu carregar num iate emprestado pelo general Naguib.

Por sua vez, «Gilda» Hayworth deixou o príncipe Aly Khan e exigiu uma pensão de 1 milhão de dólares por ano para a educação da princesinha Yasmin, filha do casal. Entretanto, Rita não suportou por muito tempo a solidão e contraiu núpcias (pela quarta vez), com o cantor Dick Haymes.

No capítulo dos divórcios, registrou-se ainda a decisão do ex-rei Pedro da Iugoslávia, que movimenta os papéis nos tribunais de Paris para se separar da ex-rainha Alexandra, resultado de um escândalo de um cheque sem fundos passado pelo monarca para pagar dívidas da consorte.

## O BRASIL CONTINUOU BEM BRASILEIRO

*OS acontecimentos principais do ano de 1953, no Brasil, podem ser divididos entre os qualificativos: edificante (poucos), pitoresco, cômico e doloroso. A 13 de maio, o povo carioca compareceu em massa às ruas e ao Estádio do Maracanã, em impressionante procissão de velas para recepcionar a imagem da Virgem de Fátima, em "tournée" pela América do Sul, vinda de Espanha e Portugal. Em São Paulo, Jânio Quadros, sem apoio da imprensa e contra uma forte e favorita coligação de partidos venceu espetacularmente as eleições para prefeito da cidade com uma vantagem de cento e oitenta mil votos sôbre o candidato rival. O candidato do "tostão contra o milhão", liquidara com os prognósticos dos mais abalizados entendedores de eleições. Ainda em São Paulo, a primeiro de abril estourava a maior greve dos últimos anos. Duzentos mil operários saíram às ruas protestando e pedindo melhores salários. Resultado: conflitos, correrias, tiroteios, etc. No norte do país o drama das sêcas alcançava um período trágico, com migrações em massa, e mortes a fome e a sêde. Mais para o norte, em maio e abril, o rio Amazonas transbordava levando de roldão casas e moradores ribeirinhos, gado e animais domésticos. Houve até o caso de um sucurijú que engoliu uma garotinha que brincava na janela, sôbre o rio. No Rio, o manda-chuva Janot Pacheco fêz experiências sôbre o rio Paraíba, mas ao sobrevir o aguaceiro o homem não pôde provar se as chuvas eram suas ou de S. Pedro. De Portugal vieram para o Brasil os restos mortais da Pirncesa Isabel, a redentora dos escravos. O Ministério de 1930 voltou a funcionar, com Aranha e José Américo à frente. Morreu Raul Pederneiras, meio século de caricaturas, charges e anedotas famosas. E morreu também o cavalo Mossoró, vencedor, em 1933, do páreo em que intervieram os mais famosos parelheiros do mundo inteiro. Deixou uma descendência de "famous-horses" que hoje correm nas canchas internacionais. Diz a crônica que Mossoró, morto um pouco por velhice e também de doença, manteve o hábito de morder até o último suspiro.*







## A JUSTIÇA FOI FEITA

● A 19 de junho, às 20 horas, na prisão de Sing-Sing, a cadeira elétrica punha fim a um dos mais rumorosos processos dos últimos tempos. A opinião pública internacional dividiu-se em duas ante a condenação de Julius e Ethel Rosemberg. Até o último suspiro o casal acusado de alta espionagem afirmou inocência, mesmo sabendo que salvariam a vida culpando-se das acusações. Centenas de passeatas, orações e apelos de tôda parte foram feitas pedindo clemência para os Rosemberg, mas o presidente Eisenhower recusou a concessão alegando que a traição dos Rosemberg poderia representar a morte de milhões de americanos. Enquanto isso, em circunstâncias diferentes, era enforcado John Reginald Christie, cognominado o «Landru de Londres», autor da morte de três mulheres em 1944, assassínios só descobertos êste ano, à medida que iam sendo descobertos os cadáveres das vítimas supostamente desaparecidas. E a 18 de dezembro morriam na câmara de gás os americanos Carl Austin Hall e Bonnie Brown, autores do rapto e da morte do garôto Bobby, em Kansas City, crime que comoveu o mundo inteiro.








## UM PRÊMIO NOBEL DIFERENTE

● Winston Spencer Churchill terá provocado ciúmes ou pelo menos pensamentos irônicos em muito escritor festejado que aspirava o Prêmio Nobel de Literatura de 1953. Mas é evidente que foi outro o sentido do laurel conferido ao Primeiro Ministro inglês pela Comissão do famoso prêmio. Quiseram os escandinavos homenagear no homem número um da batalha da Grã-Bretanha suas qualidades de político e orador. Suas memórias de guerra têm obtido enorme sucesso no mundo e descrevem um panorama realíssimo da última conflagração. Quanto ao Prêmio Nobel da Paz foi dividido entre o general Georges Marshall e o médico Albert Schweitzer. Um guerreiro e um missionário repartiram as honras do significativo prêmio

## FAUSTO NA COROAÇÃO DA RAINHA ELIZABETH

● Revivendo as pompas da côrte de St. James, foi realizada em primeiro de junho a coroação da Rainha Elizabeth II, que sucedeu no trono da Inglaterra ao rei Jorge VI. A faustosa cerimônia, a mais espetacular dêste século, levou a Londres todos os cabeças coroadas e nobres do mundo bem como altos dignitários dos governos de outros países. Presentes caríssimos foram depositados aos pés de Elizabeth que retribuiu com sorrisos tímidos honrarias. Milhões de londrinos, provincianos e forasteiros postaram-se nas ruas da capital britânica, para assistir a passagem do cortejo colorido. Mais tarde Elizabeth passava em revista um imenso desfile naval na Mancha, formado por navios de guerra de várias nacionalidades.

## EISENHOWER SUCEDE A TRUMAN

● Com a sucessão presidencial nos Estados Unidos e a morte de Stalin na Rússia, mudaram os «generais» que dirigem os destinos do mundo — oriental e ocidental. Nos Estados Unidos, após a batalha eleitoral mais renhida de todos os tempos, os republicanos voltaram ao poder, de onde se encontravam afastados há vinte anos. A 31 de janeiro foi empossado no govêrno da grande república do norte o general Dwight Eisenhower que na sua plataforma eleitoral entre outras promessas garantiu terminar (e cumpriu) com a guerra na Coréia. Essa promessa, segundo os observadores, teria sido um dos prováveis «handicaps» da vitória de «Ike». Enquanto isso, com a morte de Stalin, subiu ao poder seu antigo auxiliar George Malenkov.

# 1953 foi um ano medíocre



## A «GUERRA FRIA» ESTÊVE QUENTE

● Enquanto outros acontecimentos tiveram curso, a «guerra fria» atravessou o ano de 1953 pontilhada de «tempo quente». Assim, por exemplo, foi o caso de Trieste, um apêndice perigoso para as relações internacionais. Inúmeros atritos e algumas mortes foram os resultados nos últimos meses do ano, na questão territorial entre a Itália e a Iugoslávia. Nas últimas semanas tudo caminha para uma possível solução pacífica. Por outro lado houve o levante na Berlim Oriental, abafado com a intervenção de colunas de tanques do exército russo. 100 mil operários alemães rebelaram-se contra a escassez de alimentos, fato que os Estados Unidos aproveitaram (puxando a brasa para o seu lado), fornecendo víveres aos descontentes. Uma série de outros atritos também serviram para «esquentar» a guerra fria de 53. A respeito, porém, o grande epílogo do ano foi o encontro dos três grandes ocidentais, nas Bermudas, onde se entrevistaram Eisenhower, Churchill e Joseph Laniel.



## O MUNDO PERDEU DOIS SEGREDOS

● O ano de 1953 também registrou alguma sensação no capítulo das aventuras. Em honra à coroação da rainha Elizabeth da Inglaterra, o inglês Edward Hillary (no clichê) e o indu Tensing Norkay plantaram as bandeiras inglêsa e a do Nepal no cimo do monte Everest, realizando a façanha não alcançada por expedições anteriores. Assim, a 1º de junho era considerado vencido o até então invencível Everest.

Outra aventura sensacional foi a do jornalista Michel Perrin, que terminou prêso e processado em Lima, no Peru, onde ainda se encontra. Na expedição iniciada meses antes levara em sua companhia a jovem peruana Teresa, por quem se apaixonara e ficara noivo. Com a morte da jovem, tragada pelas águas do rio Apurimac, teve fim a aventura. Agora Michel está sendo responsabilizado pela morte de Teresa, embora nega tenha havido crime. Perrin teria descoberto as nascentes do rio Apurimac, nos Andes.



## AFUNDARAM AS ILHAS GREGAS

● Centenas de mortos e milhares de desabrigados — eis o resultado do terremoto que abalou as ilhas do mar Jônico, na Grécia, em meados de agôsto. Na ilha de Argostoli, uma das mais atingidas, quarteirões inteiros de moradias desabaram matando dezenas de moradores. Foi, sem dúvida, a maior catástrofe do ano. Os serviços de salvamento movimentaram as marinhas e aviação dos Estados Unidos, Itália e de outros países, na árdua batalha de arrancar do caos milhares de vidas e na desobstrução de ruas desaparecidas nos escombros.

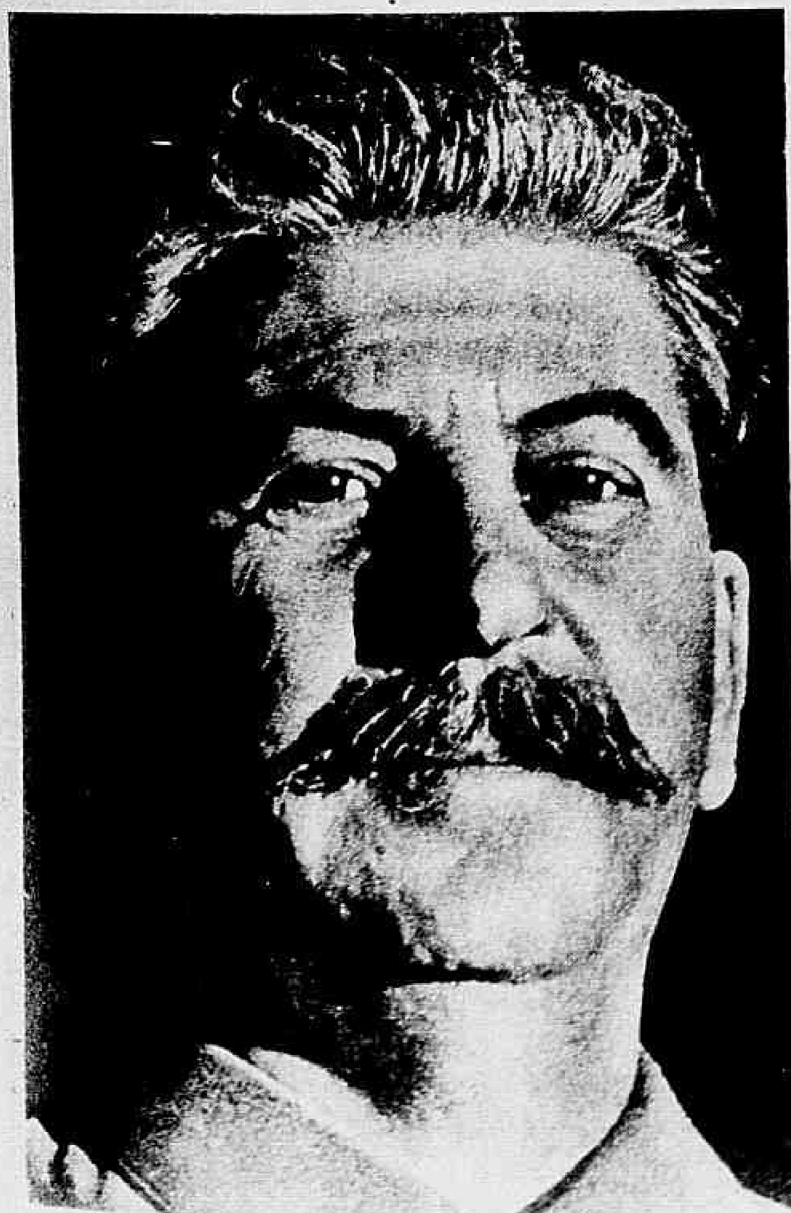


## RETICÊNCIA EM PAN-MUN-JON

● A guerra, que se encompridou por quase quatro anos, teve um fim melancólico e reticente. Delegados de ambas as partes, reunidos no humilde (mas já agora famoso) povoado de Pan-Mun-Jon assinaram alguns documentos datilografados, depois de uma infindável troca de propostas, negaças e dúvidas. E a guerra da Coréia — que tanto sacrificou a população civil do do Norte e do Sul — teve um epílogo pouco nobre e viril. Terminou sem terminar; talvez tenha terminado, ou se esvaído, vítima da exaustão e do tédio...



## A MANCHETE MAIS SENSACIONAL DE 53: «MORREU STALIN»



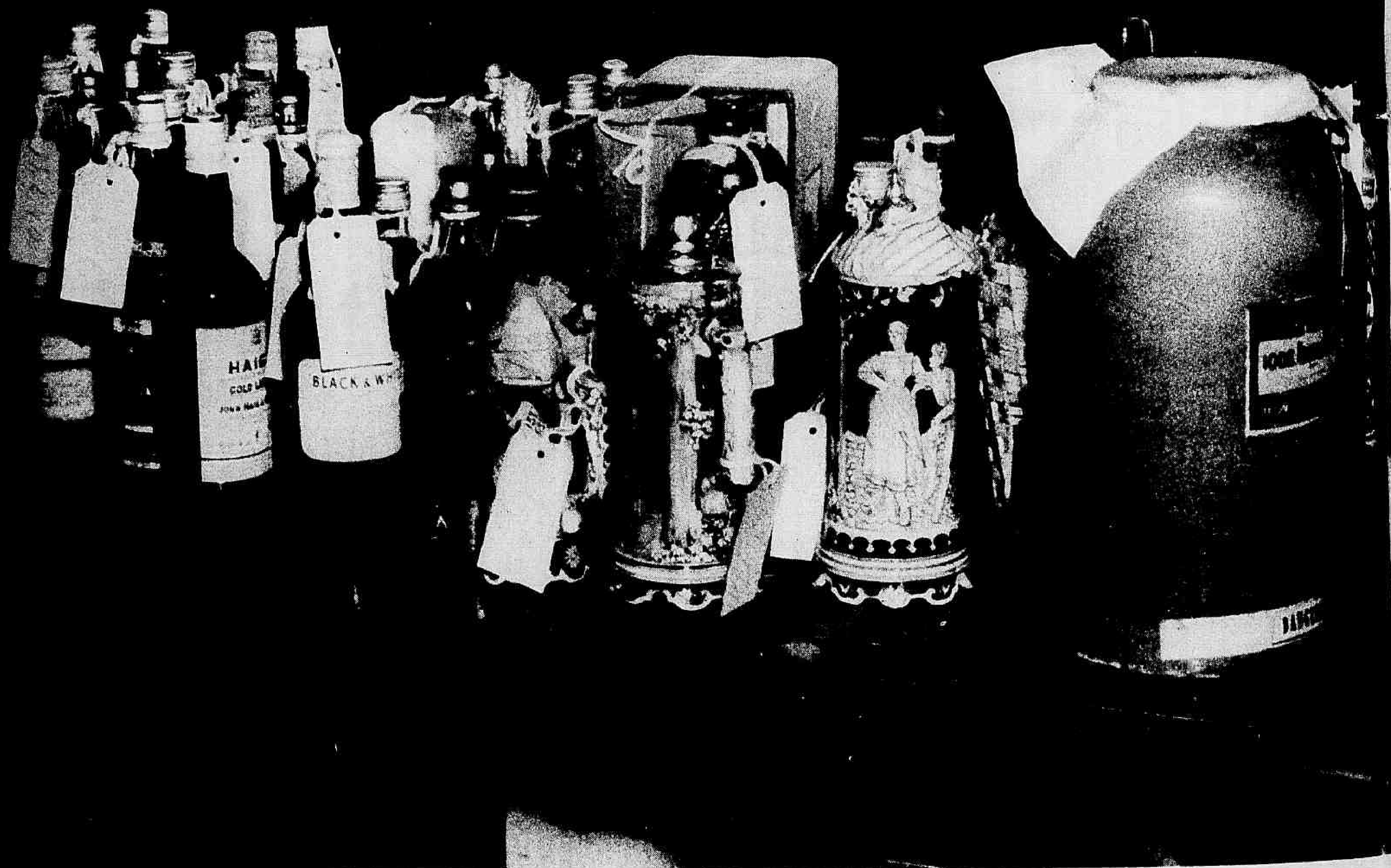
● A 4 de março morria em Moscou aquêle que, de filho de um humilde sapateiro da Georgia se transformou numa das personalidades mais discutidas da primeira metade dêste século. Joseph Stalin, vitimado por um derrame cerebral, faleceu aos 74 anos de idade. O desaparecimento do «homem de aço» que teve sob suas mãos a vida de metade da população do globo trouxe uma pergunta inquietante à outra metade. Viria a morte de Stalin beneficiar ou piorar o clima de temor que divide o mundo? Os acontecimentos é que dirão, bem como julgarão da obra do homem que construiu um dos maiores impérios humanos. Obra maléfica e perigosa para uns, quase divina para outros...

Outro morto ilustre de 1953 foi a rainha Mary da Inglaterra, falecida a 25 de março, aos 85 anos. Seu desaparecimento foi sentido pelo mundo inteiro que sempre acompanhou com interêsse a trajetória da rainha-avó (e bisavó) da Inglaterra. Também desapareceu Eugene O'Neill o célebre dramaturgo americano, que revolucionou o teatro criando peças imortais E, no Brasil, morreu Diacuí, a índia kalapalo que meses antes fôra personagem do casamento mais ruidoso do ano.



Graças aos contrabandistas

# O ESTADO VENDE A DINHEIRO O QUE "COMPROU" DE GRAÇA



ESTA E' PARTE de volumoso contrabando de uísque apreendido há dois meses na Av. Brasil. Foi menos vendido que os perfumes.

**Houve de tudo no último leilão gigante da Guarda-Moria: desde leques de sândalo a acordeons vienenses ★ E perto de 2 mil garrafas de uísque desafiaram a sêde (mercantil) de honrados comerciantes do Rio e São Paulo ★ Zica, o dono da Praça Mauá, não quis ser fotografado.**

Reportagem de WILSON MACHADO

TÔDA aquela montanha destinada a alimentar o luxo, era o produto de apenas quatro meses de contrabando apreendido pelos agentes da Guarda-Moria, nas mais variadas diligências. Um lote daqui, outro dali, e aos poucos foi-se acumulando a carga valiosa. Parte dela foi apreendida mesmo na «borboleta» da Alfândega. Ora tratava-se de uma dama com estranhas saliências na cintura, o que obrigava ao fiscal solicitar um exame corporal (efetuado por elemento feminino da polícia, naturalmente). Mais adiante acontecia aparecer um cavalheiro portador de malas com fundo falso, onde se aninhavam jóias e perfumes.

Outras parcelas, porém, da grande «colheita» obrigavam a polícia a diligências mais movimentadas. Muito contrabando foi apanhado ao largo da baía, sem tiroteios, é verdade, mas proporcionando cenas de contrabandistas se jogando à água a fim de fugirem ao flagrante comprometedor. No leilão em foco, a reportagem deparou com parte das 2.797 garrafas de uísque apreendidas cêrca de dois meses atrás quando eram transportadas pela Avenida Brasil.

## AS PREFERÊNCIAS GERAIS

No primeiro dia de leilão as preferências da maioria foram para os perfumes, cujos lotes ficaram quase esgotadas. Aliás, êsse produto atraiu mais interêsse que o próprio uísque, que abarrotava um canto do salão. O segundo dia foi pràticamente dedicado aos linhos e às rendas, cujos lotes alcançaram lances de perto de cem mil cruzeiros. Uma caixa de leques de sândalo, contendo mais de quatrocentas unidades, foi arrematado por dezoito mil cruzeiros, o que veio dar menos de cinqüenta cruzeiros cada um. Sabendo-se que o preço no varejo está a duzentos cruzeiros cada, podemos concluir que o arrematador fêz um bom negócio. A seguir foi vendido um acordeon de fabricação italiana pelo preço de Cr$ 11.000,00 e mais adiante um pequeno lote de mantilhas, ricamente tecidas, por trinta mil cruzeiros. A medida que lances, rápidos e sucessivos, vão sendo feitos, vamos observando aquela curiosa platéia e distinguindo figuras bem conhecidas de «habitués» dos leilões da Alfândega.

## FREGUESES FAMOSOS DO CONTRABANDO

Bem ao fundo, por trás da assistência, discretamente colocado, encontramos o tão conhecido Zica da praça Mauá, observando o movimento geral dos lances. Quando deu com o fotógrafo, esgueirou-se de um lado para outro fugindo à objetiva.

— Hoje não quero fotografia. Me desculpem — pediu delicadamente.



CABELOS de poeta, estranho guarda-chuva sob o braço, o idoso cavalheiro não resistiu à emoção de um formidável perfume. Comprou.



JAMACURU olha por sôbre os óculos. José Tuffi conta a «grana» e Eduardo Felipe observa por trás. Êstes três cavalheiros constituem o grupo



ACORDEON de fabricação italiana, arrematado por onze mil cruzeiros. Os lances começaram em Cr$ 5.500,00, duplicando com rapidez.

Explicou que ali estava apenas fazendo presença, alegando que a mercadoria leiloada não fazia parte do seu generoso negócio. Dizem por aí que o Zica é um homem tão esperto em seus negócios, que êle próprio organiza contrabandos e mais tarde faz o produto cair nas mãos da polícia para arrematar posteriormente em leilão, lucrativamente.

Deparamos ainda no recinto do salão com o conhecido Salim Alexandre, freguês assíduo dos leilões. Noutro canto encontramos nada menos que a famosa Madame Acossato, compradora permanente dos perfumes apreendidos. Ela foi dona de um grande salão de beleza na Av. Rio Branco, esquina de Santa Luzia. Atualmente está em São Paulo, e aqui veio a semana passada exclusivamente para comprar perfumes na Alfândega.

Noutro banco, o repórter encontrou um grupo de três não menos conhecidos freqüentadores do subterrâneo da Guarda-Moria. São êles os comerciantes Eduardo Felipe, José Tufi, da praça do Rio, e o Jamacaru, de Santos. São arrematadores de primeira linha dos produtos de contrabando. Enquanto gritavam seus lances, calmamente iam contando na mão grossos massos de cédulas de mil cruzeiros.

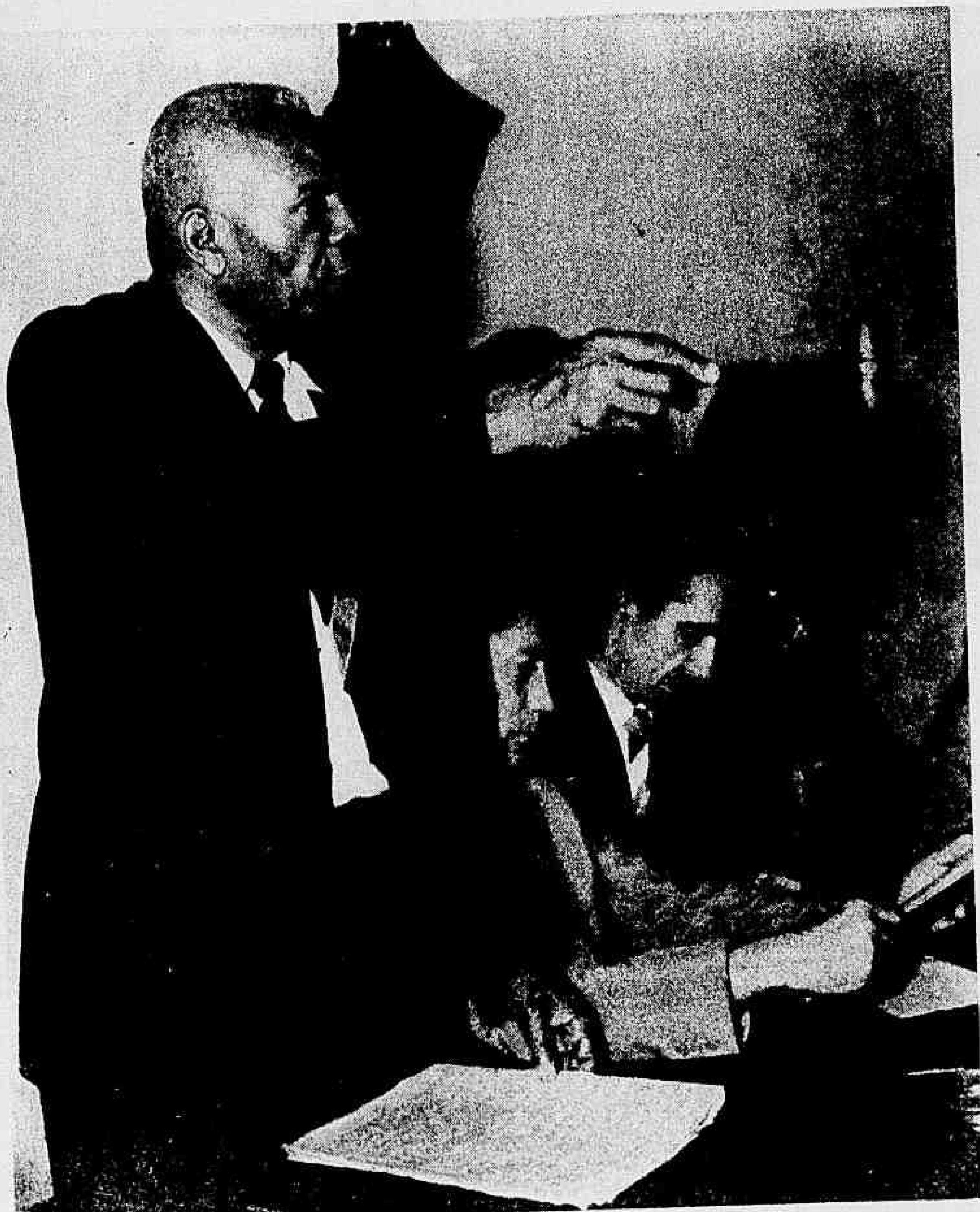
**MAIS DE CINCO MILHÕES**

Segundo os cálculos, cêrca de cinco milhões de cruzeiros foram arrecadados em três dias de leilão, numa média de mais de um milhão de cruzeiros por dia, num movimento sem precedentes na história dos leilões da Alfândega nacional.

A propósito, um tipo que observava curioso, e pela primeira vez, na sua vida, o rendoso negócio do leilão, disse ao repórter:

— Aí está uma classe (os contrabandistas) que representam uma boa fonte de renda para o Estado que vende à dinheiro o que adquiriu de graça...

O Estado e os arrematadores, é preciso acrescentar. Muita gente tem enriquecido a custa de contrabando apreendido. Alguns dêles aí estão citados nesta reportagem.



AO CORRER DO MARTELO, o leiloeiro da Alfândega vendeu, em poucas horas, mais de um milhão de cruzeiros de diversas mercadorias...



CEM MIL CRUZEIROS!, foi o lance dêsse cavalheiro para um enorme lote de peças de linho branco que no momento estava sendo leiloado...

"Lançar-me-ei aos pés de Agamenon ou curtirei em silêncio a minha dor..."



# O EURÍPEDES DE PASCOAL

«HÉCUBA» (HKABH, NO TEXTO GREGO ORIGINAL) EMPOLGOU O PÚBLICO DO MUNICIPAL; E REVELOU A FÔRÇA E O TALENTO DE UMA NOVA TRÁGICA: A JOVEM MIRIAM CARMEN.

Reportagem de OLIVEIRA BASTOS



«Ó meu soberano, empresta teu braço vingador à minha velhice, se não ela de nada vale».



«Ó senhora, é tão grande a tua desventura... não tens pátria, não tens filhos...»

O Teatro do Estudante do Brasil, na primeira semana dêste mês, empolgou os freqüentadores do Municipal com a encenação da tragédia Hécuba, de Eurípedes.

Já se tornou comum, na vida de uma revista como esta, a proclamação da importância da ação que vem desenvolvendo o grupo de amadores de teatro reunido em tôrno de Pascoal Carlos Magno, para o estabelecimento de uma concepção mais avançada dessa arte, tanto mais avançada quanto se preocupa em apresentar ao público uma interpretação fundada na fidelidade e na honestidade para com os textos representados, desde os grandes trágicos gregos aos nossos pequenos autores inéditos. Tem sido característica fundamental do Teatro do Estudante do Brasil, a formação de uma consciência artística em profundidade, funcionando como escola de critério para gente de teatro e não como um simples agrupamento de jovens mais ou menos encantados com a aventura do palco.

Nos últimos anos temos constatado, no teatro profissional, a renovação de valores com elementos saídos quase sempre dos ensaios no casarão de Pascoal, em Santa Teresa.

Para a montagem de Hécuba, traduzida por Junito de Sousa Brandão, nada menos que cento e vinte jovens foram convocadas pelo Teatro do Estudante entre atores, comparsas e músicos. A direção coube ao próprio Pascoal Carlos Magno que contou com a colaboração de Haffolman, grande autoridade em teatro grego que supervisionou a gesticulação dos atores e outros detalhes, Carlos Marchesi, diretor de cena, Jorge Nadar, assistente e o coreógrafo, e Veltchek para os movimentos do côro lírico, requerido pelo teatro de Eurípedes. O guarda-roupa e a tenda de Hécuba foram desenhados por Guorci, tendo o maestro Francisco Mignoni escrito especialmente a música para êsse espetáculo erguido em tôda a sua grandeza, 2.400 anos depois de sua criação.

Os principais intérpretes de Hécuba, foram: Miriam Carmen (no papel título), Luciana Peotta (Polixena, filha de Hécuba), Ana Edler (Ama de Hécuba), Edson Silva (Agamenon), Hécio de Sousa (Polimnestor), Armando Carlos Magno (Ulisses), Nelson Mariani (sombra de Apolidoro), Teresa Raquel (corifeu) e outros. Resultou de tudo isso, a recomposição admirável do teatro de Eurípedes, o primeiro a se livrar dos elementos míticos sôbre os quais contruíram suas peças



«Ó mulher... os gregos resolveram imolar tua filha Polixena sôbre o elevado túmulo de Aquiles.»



«Socorrei-me, pelos deuses vos peço. Foi Hécuba com suas fiéis troianas assim me arruinou...»

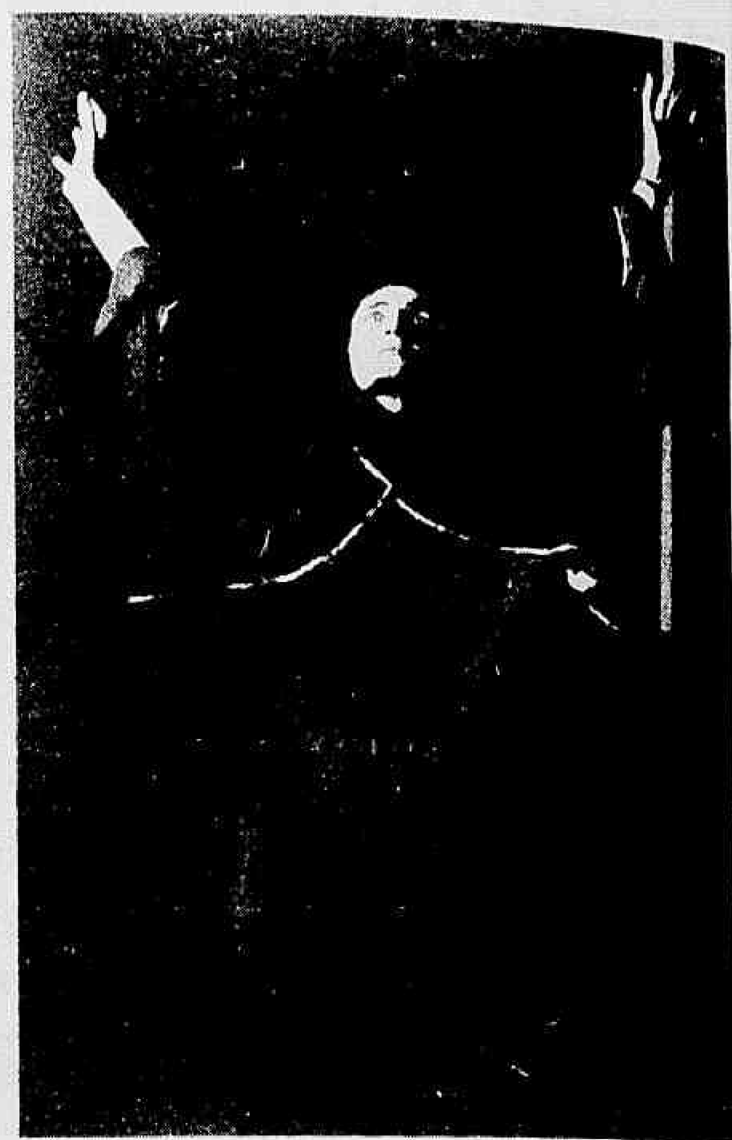


«Ó minha filha, toca-me ainda uma vez, estende-me a tua mão, não me deixes sem filhos...»

# O EURÍPEDES DE PASCOAL







## LUCIANA PEOTTA

● Estreou ano passado, no Teatro Duse, com a peça «Lázaro», do jovem teatrólogo brasileiro Francisco Pereira da Silva. Trabalhou depois em «O Idiota» e «Rodrigo, põe o dinheiro no bôlso», também no teatrinho de Pascoal Carlos Magno. Diz do teatro que é a sua vocação irremediável. Basta vê-la no palco, para acreditar. Com a Polixena da tragédia de Eurípedes revelou possibilidades dramáticas que a anunciam como um autêntico valor da nova geração de atores brasileiros. Luciana Peotta nasceu e amadureceu no teatro profissional.

## MIRIAM CARMEN

● Desempenhou o papel de Hécuba, absorvendo inteiramente o conteúdo emocional da desventurada personagem de Eurípedes. O seu trabalho consagra-a como uma das maiores atrizes de que dispõe, no momento, o teatro brasileiro. Estreou em 1949 com a tragédia Macbeth, cumprindo outras ótimas performances nas peças «O Noviço», «Eléctra» e «Casa Fechada», nesta última a convite de Ruggero Jacobbi. Deixou de ganhar o prêmio de «maior revelação de 1951», por não ser profissional. Achamos que deveriam inventar um outro prêmio para ela.

## ANA EDLER

● Fêz parte do grupo do Teatro do Estudante que excursionou, ano passado, ao norte do Brasil, obtendo a maior consagração de que já foi alvo a instituição de Pascoal Carlos Magno. Ana Edler estreou no papel de Emila na peça «O Noviço», progredindo em outras interpretações em «Lázaro», «Festival Checov», «A Volta», «O Idiota» e «Rodrigo, põe o dinheiro no bôlso», recentemente. O seu desempenho como a Ana da tragédia de Eurípedes, veio ratificar os prognósticos da crítica a seu respeito, como uma das intérpretes em que se apoiou o melhor do elenco.

Sófocles e Ésquilo, e a enfocar psicològicamente as flutuações da alma humana em suas reações contra a inexorabilidade do destino.

Sustentada por um elenco coerente e firme no estabelecimento da atmosfera euripediana, a atriz Miriam Carmen deu mais um testemunho (maior, até aqui) de sua vocação dramática. A sua Hécuba foi tão dolorosa, forte e complexa quanto convinha ser. Dir-se-ia que a jovem atriz carregava nos ombros as pesadas adversidades que atingiram a rainha destronada, a espôsa sem marido e a mãe sem filhos da tragédia de Eurípedes. As fotografias apresentadas ilustram, com excelência, a grandiosidade do trabalho realizado pelos estudantes de Pascoal Carlos Magno.



**Fere, não poupes nada. Destrói as portas. Jamais verás a claridade do dia... Estou vingada...»**



«Falas com acêrto minha filha, mas esta tua generosidade aumenta mais a minha dor.



«Nada dizes de novo. Já tenho conhecimento de tôdas essas calamidades.»

# Se você ainda não bebeu

# Guaraná
# BRAHMA

## ainda não conhece o saudável Guaraná natural





É verdade! O Guaraná Brahma contém o verdadeiro guaraná natural. Prove-o e sinta o sabor característico e delicioso do guaraná. O Guaraná Brahma é um excelente refrigerante porque possui as propriedades tônicas do guaraná natural. O Guaraná Brahma agrada ao paladar mais exigente. O Guaraná Brahma é preferido por crianças e adultos. Beba também o Guaraná Brahma. É saudável e delicioso!




**Guaraná**
**BRAHMA**

*Uma garrafa = 2 copos*

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA

1025

# PRODUZINDO SEMPRE MAIS ENERGIA ELÉTRICA!

**EXPANSÃO da CAPACIDADE:**

**Instalada**

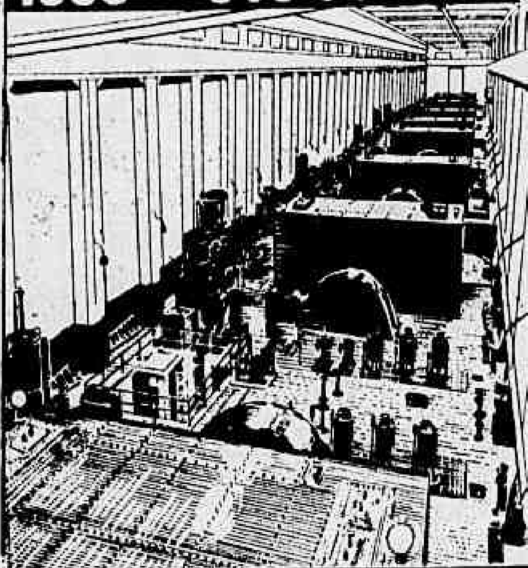
**Em 1901 = 2 000 kW**
**Até 1937 = 410 000 kW**
**Até 1953 = 1 033 000 kW**

**Em construção até 1956**

**720 000 kW**

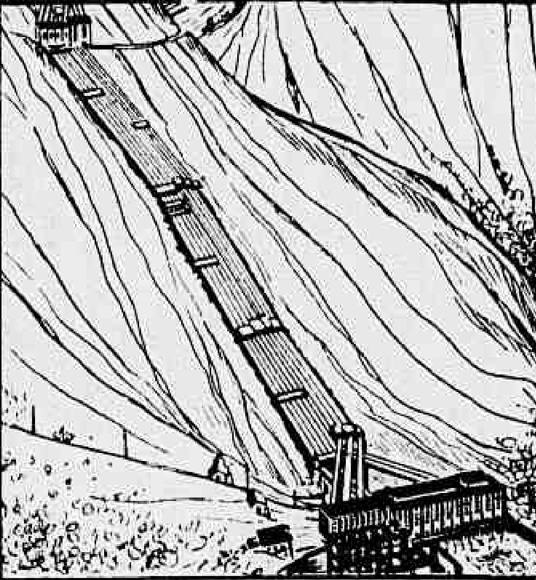
De 1937 a 1953 a capacidade do sistema aumentou em mais de 100%, e com a execução das obras em andamento, a capacidade geradora se elevará em futuro próximo a 1 753 000 kW.

**1938 • 540 000 kW**



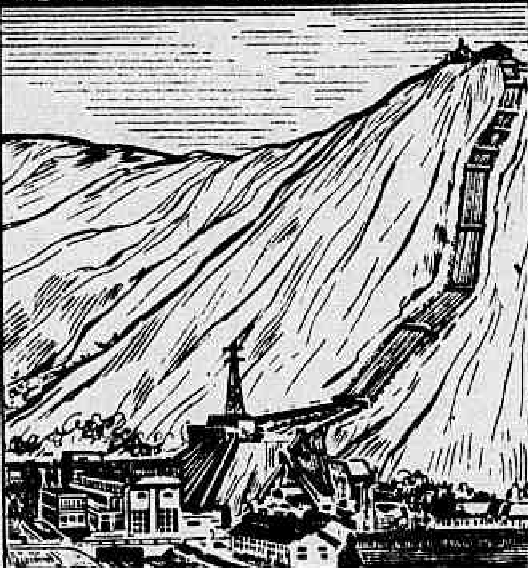
Em 1938, com a instalação de duas novas unidades de 65 000 quilowatts cada uma na Usina de Cubatão, o total da capacidade geradora passou a ser de 540 000 quilowatts.

**1947 • 758 000 kW**



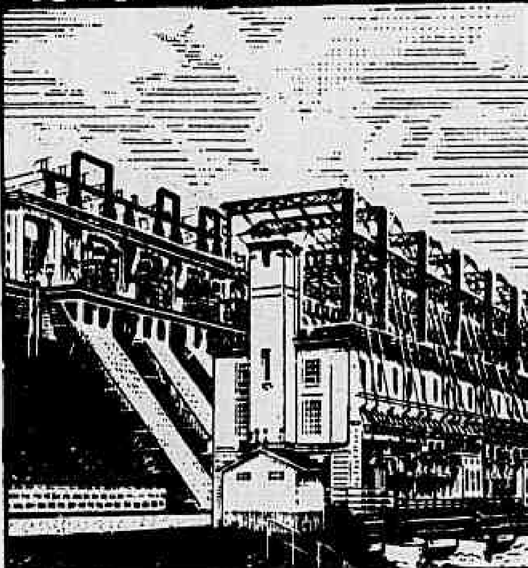
Durante os anos de 1940 a 1947 várias novas unidades geradoras entraram em serviço nas usinas de Cubatão e Fontes num total de cêrca de duzentos e dezoito mil quilowatts.

**1948 • 823 000 kW**



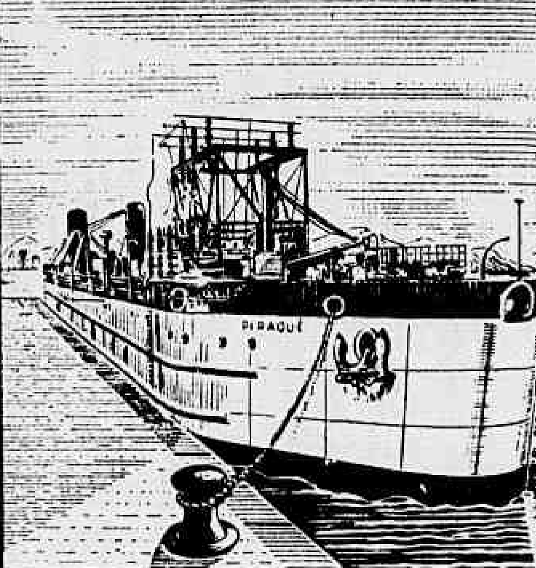
Em 1948, novo aumento da capacidade da Usina de Cubatão, com a instalação de mais um gerador de 65 000 quilowatts, elevou a capacidade do sistema para 823 000 quilowatts.

**1949 • 868 000 kW**



Em 1949, foi completada a instalação do gerador N.º 5 da Usina de Ilha dos Pombos, no Rio Paraíba. Com isso, a capacidade do sistema foi aumentada em mais 45 000 quilowatts.

**1950 • 963 000 kW**




Em 1950, entraram em serviço o 8.º gerador de Cubatão, com 65 000 kW e a Usina Flutuante Piraquê, de 30 000 kW, aumentando a capacidade instalada do sistema em 95 000 quilowatts.

## E CONTINUANDO SEMPRE A EXPANDIR-SE...

**Desde a inauguração, em 1901, da sua primeira usina hidroelétrica, a de Parnaíba - hoje Usina Edgard de Souza - as Companhias do Grupo Light ampliaram os seus sistemas geradores e distribuidores de energia elétrica antecipando-se à demanda prevista. No após guerra, não foi possível expandir o sistema de acôrdo com os planos previamente estabelecidos, por circunstancias fora da alçada das Companhias.**

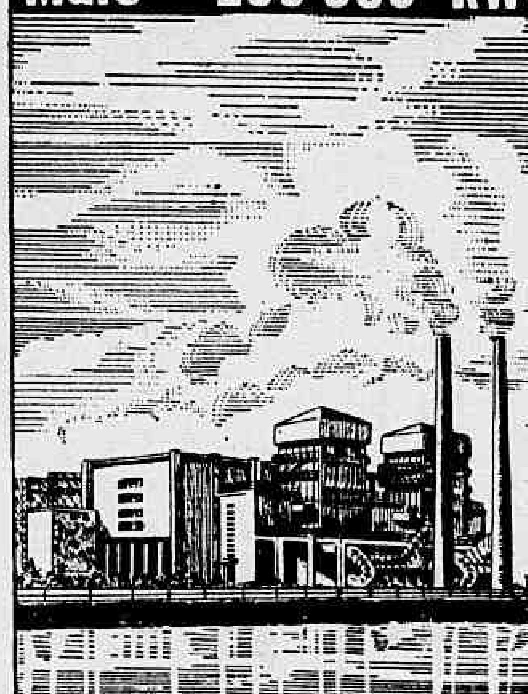
**Além da Usina Subterrânea Forçacava - ora em sua fase final de construção - duas outras, a termoelétrica de Piratininga e a subterrânea de Cubatão, estão iniciadas, embora ainda dependendo da ultimação de medidas de financiamento e importação.**

**Mais • 330 000 kW**



**Usina Subterrânea de Forçacava**
Terá capacidade de 330 000 quilowatts. No segundo semestre de 1953, entraram em serviço as primeiras unidades.

**Mais • 200 000 kW**



**Usina Termo-elétrica Piratininga**
Terá capacidade geradora total de 200 000 quilowatts; a primeira das suas duas unidades será inaugurada em 1954.

**Mais • 260 000 kW**



**Usina Subterrânea de Cubatão**
Terá, em 1956, quatro das seis unidades de 65 000 quilowatts. A capacidade final será de 390 000 quilowatts.




# MEIO SÉCULO A SERVIÇO DO BRASIL!

# TERRA ARRASADA

HUMBERTO ALENCAR

LÁ embaixo o chão dava a impressão de terra arrasada. Fazia duas horas que sobrevoávamos o Nordeste, na rota que vai de Salvador ao Joàzeiro do Padre Cícero e tudo nos transmitia uma profunda e dolorosa impressão de aniquilamento. Aqui e ali um estirão de estrada e, de raro em raro, um caminhão preguiçoso, visto à distância mais parecendo um brinquedo de criança, varando aquêle inferno, a imensa caldeira fervilhante do Nordeste. A capoeira, protetora de cangaceiros que fizeram época, mas, também, depositária dos segredos de tantos episódios heróicos nas lutas nordestinas que ainda aguardam o seu cantor, não era mais aquela a que se afeiçoara à minha retina. Pontos esparsos revelavam a sua existência. Ela, entretanto, não cobria mais tôda a plenitude do chão nordestino. É certo de que eu me recordava, para diminuir a tristeza, num esfôrço para amenizar a amargura, do milagre da ressurreição da terra. Com uma chuvazinha miúda, molhando-a, a vegetação irrompia, verde e cheirosa, bonita e petulante. Assim era a caatinga da minha meninice, das minhas férias de curso primário. E o fato é que o chão transmitia ao homem aquela fôrça de renascimento, a fibra dos que não se deixam vencer.

★ Nunca, porém, a terra ficara assim, quase totalmente nua, como se estivesse a definhar, sem transmitir aquela sensação de fibra invencível, caldeadora da têmpera dos que nela trabalhavam. O cangaceiro ou o «coronel», o político ou o doutor, o fazendeiro ou lavrador, cada qual no seu mundo, todos porém sentiam em si a fôrça criadora da terra que não se deixava abater.

A impressão, agora, era a de que o chão cansara de lutar. Falara de várias formas — pelo São Francisco, num eterno entregar-se para a irrigação, pela exuberância do algodão (ainda me lembro dos campos alvos, até perder de vista) que alimentava as fábricas antigas, pela extravagante produção das suas fibras novas, crescendo e produzindo no carrasco, pela mamona, arrancada dali para em terras muito longe se transformarem em óleo, produção em massa — a terra vinha falando, há séculos, no seu eterno renascer, à procura de uma sistematização que lhe regularizasse a vida.

★ O homem correspondera a tôdas as suas mensagens. Imigrara primeiro para a Amazônia, furara a selva, conquistara o Acre, construíra o seringal, enviara borracha para os fornos do mundo. O beri-beri e a sezão teimavam em destruir o homem que vinha com sêde de possuir a terra exuberante. Mas o bandeirante trazia a mensagem do chão que era um eterno renascer e não se deixava combalir.

Ao que parece, não se ouvira a mensagem da terra. Até as margens do velho rio, ali, se apresentavam criminosamente nuas. Eis que, ao longe, a vegetação cresce. Olhos e coração se alegram, vendo o chapadão que se aproxima, verde, a água caindo nos seus degraus. Mais logo, as granjas, as casas branquinhas, pareciam caiadinhas de novo, a igreja das missas aos domingos e o pomar ao lado da casa. O canavial ainda se erguia como festa luminosa para contentamento dos olhos. Sem querer, do fundo da memória, de repente, surgiram os versos do poeta Jader de Carvalho: «nasci nos taboleiros mansos do Quixadá e me criei nos canaviais do Cariri, onde o caboclo planta, semi-nu, de sol a sol, algodão para vestir o Brasil».

Era o Cariri, com a sua chapada, a velha serra do Araripe, senhora dos caminhos dos libertadores da Revolução do Equador, que não se entregara à devastação. Lá estavam os engenhos, produzindo a rapadura, os seus campos de cereais, a sua plantação de frutas. O canavial. Os campos branquinhos, de algodão.

O Cariri continua mandando a sua mensagem de sobrevivência. Resistente, indomável, forte.

Será que um dia se deixará que êle também fique como terra arrasada?



ENTREVISTA "PING-PONG"

# ANTÔNIO MARIA CONTRA A PAREDE

Texto de LEON ELIACHAR

Fotos de ALBERTO FERREIRA

ANTÔNIO Maria, 33 anos, nascido em Recife, com três anos de Bahia. Mora no Rio e é dos homens que mais trabalham nesta terra. E um dos que mais ganham. Cronista ("Diário Carioca" e "Manchete"), produtor de rádio (Mayrink e Nacional de São Paulo), faz "shows" nas horas vagas e é maníaco por automóvel (troca quase todo mês). Gasta 60 litros de gasolina por dia e mais de 50 contos por mês. Come por dois, é casado, tem dois filhos e é feliz. Detesta fazer a barba, atender telefone, conversar com gente imbecil. É gordo, franco, alegre, contagiante.

Tem sempre uma resposta na ponta da língua. Eis a prova:

**110 quilos de talento, duas mãos hábeis, 7 empregos, 14 horas de trabalho, 3 de sono e 8 de vida noturna ★ Um gordo coração habituado a andar de Cadilac**

1 — Você vale quanto pesa?

R — *Atualmente, não. Engordei 3 quilos.*

2 — Qual a sua maior ambição?

R — *Poder chegar um dia em casa e dizer: "Não me acordem. Deixem eu dormir até..."*

3 — Gosta mais de ler ou de escrever?

R — *De escrever, embora leia muito o que escrevo.*

4 — Por que você dorme?

R — *Para ter uma certa noção do ontem e do amanhã.*

5 — Gostaria de ser bígamo?

R — *Não mereço tanto...*

6 — Um homem, para ser homem, o que é preciso fazer?

R — *Comer um livro, matar um filho e, depois, subir na árvore.*

7 — O que é que você chama de "mulher ideal"?

R — *A que nunca faz estas três perguntas: "De onde você veio"? "Para onde você vai"?... e "Será que eu posso ir com você"?*

8 — O que acha de Fernando Lôbo?

R — *Uma graça.*

9 — O que é que você fêz no "Ninguém me ama"?

R — *Comprei um disco. Mas, a princípio, cheguei a pensar que tinha feito tudo.*

10 — Qual a profissão que você acha, realmente, penosa?

R — *A das estátuas. Acordam muito cedo. A gente passa às seis da manhã e tôdas elas já estão em seus lugares, com suas fardinhas, algumas já montadas em seus cavalinhos.*

11 — Se, daqui a 20 anos, alguém lhe convidasse para um passeio a Marte, o que é que você responderia?

R — *Responderia com outra pergunta: "O Lôbo vai"?*

12 — E o amor? Sabe defini-lo?

R — *Gordo não entende muito dessas coisas. Mas, é um negócio assim:* Mulher — *Você casaria comigo?* Homem — *Agora mesmo, em cima desta mesa, dentro dêste prato. (Garção, será que você tem aí um guardanapo maior?)*

13 — Qual a coisa mais bonita da vida?

R — *Mulher, com o paletó de pijama da gente, dando conselho a gente.*

14 — Qual a mulher mais bonita que você viu em sua vida?

R — *Uma, que passou, de branco, na Avenida Ipiranga, em São Paulo. Ia com um menino pela mão. Senti uma vontade enorme de tirar o menino dali, ir para a mão onde êle estava e, na distração, chegar onde ela (a mulher) chegasse e pedir um banho.*

15 — O que é que você sente, quando vê uma barata?

R — *Muito menos do que sente uma barata, quando me vê.*

16 — Quantas vêzes você come por dia?

R — *A gente nunca deve deixar para amanhã, o que pode comer hoje.*



P. — Que acha de Fernando Lôbo?

**R. — Uma graça.**




P. — O que é que você fêz no «Ninguém me ma?»

**R. — Comprei um disco. Mas, a princípio, cheguei a pensar que tinha feito tudo.**



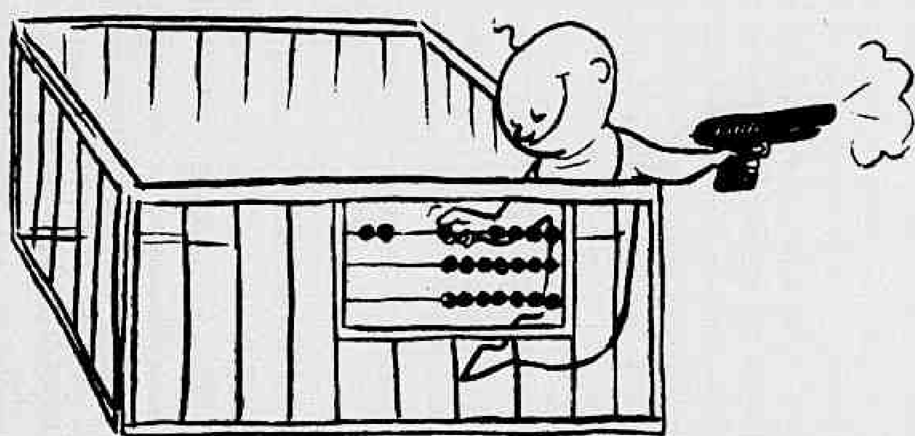
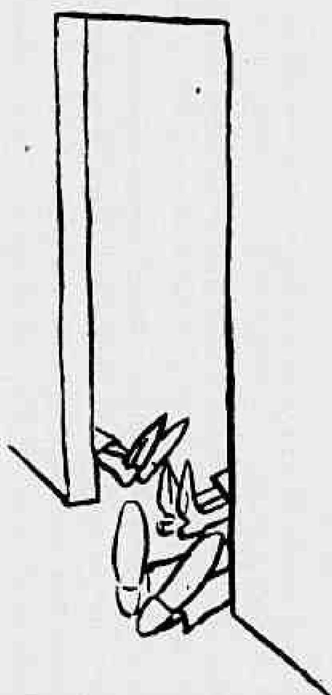
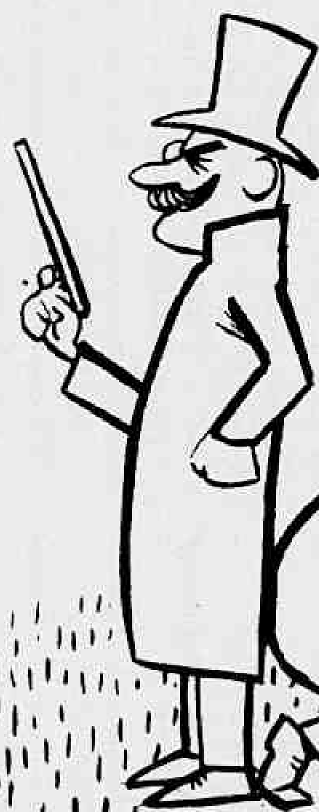
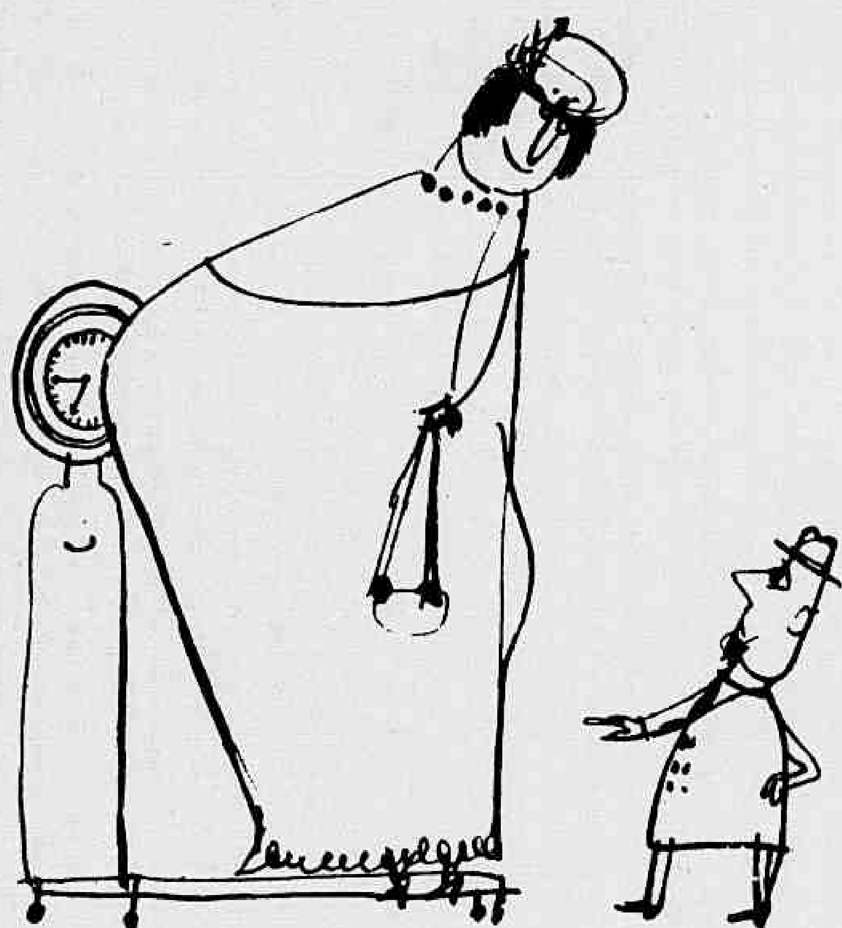
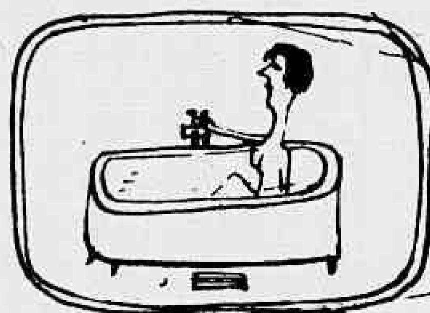
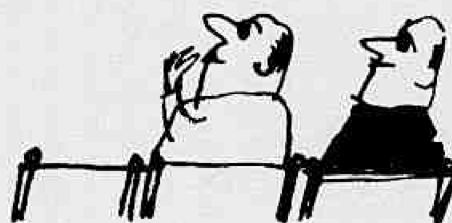
P. — Qual a coisa mais bonita da vida?

**R. — Mulher, com o paletó do pijama da gente, dando conselho à gente.**



R. — Comer um livro, matar um filho e, depois, subir na árvore.

O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS



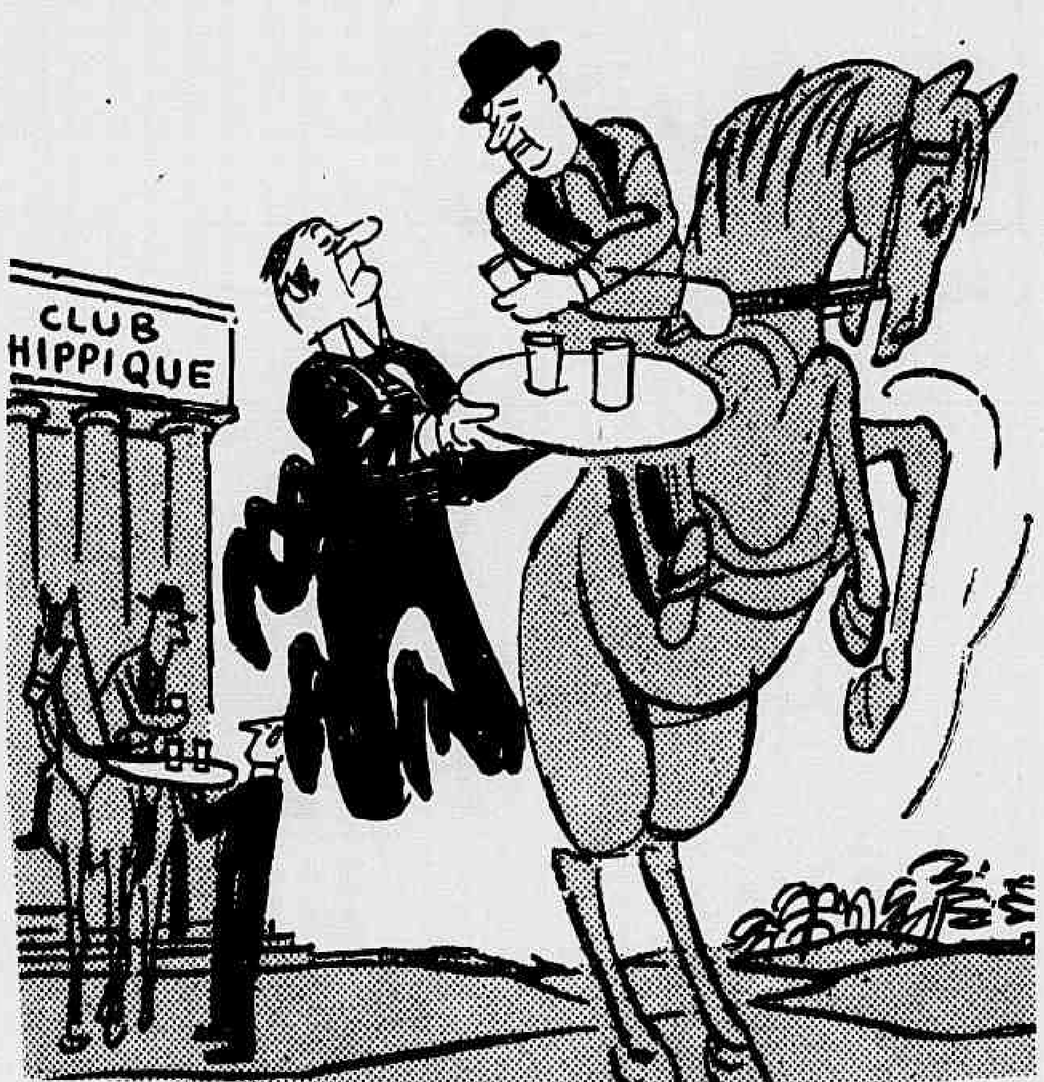
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

# O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

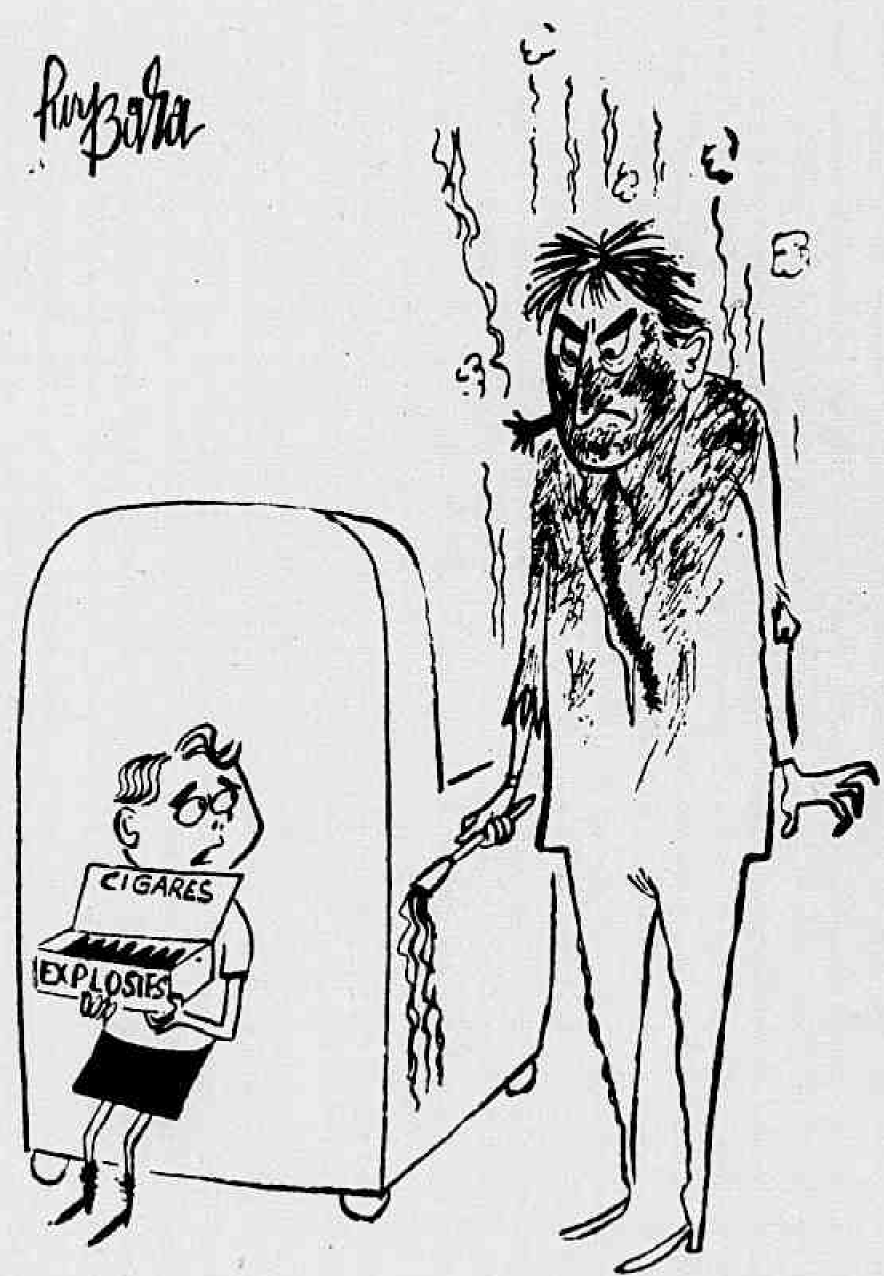
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS










O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

# SEMANA LITERÁRIA



## CINQÜENTA POETAS

Ainda êste mês será lançada uma antologia de poetas brasileiros contemporâneos, traduzida para o inglês por Leonard Downes. A coletânea («An Introduction to the Brazilian Modern Poetry») inclui trabalhos de cinqüenta poetas, a saber: Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Felipe de Oliveira, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Cassiano Ricardo, Joaquim Cardoso, Edgard Braga, Raul Bopp, Jorge de Lima, Sérgio Milliet, Dante Milano, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Augusto Frederico Schmidt, Henriqueta Lisboa, Mauro Mota, João Acioli, Vinicius de Moraes, Afrânio Zuccoloto, Jamil Almansur Haddad, Rossini Camargo Guarnieri, Bueno de Rivera, José Escobar Faria, Domingos Carvalho da Silva, Mário da Silva Brito, Antônio Rangel Bandeira, Alphonsus de Guimaraens Filho, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Cabral de Melo Neto, Antônio Pinto de Medeiros, Geraldo Vidigal, Darci Damasceno, Afonso Felix de Souza, Paulo Mendes Campos, Fernando Ferreira de Loanda, José Paulo Moreira da Fonseca, André Carneiro, Milton de Lima Sousa, Lêdo Ivo, Edson Regis, Geir Campos e Ciro Pimentel.

### UM POEMA POR SEMANA

*Êsse homem que vai sòzinho*
*Por estas praças, por estas ruas,*
*Tem consigo um segrêdo enorme,*
*É um homem.*

*Essa mulher igual às outras*
*Por estas ruas, por estas praças,*
*Traz uma surprêsa cruel,*
*É uma mulher.*

*A mulher encontra o homem,*
*Fazem ar de riso, e trocam de mão,*
*A surprêsa e o segrêdo aumentam*
*Violentos.*

*Mas a sombra do insofrido*
*Guarda o mistério na escuridão.*
*A morte ronda com sua foice.*
*Em verdade, é noite.*

**MÁRIO DE ANDRADE**
**«Lira Paulistana»**



## COCTEAU CONVALESCENTE

*Esta é a mais recente fotografia de Jean Cocteau, agora em convalescença, na sua vila de St. Jean Cap Ferrat, de enfermidade contraída quando de sua estada em Madrid*

## ESPELHO DE ESCRITORES

PEDRO DANTAS — Prudente de Morais, o neto, nascido na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em 1904, adotou desde o início de sua carreira literária e pseudônimo de Pedro Dantas e desta forma pôde tornar-se o anjo dos Dantas, na classificação gnomônica inventada por Jaime Ovalle. Estudou segundas letras no externato do Colégio Pedro II e bacharelou-se em 1926, pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Filho de um grande advogado, dono êle próprio de excepcional talento jurídico, poderia ter-se transformado num dos luminares forenses dêste país, não fôra o demônio da literatura, que desde cedo lhe exigiu suas melhores reservas morais e cívicas. Isto não quer dizer, no entanto, que Pedro Dantas tenha abandonado o seu contato com os problemas jurídicos. Ainda agora, na «Tribuna da Imprensa», publica diàriamente uma crônica versando sôbre leis e suas sutilezas, e os melhores especialistas na matéria estão acordes quanto ao valor dessas contribuições. Como cronista parlamentar, dos mais lúcidos que jamais tivemos, ministra ao govêrno e à oposição verdadeiras lições de sabedoria jurídica, e tanto o líder da maioria quanto o da minoria, nos assuntos controversos, buscam ouvi-lo e entendê-lo, para o bem de todos e felicidade geral. Claro que Pedro Dantas, apesar de ouvido e entendido, não chega a dominar os cordéis que movimentam, dos bastidores, a pantomima republicana. O que é, verdadeiramente, uma pena, reconhecida por gregos e troianos, tanto assim que o nobre cronista, a duzentas léguas de qualquer ambição política, vai-se erigindo em candidato à presidência da República de muita gente, inclusive do jornalista Carlos Castelo Branco e do deputado Benedito Valadares. Pertence ao PR, em homenagem ao lado tradicional de sua personalidade, e preside o Diretório Regional do Partido no Distrito Federal (Pedro Dantas e seu Regional). Ainda em homenagem ao seu lado tradicional e familiar usa até hoje a roupa que lhe foi deixada pelo pai (interna e externa), e isto se torna possível em virtude do formidável caráter dos tecidos de trinta anos atrás — camisas imorredouras, aptas a envolver a eternidade, casemiras capazes de forrar os sovacos do tempo. E eis que Pedro Dantas seria um conservador de sobrecasaca se não lhe sobrasse a desordem lírica que faz a riqueza dos poetas, dos santos e dos melhores doidos. Pois lhe sobra essa riqueza, êsse amor através do qual o mundo se transfigura — e ei-lo boêmio e desvairado apesar da indumentária, exatíssimo e surpreendente a um só tempo, candidato de seus amigos à presidência da República e «escafandrista da aurora» no poço escuro da madrugada. Como escritor, Pedro Dantas tem a maior importância, embora a sua obra, bastante vasta, ainda não tenha sido editada em livro. Fundou em 1924, com Sérgio Buarque de Holanda, a revista «Estética», que exerceu grande influência modernista. Colaborou assìduamente em «Terra Roxa», «Antropofagia», «Revista Nova» e «Revista do Brasil», quando dirigida por Rodrigo M. F. de Andrade. São os seguintes os seus volumes já prontos: «Poesia», «Crítica Literária», «Perspectivas», ensaio estético, «Memórias», já publicadas no «Diário Carioca» e uma coletânea de contos. O livro que mais preza é «perspectiva», onde reúne o curso estético dado na extinta Universidade do Distrito Federal, da qual foi diretor. Nesse livro, a partir da psicologia de Pierre Janet, estabelece uma teoria sôbre o fenômeno da linguagem e da comunicação literária. E' grande admirador de Blaise Cendrars, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira e Drummond, e traduziu o «Edipo» de André Gide. Foi o primeiro homem, no Brasil, a saber da existência da bomba atômica: estando na Taberna da Glória, no dia da morte de Mário de Andrade, foi-lhe dado observar, por acaso, o pileque de um americano solitário que dizia: «AH! AH! AH! E' do tamanho de um ôvo! Os japonêses vão ver! A bomba vai destruir Hiroshima! Pearl Harbour será vingada!» — H.P.



# FIGURA DE FORA

ROBERT DESNOS: — Acaba de ser lançada, na França, a sexta edição da antologia poética de Robert Desnos, sob o título de «Domaine Public». A coletânea reproduz integralmente «Corps et Biens» e «Fortunes», os dois mais importantes livros de Desnos, ao mesmo tempo que seleciona trechos de outros trabalhos do poeta, de modo a permitir uma visão orgânica de sua evolução criadora. Nasceu em Paris, no ano de 1900, Robert Desnos, aos dezessete anos, publica os seus primeiros poemas, nas revistas literárias da época. Dois anos mais tarde, em 1919 lança «Le Fard des Argonautes» e «L'Ode a Coco», cuja versão definitiva se encontra em «Corps et Biens». Liga-se, então, aos seus primeiros amigos, Bemjamin Péret, André Breton, Aragon, Tistan Tzara. Estabelece, também, contato com o grupo que depois tomará o nome de surrealista: Paul Eluard, Philippe Soupault, René Crevel. Em 1922, vamos encontrá-lo em plena atividade, na vanguarda do movimento surrealista. Breton e Soupault acabam de descobrir as fontes da escrita automática e editam «Les Champs Magnétiques». Paralelamente, René Crevel lança a sua teoria do «sono hipnótico», através do qual se poderia conseguir uma absoluta fidelidade aos materiais e associações vindos do inconsciente. Abate-se sôbre os surrealistas uma verdadeira epidemia de sonos provocados e, nessas sessões de automatismo psíquico, Robert Desnos é o que mais se destaca. Assim o descreve Aragon, relatando uma de tais experiências: «No café, dentro do ruído das vozes, da luz plena, do acotovelamento, Robert Desnos não tem senão que fechar os olhos, e fala, e em meio aos copos, aos pratos, desaba um oceano com seu mugido profético e seus vapores ornados de longas auriflamas. Os que interrogam êsse formidável sonâmbulo apenas o provocam — e logo surgem a predicação, o tom de magia, o da revelação, o da revolução, o tom do fanático e do apóstolo...» Robert Desnos, embora empenhado a fundo na aventura surrealista, não se limitou ao seu círculo. Buscou novos caminhos, outros ritmos, técnicas tradicionais, bebeu em Villon, Nerval e Gangora, e assim pôde construir uma obra rica, complexa, desvairada e ordenada a um só tempo. Mobilizado em 1939, foi feito prisioneiro, conseguiu escapar e voltou a Paris onde se ligou ao movimento de resistência. Prêso pela Gestapo em 1944, conheceu o campo de concentração de Buchenwald, e outros infernos concentracionários, tendo sido encontrado moribundo pelas tropas aliadas em Terezina, na Tchecoslováquia. Aí faleceu, apesar de todos os cuidados, a 8 de junho de 1945. Tinha apenas quarenta e cinco anos. Estava cheio de esperanças e projetos.



(Condensado de um prefácio de René Bertelé).



O SR. ATÍLIO MILANO continua brilhando nos suplementos dominicais do «O Jornal», onde colabora com exemplar assiduidade. De um de seus artigos extraímos o seguinte trecho, bastante significativo: — «Maria seguiu de avião, para onde não digo. Maria — minha — quase — nunca tem trinta anos, é altibaixa, lindo — morena? Eu não digo. Aonde vai, cujo é o lugar retorna? Voa atrás dela o meu pensamento: nuvens passai, passai chuvas do fatal encontro, que estou montado no Pégaso, de asas, trépidas, assustadas asas, fitando-a, cuidando-a, benzendo-a durante o trajeto».

★

«QUINCAS BORBA» é o nome do novo mensário de arte e literatura, lançado na capital paulista, tendo os seguintes responsáveis: editor — A. Batista Lino; diretor — J. Herculano Pires; diretor literário — Jorge Rizzini; secretário — A. R. de Paula Leite.

★

A POETISA Cecília Meireles tem publicado excelentes crônicas de sua viagem ao Oriente. Seria desejável que a autora do «Romanceiro da Inconfidência» as reunisse em volume.

★

E POR FALAR em crônicas: o escritor Luís Jardim, na «Tribuna da Imprensa», vinha restituindo ao gênero sua natural dignidade, um tanto amarfanhada pelo excesso de «média-luz» que caracteriza a maioria de nossos cronistas. De repente, as crônicas de Luís Jardim deixaram de sair, sem maiores explicações. Estamos sentindo falta.

★

A DOUTORA IRACI DOYLE publicará em breve o segundo volume de sua «Introdução à Medicina Psicológica», o mais completo trabalho de natureza psiquiátrica já surgido em nosso país.

# Cineac Literário



O ESCRITOR Jorge Lacerda, também, deputado, declarou da tribuna da Câmara, num assomo de danunzianismo parlamentar, «que a mandioca, em 1943, foi retirada da obscuridade de sua vida subterrânea para a ribalta da planificação nacional».

★

SOLICITADO POR UMA casa editôra francesa a que lhe enviasse alguns dados biográficos, o romancista russo Maximo Gorki respondeu da seguinte maneira: «Em 1878, aprendiz de sapateiro; em 1879, aprendiz de desenhista; em 1880, empregado no correio; em 1884, moço de recados; em 1885, forneiro; em 1886, ator de uma companhia lírica ambulante; em 1887, vendedor de batatas; em 1888, tentei suicidar-me; em 1889, escrevente de advogado; em 1890, percorri a Rússia a pé; em 1892, publiquei o primeio romance; de 1892 a 1893, publiquei os demais.

★

O POETA VITO PENTAGNA, após longo silêncio, tem pronto um novo livro de poemas, «Dez anos de Poesia», a ser brevemente editado.

O ESCRITOR FERNANDO SABINO escreveu para si o seguinte epitáfio: «Instado a sintetizar numa frase a essência de sua experiência vital, declarou apenas: NASCEMOS PARA MORRER. E nada mais disse, nem lhe foi perguntado.»

★

MILLÔR FERNANDES, tendo estreado vitoriosamente no teatro, gostou do gênero, tanto assim que prepara no momento três novas peças, ainda sem nome.

★

JAIME OVALLE, numa entrevista concedida a Vinicius de Moraes, declarou que o poeta Schmidt, ao morrer, iria para o limbo. O autor de «Estrêla Solitária», com grande indignação, telefonou para Ovalle, taxando-o de «ladrão de batismo».

★

JEAN COCTEAU, falando a respeito de Mauriac: «Trata-se de uma criança mimada, elevada à categoria de acadêmico».

★

FRANCIS CARCO, após ler uma biografia a seu respeito, teve o seguinte comentário: «E' fabuloso o que aprendemos sôbre nós mesmos, quando os outros têm boa memória».

## BRAGA VIAJA DE "JEEP"



**● Rubem Braga, de borzeguins ao leito, percorrendo num «jeep» as estradas agrestes de seu Estado natal, com o objetivo de escrever um livro sôbre aquelas abençoadas paragens. A aventura (é a segunda aventura de «jeep» de Braga: a primeira foi na FEB) é patrocinada pelo governador do Espírito Santo e, segundo se diz, essa prova de bom gôsto facilitará enormemente a sua reeleição.**



«O ar de leão, de juba velha mas juba, justifica ainda a idade. Só à primeira vista parece êle mais idoso. As feições têm ainda vigor e o olhar é inteligente e inquieto».

# COMO VEJO OSVALDO ARANHA

CASTELLO

JÁ vi em minha vida vários Osvaldo Aranha, a partir do desencantado visionário do «deserto de homens e de idéias», o primeiro de que tive notícia, ao ministro que voltou ao govêrno depois de vinte anos cheio de ilusões e encantos. Sua constante é o brilho.

Fisicamente, o primeiro Osvaldo Aranha com que me deparei — faz no máximo dois anos —, apesar de mais imponente e encorpado do que imaginara, identifiquei-o sem ajuda na porta da livraria da Revista Forense. Com outros cidadãos dos quais não me recordo, vinha êle do interior da loja, detendo-se em frente à vitrina, onde parei para vê-lo. Exibia-se ali, recente, o «Esperidião» do sr. Benedito Valadares.

— Ainda não li — disse Aranha. — Mas não acredito que o Benedito tenha escrito isto. Disseram-me que foi...

Apesar do ligeiro desencontro do físico real com o imaginado, a frase me punha diante de um dos Osvaldo Aranha de que me haviam falado: conversador, excitante, dizendo de tudo como se de tudo entendesse. É verdade que só falara do «Esperidião». Mas...

Nessa época, o sr. Danton Coelho, ao que se dizia, já cavava a pasta da Fazenda para o amigo. Corria que o Presidente, no auge do desencanto com o seu Ministério de Experiência, esperava muito da imaginação do velho amigo, com quem vinha se encontrando regularmente.

Aqui as informações se desajustam: dizem os adversários que Getúlio, para dar a pasta, impunha como condição trazer Aranha consigo a UDN. Os amigos do ministro retificam: para aceitar, Aranha impunha a renovação total do govêrno.

— Não vou sòzinho. Preciso do José Américo, do Kelly, do Brigadeiro...

De qualquer forma, o sr. Osvaldo Aranha começou a conversar com os udenistas. Aos mais fáceis, convidou. Aos outros, insinuou. A UDN passava pelo seu primeiro grande perigo. Procurei o sr. Odilon Braga. Numa entrevista, escrita por êle, respondeu às sondagens pela negativa e lembrou amàvelmente aos interessados que o ex-chanceler não era udenista. Essa entrevista, considerada injusta pelos que se recordavam de ter o embaixador levantado dinheiro para as duas campanhas do Brigadeiro, liqüidou o primeiro Plano Aranha.

No dia seguinte bati à porta do escritório de advocacia do ministro. Estava doente e abatido, mas me recebeu. Durante uma hora ouvi-o a conversar e sairia de lá certo de que jamais pensara êle em ser ministro e em fazer convites, se não fôssem precisas as notícias em contrário. A situação lhe parecia muito ruim e, embora não estivesse fazendo qualquer demarche, só podia considerar patriótica a ajuda ao govêrno. A nada aspirava. Não era mais homem para vaidades, vivia afastado da política, perdera o contato com a imprensa. Os filhos, preocupados com a sua saúde, e inquietos quanto aos rumos do govêrno, pareciam vetar sua ida para o Ministério. A entrevista do sr. Odilon Braga o irritara. Quando chegou a êsse capítulo, interrompeu a conversa por um instante, sumiu pela porta dos fundos, voltando daí a pouco.

— Menino, venha cá. Vou lhe mostrar o que falta à UDN.

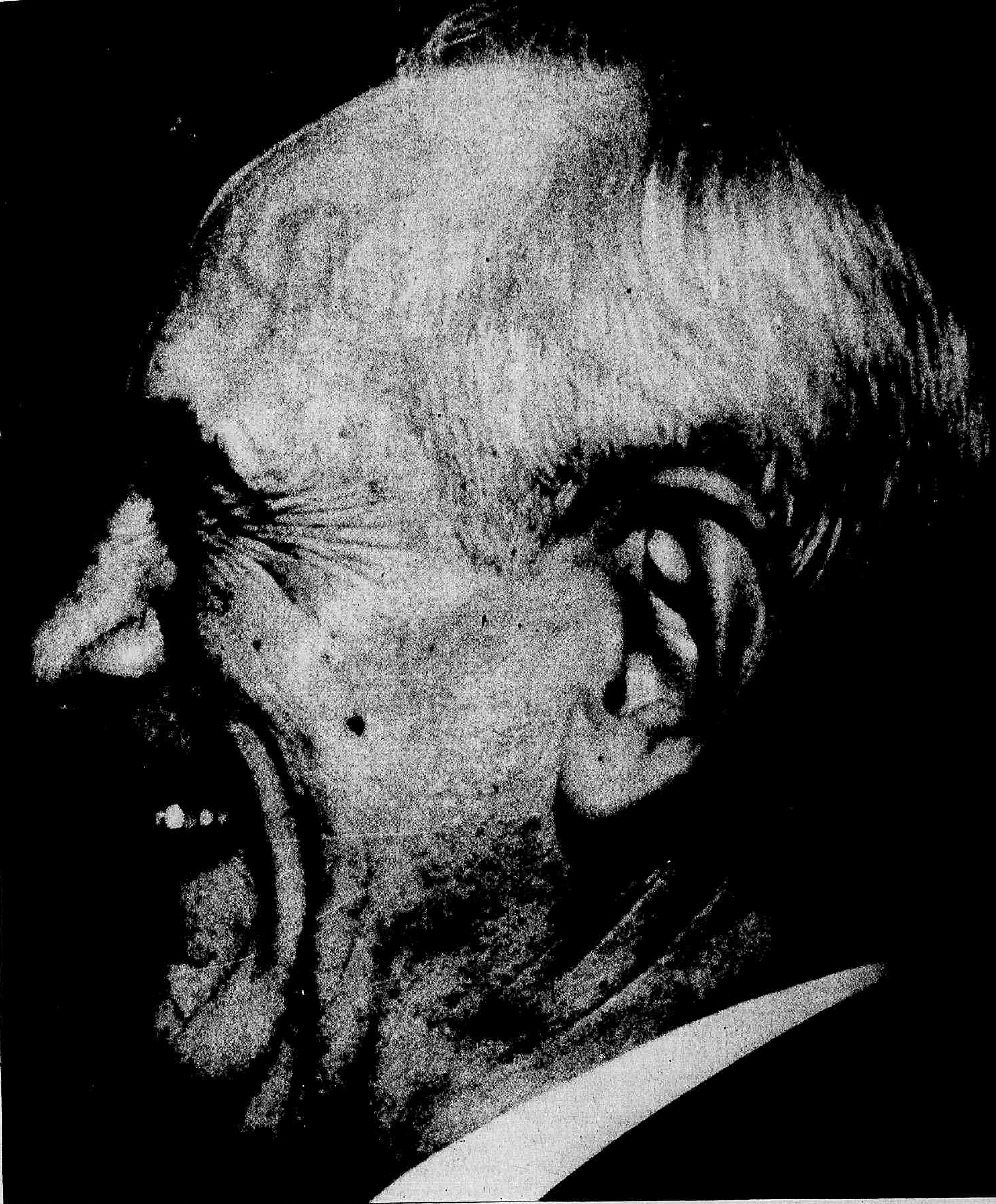
Lá dentro, vi uma posta de sangue vivo, que acabara de ser eliminado. — O que falta à UDN é isto. É sangue.

A cena, brutal, colocou-me diante do gaúcho. O gaúcho ferido do lado do general Flores da Cunha no assalto a uma ponte na campanha de 1923. O gaúcho da anedota contada pelo sr. Cristiano Machado, cuja sensibilidade de pucela passou por incômoda prova na parte mais íntima dos aposentos do ministro.

Vi pela terceira vez o sr. Osvaldo Aranha no dia em que foi nomeado ministro da Fazenda. Nesse meio tempo, dei-lhe oportunidade de



Osvaldo Aranha, senhora e filhos. O rapaz de óculos, Osvaldo Aranha Filho, serviu na FEB, como artilheiro, sob o comando do gal. Cordeiro de Farias. Aranha aceitou voltar ao Ministério contra a opinião da família. A foto acima é velha, de junho de 42, quando comemorou suas Bodas de Prata.



**«Já vi em minha vida vários Osvaldo Aranha, a partir do desencantado visionário do «deserto de homens e idéias», o primeiro de que tive notícia, ao ministro que voltou ao govêrno depois de 20 anos cheio de ilusões e encantos. Sua constante é o brilho».**

desmentir duas ou três notícias minhas. Em compensação fortaleceu-me êle na convicção da precariedade dos desmentidos políticos. Êle é, aliás, dos que desmentem com a maior facilidade, o que aqui vai sem alusão ao incidente do «New York Times». Qualquer repórter sabe disso.

A casa da ladeira do Ascurra apresentava-se como em dia de vitória que afinal chegou. Enquanto o ministro acabava o jantar, informei-me da sua idade. Fizera 58 anos. O ar de leão, de juba velha mas juba, justifica ainda a idade. Só à primeira vista parece êle mais idoso. As feições têm ainda vigor e o olhar é inteligente e inquieto.

Quando o ministro entrou no «living», acompanhado do sr. Danton Coelho, muito menos decisivo do que o sr. Benjamin Vargas, esperavam-no jornalistas, um Ricardo Jafet exultante, os deputados Monteiro de Castro e Magalhães Pinto e algumas figurinhas difíceis. Tentou-se uma entrevista impossível. Os abraços, a casa cheia, a cabeça quente reduziam tudo a duas ou três frases formais. Afinal perguntei-lhe:

— O senhor volta para o govêrno com a mesma esperança com que nêle entrou em 1930?

O olhar do ministro inflamou-se. Não sei se foi com ironia, mas o certo é que respondeu:

— Claro. Não sou homem para me meter em nada sem esperança.

Tenho visto depois disso outras vêzes o sr. Osvaldo Aranha, mas envolto nesse manto invulnerável que o govêrno veste nos homens. Um homem irradiante, mas inatingível na sua inteligência, na sua simpatia, no alegre predomínio das suas virtudes. Êle dá, não recebe.

# O RIO É ASSIM

# PRAÇA DA REPÚBLICA

De MARITA LIMA

Ilustração de THIRÉ

É uma praça de passagem. Não é um lugar de passeio. Seu asfalto pisado e repisado, oleoso e brilhante, esquentado pelo rodar dos carros, recusa, cada dia, absorver o sangue que se espalha sôbre êle. Velhos, crianças, mulheres, homens cansados, todos misturam seu último grito ao guinchar dos pneus. Mas a praça não abandona os que morrem nela, ou que colam as dores de seu corpo ferido ao chão pisado, repisado, oleoso, brilhante e ensanguentado. É do outro lado que sai a ambulância. A sirene abre caminho entre a multidão, e passa o carro branco, em tôdas as direções. Alguém caiu do bonde, uma criança está nascendo, o ciúme acionou algum gatilho. Não se sabe. Mas passa o carro branco. A sirene soa de novo. Vem outro carro, que também pode ser vermelho. Então, vem cheio de homens vestidos de azul. É o dos bombeiros. Passa correndo, gemendo, assustando os que atravessam a rua, varando sinaleiros, denunciando fogo na cidade, inculcando espanto nos olhares e deslumbrando as crianças: «Quando eu crescer, vou ser bombeiro».

● A praça acolhe todos da zona sul, do centro, do resto da cidade, para encaminhá-los para o norte. Para a casa, para o subúrbio. O trem sai dali. A «gare» da Central do Brasil eleva a tôrre mais alta da cidade, com um relógio azul em cima. Dêle vêm descendo as repartições, de andar em andar, até o chão, os corredores, os guichês, as lojas. E entra gente. E sai gente. Cada trem inunda de povo a «gare» da Central. Todos têm pressa. Todos correm. Para o trabalho, para a escola, para os rumos da cidade. Quando cai a noite, posta a descoberto, abandonada pelo movimento dos que vão e dos que vêm, surgem os que ficam. Aparece a descoberto a miséria. Famílias inteiras, magras, doentes, cobertas de andrajos, se amontoam no chão da Central, para dormir. Não têm casa. Têm história. Alguns vieram do norte, são flagelados. Outros têm histórias diferentes. Mas todos estão ali. Homens magros, mulheres, crianças de tôdas idades. Dormem no chão, cobrindo de corpos uma ala inteira, por uma razão muito simples: não têm casa. Não moram. Apenas sofrem, mansamente, oprimidos pela própria impotência de clamar.

● A figura mais constante da praça é a do menor abandonado. Triste, miserável, grotesca, feia e desagradável, de tanta necessidade. Os meninos, ariscos, se encolhem pelos cantos, ou agrupados, percorrem a redondeza. São sempre as testemunhas da praça, consistindo um depoimento, êles próprios. Tem Quartel General, com menino esfarrapado rindo dos gritos do sargento. Tem um jardim enorme, melancólico, com gente de passagem, para pegar o trem, para tomar o bonde, com cotia fazendo graça, e com menino abandonado pedindo dinheiro aos que passam de dia, e dormindo nos bancos, nas noites em que não chove. Tem comércio. Tem lojas estreitas, escuras, imundas, com o chão abaixo do nível da rua, portas estreitas e o interior atulhado da mercadoria mais surpreendente. São casas velhas do antigo Mangue. Mangue do meretrício. Mangue que ainda cerca a praça e desvia muito homem já cansado, do caminho do trem ou do bonde.

● A praça, que é da República, matou a Praça 11. Ficou dela, apenas, a data. E a data da Praça 11 é o carnaval cantado e chorado, já que o samba foi expulso de lá. Batucada quente que cantou da última vez, em forma de alegria: «Vão acabar com a Praça II». E acabaram mesmo.

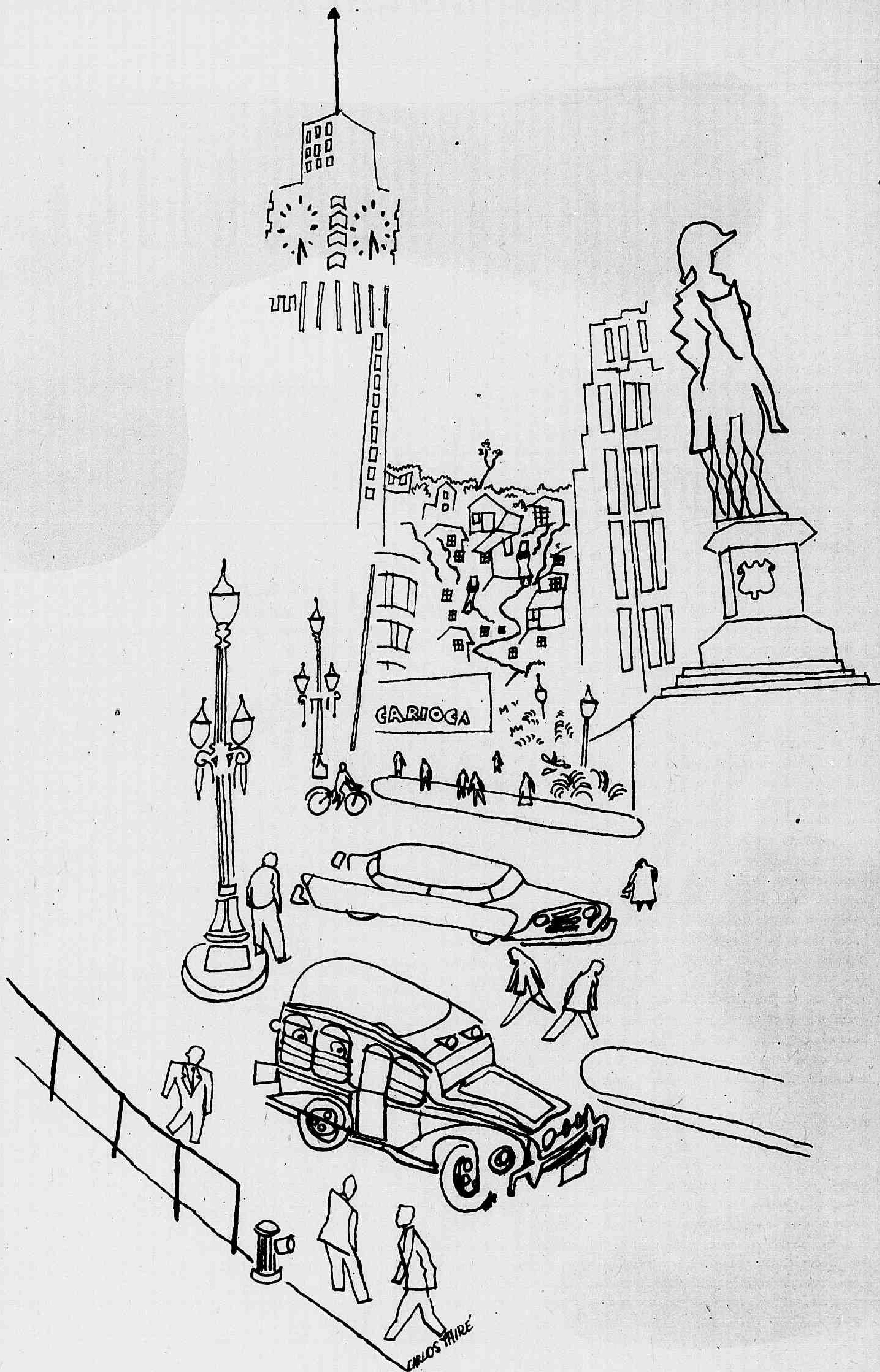
Quem vai de trem para S. Paulo, não vê Antônio. É pequenino para seus nove anos, branco, ou melhor, pálido amarelado, que é mais importante. Sujo. Olhos tristes, espantados. E ingênuo. Mora longe. Mas dizem que o Rio é muito grande, cheio de gente, com muito dinheiro. E Antônio pega carona de trem para vir para a cidade. O mal-trato impôs-lhe a timidez. Chega e não tem coragem de tentar. Vai para um canto. Fica numa esquina de becos, sentado junto a um monte de lixo, e, de longe, assiste aos desafios de malandros, ouve palavrões da bôca das mulheres, vê passarem os caminhões, as pessoas, tudo. Fica encolhido e quieto, porque é triste e tímido. Mas todo dia êle vem, porque pode, a providência, achá-lo, assim junto ao monte de lixo, esperando por ela. Com mêdo. Com paciência. Com sofrimento. Ainda não sabe que a providência não gosta de meninos cujo olhar acusa a gente, de tanto espanto e tristeza que carrega.

Tem Antônio, na praça. Mas tem, também, José. Tem Manoel. Gustavo. Jorge.. É capaz de ter até algum Olavo.

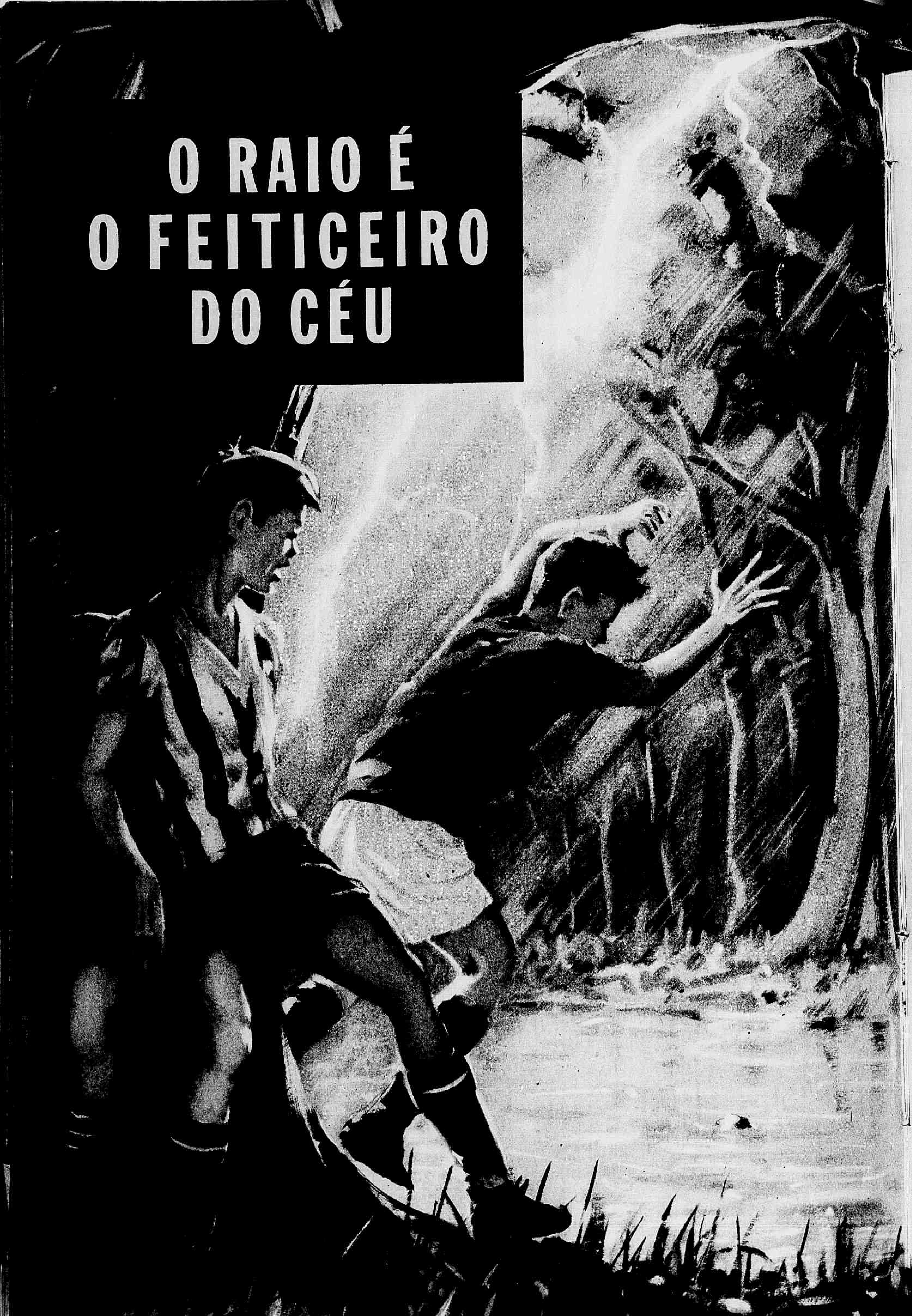
● A praça tem escola, com menina estudando dentro. Tem também um Ministério. O da Guerra. Tem ônibus, lotação feito até por caminhão, com plaquinha para a Penha. Tem parque de diversão em volta. Pavilhões onde, por qualquer cinco cruzeiros, a gente vê um doutor cortar fora cabeça de moça. Tem taboleiro da baiana, com fila para condução. Tem gente triste, cansada, oprimida e injustiçada, indo e vindo, vindo e indo, até o dia acabar. A praça tem História. Bem no meio dela, eleva-se, em monumento, sôbre um cavalo de metal, o herói chamado Duque de Caxias. Não dizemos que êle vê a praça, ou quantos por ela andam. Mas que é visto, é. Lá está êle, com galardões e passarinhos ao ombro. Duro. De ferro.

De noite tudo fica mais deserto. O Duque continua cego. Não vê os meninos abandonados e os homens sem casa, a dormirem nos bancos da praça, junto ao seu majestoso «Pantheon».

Desculpe, general, mas sabemos que se o senhor está aí, é porque não podemos botar em seu lugar uma fonte. Não há água, para isto. A praça, que é da República e tem tudo, tem sangue espalhado pelo chão, mas água, como em tôda parte, não tem, não.


CARIOCA
CARLOS THIRÉ

# O RAIO É O FEITICEIRO DO CÉU



# A ciência moderna já provou que as faiscas celestes emitem Raios-X; e a Física dos nossos tempos já pensa em utilizar no uso doméstico a potente e avassaladora energia dos raios

RESULTANTE das tempestades, o raio é, na escala terrestre, a fôrça brutal por excelência, podendo destruir criaturas e objetos, e provocar os fenômenos mais desconcertantes. Com efeito, nos anais do raio existem as histórias mais fantásticas e imprevistas. Como a dos três soldados franceses que, para se abrigar de uma tempestade, correram para debaixo de uma árvore. Fulminados, os infelizes permaneceram de pé e com os uniformes intactos. Pouco depois, como não obtivessem resposta ao que perguntavam, algumas pessoas lembraram-se de tocá-los e, qual não foi o seu espanto quando os três se desfizeram num monte de cinzas pulverizadas! Êste exemplo dramático é característico: o raio mata em uma fração ínfima de tempo, imobilizando a vítima na posição em que se achava.

## UM DÍNAMO GIGANTESCO

● Ainda que o raio acompanhe clàssicamente a tempestade, esta é, na realidade, a sua conseqüência, sendo que a eletricidade é o agente responsável. A eletricidade, no entanto, não é o previlégio da nuvem de tempestade: tôdas as nuvens são carregadas de eletricidade, e é esta, aliás, que lhes mantém o equilíbrio. A nuvem compõe-se, não de vapor de água, mas de gotas líqüidas, mantidas em equilíbrio pela eletroestática. A nuvem de tempestade caracteriza-se apenas pela sua enorme massa, cuja base poderá estar, por exemplo, a 1.500 metros do solo, ao passo que a sua parte superior atingirá 10 quilômetros.

Esta nuvem detém uma quantidade considerável de eletricidade. Mas, de onde vem tôda esta eletricidade? O processo é simples: as nuvens são formadas pela água que se evapora dos mares, e é ao atravessar a atmosfera que esta água capta as partículas de eletricidade esparsas na atmosfera. Sendo a Terra um corpo carregado de eletricidade negativa, sua atmosfera atua como um dínamo com relação à água dos oceanos. Porém, as diferenças de potencial criadas assim pela natureza são alucinantes: no caso de uma nuvem de tempestade, ultrapassam milhares de volts. Assim, êste gigantesco dínamo que é a atmosfera, trabalha em permanência, e a «corrente» que produz tem uma intensidade de 1.500 amperes para todo o planêta. Todo corpo que sirva de apoio ao raio só poderá ter um destino: ficará completamente queimado. Mas existe uma outra ação que, embora indireta, não é menos importante. A corrente que constitui o relâmpago se cria e desaparece num espaço de tempo muito curto, formando assim uma «impulsão». Ora, as leis clássicas de indução nos ensinam que as correntes elétricas nascem automàticamente nos corpos metálicos que estejam próximos, sendo que êstes atuam como outros tantos transformadores e, em razão de sua considerável energia elétrica, não é de admirar que estas correntes secundárias façam derreter os corpos. É neste sentido que se deve compreender a clássica volatilização dos metais sob a ação do raio e, ao mesmo tempo, por que a fusão dêles pode se dar no interior de envelopes que, não sendo condutores, permanecem intactos. Um exemplo ilustrativo é o do homem que viu desaparecerem, como por encanto, os pregos de seus sapatos. Aos mesmos efeitos se deve atribuir o fato do raio freqüentemente despir as suas vítimas. Às vêzes, a pessoa sempre sente uma violenta perturbação, e volta a si alguns minutos depois, queixando-se de frio e espantada de se ver despida; mas em outras circunstâncias, as vítimas não dão acôrdo de nada, exceto que foram despidas no espaço de um relâmpago — por assim dizer — enquanto volatilizaram-se os seus anéis, e as roupas e calçados foram estraçalhados e projetados longe.

## O RAIO FOTOGRÁFICO

Dá-se êste nome ao raio que imprime na pele da vítima — muitas vêzes através da sua roupa — algum elemento da paisagem ao redor. Já se deu o caso de numa pessoa ser fotografada uma árvore, e de no braço de um soldado morto pelo raio ficar impresso um ramo de fôlhas... ou do ladrão que foi identificado pela inscrição na sua pele do número de uma carteira roubada! **Em 1947, registrou-se uma ocorrência de veracidade indiscutível: um estudante inglês de 17 anos, na cidade de Collyefoft, jogava futebol com alguns companheiros, quando uma tremenda tempestade veio interromper-lhes a partida. Os rapazes se refugiaram sob uma árvore que, justamente, atraiu um raio. O nosso estudante tombou sem sentidos e, quando voltou a si, queixou-se de uma violenta dor nas costas: suas roupas estavam intactas, mas o perfil da árvore ficara impresso na sua pele!**

Uma só explicação parece possível: admitir que o raio emite raios X, o que, hoje em dia, nos parece normal. Sob o efeito de uma precipitação de descargas elétricas de forte tensão, a atmosfera reproduz os fenômenos do tubo catódico, em que as partículas aceleradas produzem uma radiação cujo comprimento de onda é em função da tensão.

## UTILIZAÇÃO PRÁTICA DO RAIO

● Poderá o homem aproveitar de alguma maneira as energias do raio? Em vista da raridade do fenômeno, evidentemente não se trata de fazer dêle uma fonte direta de energia. Certos físicos, porém, sonham com as tensões alucinantes resultantes dos raios e que nenhum laboratório pode reproduzir. Colhendo o raio com um pára-raios, poder-se-ia teòricamente construir um acelerador natural de partículas que, mesmo funcionando apenas uma vez por ano, daria acelerações superiores ao grande sincroton de Brookhaven, sob uma intensidade um milhão de vêzes mais forte. Infelizmente, porém, as modalidades de utilização prática do raio permanecem mal definidas, e sobretudo o fenômeno tem o defeito de ser quase totalmente imprevisível.

*SOPHIE — Elegantíssima criação em renda cinza, sôbre fôrro azul forte. Enfeites em veludo negro, na blusa e na saia; "clip" de brilhante na cintura faz parte do conjunto.*

*SOPHIE — Elegantíssimo vestido em renda de algodão e pique amarelo. Decote redondo, bem amplo. Cintura justa, saia ampla. Cinto e luvas devem ter o mesmo tom combinado.*





# Modelos que

TANTO se discutiu e tanto se escreveu sôbre os comprimentos das saias que o resultado foi o mais diverso entre os costureiros e entre as elegantes. De um modo geral, aquelas que adotaram as saias curtas, escolheram também modelos apertados, em linha de corte reto. As outras, que votaram pelas saias compridas, voltaram-se para as criações rodadas, usadas sempre com uma anágua, para se conseguir maior volume. Os modelos rodados muito curtos resultaram tão ridículos que foram logo desprezados pelas elegantes. Não foi só o interêsse dos fabricantes de tecidos que determinou o



*LECOMTE — Renda azul marinho, sôbre fôrro de tafetá. Um enfeite de um dos lados da saia, em fitas de cetim em tonalidades várias, dá ao modêlo um pouco de vivacidade.*

*BEHAN — Modêlo gracioso, em sêda rosa bem claro, todo bordado com miçangas e contas coloridas. Notar o original decote com larga tira passando atrás do pescoço.*



# embelezam

desfecho da guerra das saias, mas, também, o novo conceito estético que vem orientando a moda feminina, e que não podia ser quebrado tão repentinamente. Para o nosso verão, os modelos mais amplos resultam mais agradáveis. As linhas colantes são mais quentes, e quase sempre exigem o uso de uma cinta, pois nem tôdas as mulheres possuem a silhueta ideal. Êsse é outro fator que muito pesou para a adoção do meio comprimento como o certo para as tualetes de verão. Nesse estilo são os modelos, entre de passeio e de festas, que apresentamos hoje para as leitoras desta secção. **Flama**



# 9 PEQUENAS PARA um RAPAZ

Romance de MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

maneira mais rápida e eficaz de escurecer a pele. Catherine fêz farta distribuição de óleo para bronzear.

— Helena já está bem queimada (comentou alguém).

— E eu? (perguntei tìmidamente) não acham que também...

E todos fazem que sim com a cabeça, porém, sinto que é mais por polidez. Nada adiantara eu ter passado manhãs inteiras, de calção, exposto ao vento e ao frio, sob o céu cinzento de Paris antes de partir, disseram-me que as nuvens impedem o bronzeamento da pele.

Montenegro e Léna voltam trazendo duas enormes melancias. Tenho a impressão de que provei esta fruta na Itália mas não me recordo de já ter visto outra tão gigantesca.

Sempre fui de opinião que a qualidade aumenta em sentido contrário ao tamanho; uma deliciosa cereja estando perdida num mar de calda, por exemplo, já não é a mesma. Deram-me uma fatia de melancia cuja casca daria cômodamente para fazer uma confortável embarcação para dez pessoas e respectivas bagagens, mas enfim nossa vista, turva de tanto sol e calor, se deliciou ante aquela espécie de leve espuma rosada e fria e atacamos com gôsto e os caroços pretos chuviam de todos os cantos como Rúpias atiradas generosamente pelos fiéis num templo indu. Foi aquêle um dos grandes momentos da nossa viagem.

Agora, deitado de costas na areia, repousado e saciada a sêde, lembrei-me da triste história de um amigo meu com o qual eu visitara a Itália. Êste rapaz sentia-se mal à simples idéia ou cheiro de melancia, êle estivera doente antes de partirmos, mas, como todo guloso, não se conteve e chegando à Itália, matava a sêde em cada esquina..... e o resultado é que passou depois o resto da viagem tapando o nariz e fechando os olhos sem apreciar, portanto, os pontos interessantes indicados nos guias de turismo e sem os quais o visitante é considerado um perfeito idiota. Todos rimos lembrando do meu amigo guloso, mas nenhum se atreveu a repetir a dose da deliciosa melancia.

Léna comanda com voz firme:

— Vamos andando.

E nós nos levantamos com disciplina.

Penso com meus botões, entrando no balneário colorido e ladrilhado, que teremos o dia todo para esperar que as meninas se arrumem.

Três das pequenas se ensaiam para entrar na cabine, mas eu tomo uma atitude: adianto-me e chegando primeiro abro a porta e vou entrando sem lhes dar tempo e dizendo:

—Com licença.

E sem esperar fecho a porta depressa e me tranco por dentro. Cada um tem de ceder uma vez, penso eu.

E sinto então um prazer sádico em me preparar lentamente, calmamente, penteando os cabelos com cuidado e até resolvendo tirar um cravo na ponta do nariz que teimava em não sair e que eu ainda não tivera tempo de insistir.

E então ouvi que batiam delicadamente na porta aos pontapés.

Saio então arrumado e radiante, com um sorriso inocente e me divirto, vendo a correria das pequenas querendo tôdas de uma vez ser a primeira a entrar na cabine.

Léna nos anuncia agora que vai conduzir o grupo para comer qualquer coisa num grande restaurante comunista da cidade, e um arrepio percorre todos nós; aquela perspectiva aguça o nosso espírito ávido de experiências novas e socialistas.

O tal restaurante fica num enorme arranha-céu de quinze andares. Deve ser, creio, o maior hotel da cidade, dotado de pista para danças, salões de fumar, uma sede comunista e todo confôrto. E tudo isto tinindo de novo o que provoca em mim uma dose de entusiasmo incontido.

Seguro o braço de Léna e comento:

— Êste edifício, mais aquêle que vi esta manhã e que fotografei representam bem o impulso progressista da nova arquitetura iugoslava!

Mas, nem Léna nem Montenegro, a quem ela traduz o que eu disse, demonstram o menor reconhecimento pelo entusiasmo de minhas palavras. Ao contrário, parecem até aborrecidos com o meu comentário. E eu me perco em conjeturas enquanto fito uma escada central em mármore romano. Colete se aproxima de mim e fala:

— Os seus elogios não parecem ter agradado muito... o que foi que você disse?

E é então que bruscamente vejo cintilante em meu cérebro a chave de todo o enigma. «Mármore romano» explica tudo! Como não pensei nisto antes? Para um arquiteto era mais fácil ainda! Era evidente para mim agora que aquêles arranha-céus imponentes marcavam uma lembrança odiosa da odiosa ocupação italiana, dos tempos em que Rijeka era chamada Fiume, dos tempos em que com facilidade se conseguia no Bureau de Informações os horários dos trens para Fiume. E é ainda com a expressão do garôto que quebrou o jarrão de porcelana que eu entro no famoso restaurante. Já é tarde e o lugar está quase vazio. Dirigimo-nos para uma longa mesa onde jovens garçãos correm a atender apresentando os cardápios. A toalha da mesa está terrìvelmente encardida, de branca que foi está côr de creme com manchas de tôdas as côres. Um dos garçãos se apressa em tirar a toalha e nós respiramos aliviados, mas êle apenas vira o outro lado e o avêsso equivale em limpeza ao direito. Tôdas as classes da sociedade parecem estar reunidas aqui desde camponeses de fichu a estudantes de «short» e senhoras de olhar cansado e distinto.

Nós olhamos tudo sem nada dizer. Para ser sincero, sentimos o coração um pouco apertado naquele primeiro contacto com a alimentação iugoslava.

Sentimo-nos assim como um rapaz para quem os pais arranjaram encontro com uma jovem que lhe está destinada, quer êle queira quer não. Ouvimos falar muito e agora na espectativa aguardamos o que nos reserva o futuro.

E além de tudo os franceses que encontramos em Paggioreale não nos encorajaram muito quanto à cozinha balcânica.

Pessoalmente tentei ter uma idéia antes de partir e fui jantar num restaurante grego do Quartier Latin. E com disposição «chich-kebab», carneiro assado e torta de mel posso afirmar de bom grado que a reputação que fazemos daquela culinária é um tanto exagerada. Mas... duas horas mais tarde meu estômago parecia pegar fogo e quanto mais água bebia, mais atiçava o abrasamento que senti, como se jogasse petróleo numa fogueira. Então, devidamente ensopado de bicarbonato fiquei acamado por alguns dias. Aqui, porém, não poderia me arriscar a tanto e nem também morrer de fome ante os pratos apetitosos e coloridos diante de mim. Trouxeram primeiro pimentões recheados, depois um prato de tomates e pepinos no azeite e enfeitados com tirinhas finas de pimentão, salada de batatas e por sobremesa uvas pretas e cada uma tão grande como nozes.

— Muito bem! Tudo isto me parece perfeito (comentou Nicole falando pela primeira vez uma frase que se tornaria ràpidamente o «slogan» da expedição). Sem falar nas tirinhas de pimentão cru e tomando as devidas precauções para com os pimentões recheados, enfim acautelando-se contra os indigestos pimentões e pimentas que se disfarçavam sob vários aspectos para que os aceitássemos, o resto nos pareceu perfeitamente aceitável.

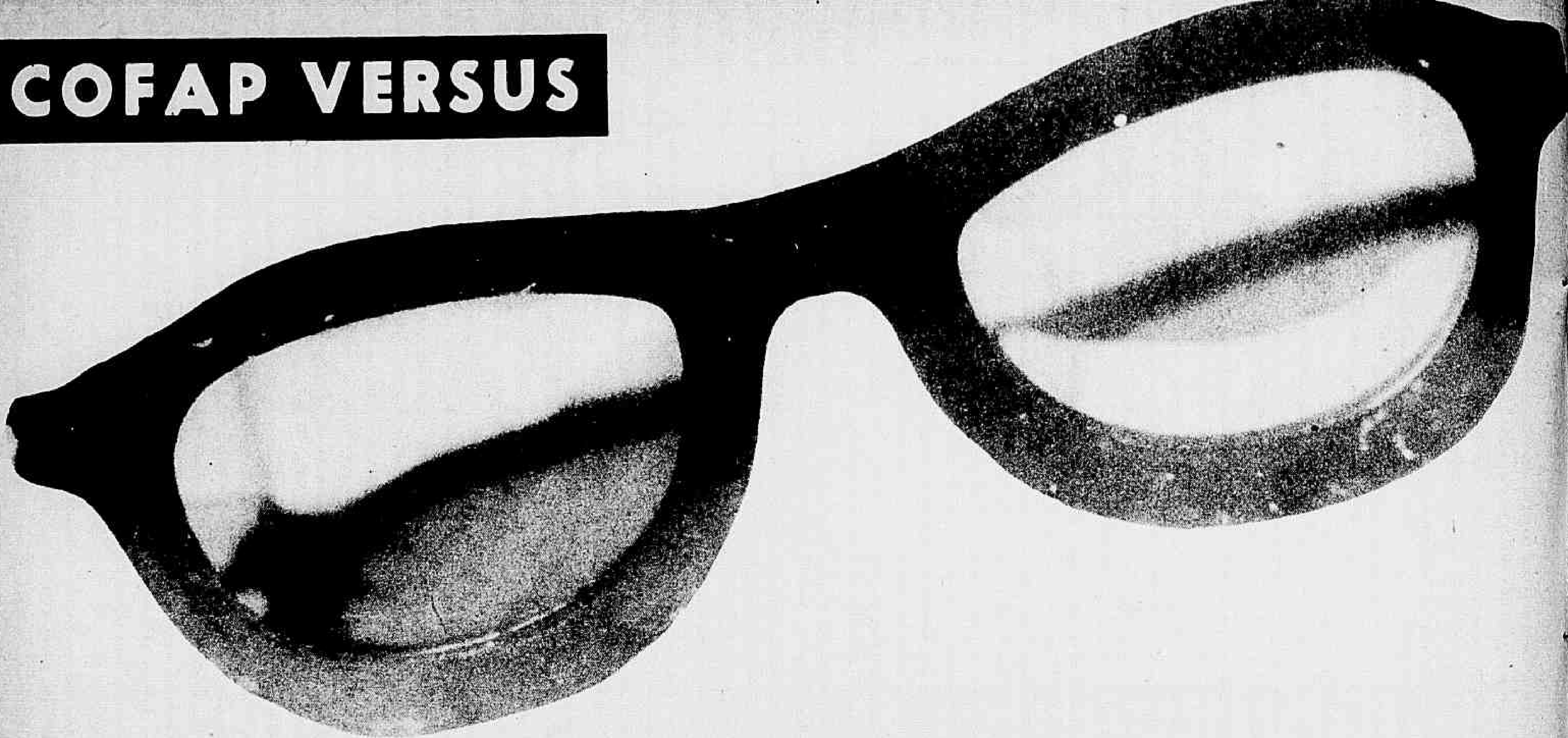
Insistimos para que Léna e Montenegro ocupassem os lugares de honra entre nós. Léna recusou cortezmente com longo e lento abanar de cabeça; ela me pareceu extremamente sensível a tôdas as demonstrações de deferências e galanteria e tudo que pudesse significar para ela obrigações de polidez de eras remotas e eu senti um prazer enorme e me diverti muito em prodigalizá-los.

**(Cont. no próximo número)**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel resolve gozar as férias na Iugoslávia e começam aí os seus apuros com os preparativos. No dia da partida, já na estação o «organizador» da viagem revela que êle é o único rapaz do grupo e lhe entrega os passaportes das moças que partem com êle e das que embarcarão depois. E Michel se vê às voltas com Catherine, Nicole, Denise, Andrea, Colette... Chegando a Milão vêem que o expresso que deveriam tomar já partiu mas resolvem tudo com um telefonema para a estação seguinte. Em Sezana embarcam em outro trem e na estação seguinte, temendo a curta permanência da composição aí, fazem um desembarque precipitado que provoca hilaridade, pois o trem vai ficar aí horas. Tomam outro trem e chegam a Rijeka! Para azar de Michel, o guia que os espera é também uma moça e é êle quem carrega as malas até a casa de Estudantes onde se hospedarão. Aí, como cavalheiro, espera que tôdas as moças se arrumem para então tomar uma ducha gelada. Quando se apresenta ainda tremendo de frio para almoçar verifica que as pequenas mudaram de idéia e querem ir à praia nadar um pouco. Como bom turista Michel quer tirar umas fotografias nos caminhos mas não o deixam. Chegando ao balneário êle é ainda o último a trocar de roupa, mas o mar azul e o aspecto magnífico da praia ensolarada, compensam de certo modo o sacrifício. Nadam um pouco, comem melancia gelada e na volta Michel se vinga, pois correndo na frente é o primeiro a ocupar a cabine para trocar de roupa. As pequenas protestam.

# COFAP VERSUS



# 3.ª DIMENSÃO

O ÓRGÃO CONTROLADOR DOS PREÇOS NÃO CONCORDOU COM A MAJORAÇÃO DO «CINEAC», E O ESPETÁCULO QUE ESTAVA EMPOLGANDO OS CARIOCAS TEVE QUE SAIR DO CARTAZ INESPERADAMENTE.

**Texto de RENATO DE ALENCAR** — **Fotos de A. VIEIRA**

A notícia se espalhara pela cidade, com a persistência de sensacionalismo: a COFAP proibira as sessões especiais de cinema em 3-D, de **Cineac do Brasil**. E os boatos foram surgindo: não fôra tabelado; havia exploração; perigo de contágios; a aparelhagem não estava apropriada, e por êsse andar a fora, cada um dando seu palpite. Era uma novidade, e o carioca é doido por novidades. A imprensa passou a comentar o acontecido; mas os jornais pouco adiantavam sôbre os motivos reais da retirada dos filmes em terceira dimensão naquela casa de diversões. Fomos, pois, conversar com os diretores do **Cineac** e trazer, depois, aos nossos leitores, o que, de verdade, pudesse haver em tudo isso.

SAIU DO CARTAZ

• Aviso •

O CINEAC NÃO TENDO SIDO AUTORIZADO PELA COFAP A FUNCIONAR COM O PREÇO TETO PARA CINEMA DE CR$ 10,00, NAS SESSÕES ESPECIAIS NOTURNAS EM 3-D, RESOLVEU ENCERRAR AS MESMAS PROVISORIAMENTE.

LOGO QUE AS ATUAIS RESTRIÇÕES E DIFICULDADES SEJAM REMOVIDAS, A 3ª DIMENSÃO VOLTARÁ A BRILHAR NA TELA DO CINEAC.

**Quando era cada vez maior o interêsse do público carioca pela terceira dimensão, foi afixado êste aviso, à entrada do «Cineac».**

Recebidos pelo sr. J. M. Domenech, diretor-técnico da emprêsa, pôs-se à nossa disposição e nos foi esclarecendo todos os pontos ainda envoltos em confusões. Em primeiro lugar, não houve nenhum desrespeito à COFAP, uma vez que o tabelamento dos cinemas no Distrito Federal ainda não incluía a **terceira dimensão**, pois que, quando foi estabelecido em janeiro de 1952, ainda não havia sido introduzida no Brasil.

— Ora, — diz-nos o sr. Domenech — nada nos impedia de fixarmos em dez cruzeiros a entrada para as sessões em 3-D, preço êsse, aliás, que é do cinema comum no Rio. Considere-se ainda, existir em Copacabana um cinema que explora o mesmo ramo do **Cineac** cobrando dez cruzeiros pelas sessões comuns.

— Não poderia ser mantido o preço tabelado, em vigor?

— Não, por vários motivos, dentre os quais podemos citar os seguintes: nos 22, ou mais sistemas conhecidos da discutida nova era do Cinema, o chamado 3-D é dos mais caros. É preciso não confundir 3-D com tela panorâmica, Cinemascope, Cinerama, etc. Os sistemas conhecidos dividem-se em três categorias. Uns conseguem o relêvo psicológico, isto é, por sugestão, (Cinerama a ôlho nu), e os outros conseguem o relêvo ótico, ou seja, de maneira efetiva (3-D com óculos polarizados), e ainda há os que, em matéria de relêvo, nada conseguem (tela panorâmica). O Cinemascope se coloca numa posição intermediária, entre o Cinerama — o mais dispendioso de todos —, e a tela panorâmica, o mais econômico. Enquanto o Cinerama requer três filmes e três projetores, além de outros acessórios em sincronismo, o Cinemascope e a tela panorâmica funcionam com um único filme e um só projetor. Na tela panorâmica o filme usado é comum, apenas projetando em tamanho maior com o sacrifício de uma faixa superior no quadro, para dar a proporção panorâmica. No Cinemascope, essa perda não se verifica, graças às lentes «anamorphoscope», de Henri Chretien, que comprimem a imagem ao filmá-la e a dilatam ao projetá-la. A imagem obtida é de grandes proporções, mas o coeficiente de relêvo psicológico é baixo. O relêvo ótico total, só é possível com o sistema 3-D, que inclui o uso de óculos polarizados, e é o mais dispendioso depois do Cinerama. Tanto a filmagem como a projeção são feitas em duplicata, implicando em considerável majoração do custo do espetáculo, a começar pelo preço dos filmes, muitíssimos mais caros do que os comuns. Acresce a isso o encarecimento da projeção, nas seguintes proporções, em paralelo com o cinema vulgar: emprêgo simultâneo de dois filmes, quatro carvões, dois projetores, amperagem quádrupla, dois operadores, além do uso de óculos e filtros, sua esterilização, etc. Matemàticamente pode-se calcular o custo de uma exibição em 3-D, duas vêzes e meia o de uma exibição comum. Como, pois, manter para uma mercadoria que custa duas vêzes e meia, o mesmo preço de outra mais barata, em tais proporções?

## IMPOSSÍVEL A VENDA DOS ÓCULOS AO PÚBLICO

— Queixam-se alguns, do aluguel dos óculos. Não seria preferível vendê-los logo ao público?

— Também pensamos muito nesse problema. Entretanto, se calcularmos a enorme quantidade de óculos que teríamos de importar, chega-se à conclusão de que isso seria, além de impossível, mais uma evasão de divisas em dólares, contra a economia nacional. Alugando-se não haverá tal inconveniente.

— Qual o preço dos ingressos, nos Estados Unidos, para os filmes em 3-D?



**O gênero CINEAC (CINEMA-ACTUALIDADES) foi consagrado pelo público, pois, além de divertir, educa, instrui e mostra o que vai pelo mundo. O Cineac do Brasil, antecipando-se a qualquer outra emprêsa do Rio inaugurou a terceira dimensão, esterilizando os óculos à vista dos freqüentadores.**

— Dois dólares e oitenta; mas, o preço comum, no Radio City, é de um dólar e meio. Como vê, estamos oferecendo a maior novidade do século, a custo baixíssimo.

— Qual o sistema de esterilização adotado pelo «Cineac»?

— Além do aprovado pela Saúde Pública, à base de formol, contamos também com o mais moderno, à base de ultra-violeta, moderníssimo aparelho, instalado à vista do público, no balcão da entrada. Aproveito o ensejo para dizer que, a respeito da higienização dos óculos, recebemos elogios dos médicos da Saúde Pública, quando estiveram em inspeção no «Cineac» e acharam tudo impecável.

— Propalaram que a exibição não correspondeu à expectativa.

— Com efeito, na primeira sessão, dado o nervosismo da turma de operadores em serviço, apesar de ensaiados antes, a projeção se apresentou com falhas; mas, nas sessões seguintes, tudo correu bem.

— Foram concorridas?

— O interêsse e a curiosidade do povo foram atestados pela imensa multidão que superlotou tôdas as sessões em 3-D.

### VÃO RECOMEÇAR AS EXIBIÇÕES

— Quando serão recomeçadas as exibições?

— Enquanto estamos aguardando a confirmação, pela COFAP, de nosso direito de funcionar ao preço teto, é possível que o «Cineac», não querendo protelar por mais tempo a divulgação desta tão revolucionária inovação, passe a incluir algum de seus filmes em 3-D, nos seus programas cotidianos, a preços comuns, com prévio aluguel dos óculos, naturalmente. As sessões especiais ficariam para mais tarde. Isso, para atender às centenas de pedidos, que nos chegam diàriamente, não cessando os nossos telefones, de atender a verdadeiros apelos.

Naquele mesmo instante chegava ao escritório diversos pedidos de informações. Muitas pessoas desejavam falar ao sr. Domenech. Despedimo-nos e lhe apresentamos os nossos parabéns pela sensacional novidade cinematográfica, que, lançada no Rio, precisamente no mês em que o «Cineac» comemora o seu décimo quinto aniversário de líder no gênero, o consagra, agora, como o pioneiro em 3-D.




**Sem óculos polarizados não há verdadeira e perfeita terceira dimensão, explica-nos pormenorizadamente o sr. J.M. Domenech, no «Cineac».**



CONVERSA DE MULHER

# UMA RESOLUÇÃO PARA O ANO NOVO

★ Quando vai-se aproximando a hora em que o relógio dará as 12 badaladas da meia-noite, assinalando que foi atravessada uma fronteira do tempo, nosso pensamento ferve, numa espécie de balanço geral do «ano velho». Pesamos as horas de felicidade e de tristeza. Anotamos em nossa maneira de agir atos que nos agradam e que nos desagradam, e chegamos a tomar resoluções verdadeiramente heróicas para o Ano Novo... que, infelizmente vão por água abaixo e que o ano que chegou «engatinha» exatamente como o anterior. O fracasso das resoluções é devido, exatamente, ao fato de serem «heróicas». Seria muito mais eficiente, muito mais prático, muito mais realizável, tomar apenas uma pequenina resolução, um compromissozinho com nós mesmas que não requeresse esforços sôbre-humano.

Para 1954, poderíamos, por exemplo, escolher a pontualidade. Êsse exemplo vem mesmo a calhar, pois é considerado pelos homens um dos mais incômodos defeitos femininos. (além da tagarelice). Além disso, a pontualidade, atrás de si, uma porção de vantagens que não parecem estar diretamente relacionadas com os ponteiros do relógio, mas estão. A primeira condição para ser pontual é que você não resolva chegar «na hora», em seus compromissos, mas **10 minutos antes,** no mínimo.

★ Se você é uma mulher moderna, que trabalha, chegue sempre 10 minutos antes em seu emprêgo. Terá, assim, tempo suficiente para se arrumar calmamente, para pentear os cabelos e retocar a maquilagem e estar exatamente na hora em sua mesa, pronta para atender a seus compromissos profissionais. E o resultado... é que será certamente notada pelo seu chefe, e, muito provàvelmente, conseguirá uma situação melhor e um salário mais alto.

★ Na hora de voltar para casa, quer vindo do trabalho, quer das compras ou de visitas, determine chegar em casa 10 minutos antes de seu marido. Êsse tempinho será o bastante para você recebê-lo, ao toque da campainha, já em suas vestes caseiras, sem o ar de quem está cansada por ter passado o dia na rua. Com êsses 10 minutos de «handicap» será pouco provável que êle chegue antes de você. Nada irrita tanto os maridos do que não encontrar a espôsa quando voltam à casa. Com essa sua providência, êle se mostrará mais bem humorado, e vocês dois viverão mais felizes.

★ Sair em cima da hora para ir ao teatro, ao cinema ou a uma cerimônia de casamento, formatura, ou outra qualquer, encontrando o marido já impaciente na porta de casa, é hábito muito comum entre as mulheres. Prepare-se de forma a ficar pronta 10 minutos antes, e poder chegar com calma ao cinema, teatro, ou cerimônia. Poderá se colocar num lugar melhor, ler o programa do teatro, olhar os conhecidos que chegam, e dar uma palavrinha a cada um... No cinema, arranjarão uma colocação melhor na fila, ou, se a lotação estiver esgotada, poderão procurar outro filme, pois ainda terão «dez minutos» para isso.

★ Quando fôr convidada para jantar em casa de uma amiga, ou para uma reunião de pouca cerimônia, sua chegada dez minutos antes lhe proporcionará alguns momentos de conversa com a dona da casa. Se fôr mesmo sua amiga íntima, poderá ajudá-la a dar os últimos retoques na arrumação da mesa ou nos pratos. Se a festa é dado por você, ter tudo pronto dez minutos antes fará com que se apresente descansada aos seus primeiros convidados.

★ Quando se vai viajar, é bom aumentar para 20 os dez minutos extras, que serão preciosíssimos. Darão tempo para você resolver com calma algum imprevisto de última hora. Evitará que tenha de tomar um táxi e mandá-lo correr em disparada, com risco de nunca chegar ao destino...

★ Não, êsses dez ou quinze minutos de antecedência, em tôdas as circunstâncias, nunca serão disperdiçados. Ao contrário, você os aproveitará para planejar tudo, desde a visita ao médico ou ao dentista, até a ida das crianças para a escola, e a acolhida que dará ao seu namorado... Verá que tudo que é planejado e pensado resulta em maior economia de tempo. E, o que é principal, você aprenderá a ter calma, a não se afobar — o que é desagradável para você e para os que convivem a seu lado, além de provocar úlceras no estômago, como vivem repetindo os clínicos modernos. — L.J.



## SUGESTÃO PARA O LAR

*UMA bonita decoração para a ceia de Ano Novo é a que apresentamos hoje. Os motivos ornamentais são as vistosas bolas coloridas e brilhantes que se usam para enfeitar as árvores de Natal. Foram escolhidas algumas, bem grandes, no feitio de bonecos engraçados, que mais parecem habitantes de Marte. Em volta da mesa, os pratos, de vidro, com o copo de ponche de vinho ou de "champagne", preparado para o soar da meia-noite. Junto a cada prato foram dispostos: apitos, línguas-de-sogra e outros instrumentos barulhentos, para maior animação no momento de boas-vindas ao ano que entra. No centro da mesa, um conjunto formado por uma floreira, com crisântemos brancos, e duas grandes velas em castiçais, com serpentinas enroladas em volta. Tudo isso foi disposto em cima de uma toalha branca, simples, de damasco. Se você preferir, porém, use uma toalha cinza, ou mesmo azul-marinho ou vermelho, como está em moda. Que seja de uma côr só, porém, para que realce o colorido dos enfeites. Evite as tonalidades pastel, para a toalha de mesa, que não combinariam com as côres fortes das borlas brilhantes. — NIKE*

# UM POUCO DE Beleza

## Caminhar

HOJE em dia não existe o hábito de se caminhar, como exercício para a beleza do corpo. No entanto, é muito melhor do que a maioria das ginásticas, para conservar a esbeltez, a beleza das pernas e a agilidade. Procure adquirir o hábito de fazer uma boa caminhada todos os dias.

● Use para essa ocasião uma roupa leve, arejada, e o que é importantíssimo, sapatos muito cômodos, de saltos baixos ou médios. Dê graça e leveza a seus passos: caminhe em linha reta, com a cabeça levantada, os ombros para trás, e o ventre contraído. Faça com que o pêso de seu corpo recaia sôbre os dedos dos pés e não sôbre o calcanhar. Enquanto caminha, controle a respiração, prestando atenção para inspirar bem fundo, e ritmadamente.

● Não é sòmente um benefício para os órgãos internos do corpo, essa caminhada diária, mas também para a pele. O sangue circulará melhor e atingirá os vasos capilares, mais superficiais, irrigando-os convenientemente. Não se descuide de realizar sempre êsses passeios, para bem de sua saúde e beleza. Se não tem tempo para tirar uma meia hora por dia com essa finalidade, desça alguns pontos antes do ônibus que a leva para casa ou para o trabalho, e caminhe. Verá como se sentirá mais bem disposta para tudo. — JÚLIA DE MILO

## PÉS DE GALINHA

● Uma das maiores causas das rugas em redor dos olhos é a visão deficiente. Se êsse é o seu caso, procure um médico oculista, para que êste lhe receite óculos no grau de que precisa. Também a claridade exagerada contribui para a formação dêsses «pés de galinha». Habitue-se, pois, a usar óculos escuros, quando estiver na praia ou ao ar livre. Não leia com a luz do sol batendo diretamente sôbre o seu livro ou revista. E' muito mais fácil evitar que se formem rugas em tôrno dos olhos do que, depois, tentar corrigi-las com cremes e massagens.



## CLAREAR OS PÊLOS

● Para clarear os pêlos das pernas e dos braços, aplique sôbre os mesmos o seguinte preparado: dissolva um pouco de sabão em flocos numa colher das de sopa de amônia. Depois junte 3 colheres das de sopa de água oxigenada, a 20 volumes. Embeba um algodão nessa mistura e passe sôbre a parte cujos pêlos deseja clarear. Lave, em seguida, com água quente e sabão.

## LIMPEZA DA PELE

● A limpeza total da pele é necessária, ao menos uma vez por dia. Passe um creme de limpeza, que seja de boa qualidade, em camada espessa e generosa. Espalhe-o de baixo para cima. Depois, deixe-o atuar por alguns minutos, e remova com papel absorvente (sempre de baixo para cima). Depois da limpeza com o creme você pode lavar o rosto com água e sabão. Em seguida, aplique uma loção boa «para a sua pele» (sêca, oleosa ou normal). Êsse tratamento de limpeza diário, é essencial para se ter uma pele fresca e clara.



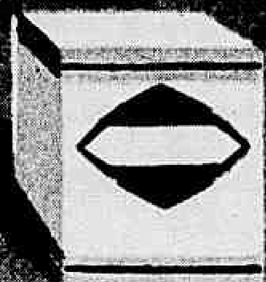
## PEDRAS POMES

● As pedras pomes são ótimas para tornar mais macia a pele das mãos, dos pés, dos cotovelos e dos joelhos. Use-a diàriamente, no banho, esfregando com suavidade. Se tiver calos, passe sôbre os mesmos a pedra pomes, depois de os ter deixado de môlho em água morna. Se estiverem muito grandes, aplique algum remédio apropriado que os remova. Depois do banho aplique, sôbre a parte que foi esfregada com pedra pomes, um bom creme ou loção, do tipo que é indicado para amaciar as mãos.









ANTISARDINA

O CREME CIENTÍFICO

ANTISARDINA renova as células da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, nua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTÌFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.





# WEEK-END NA COZINHA




*AINDA QUE nas cidades grandes o "Reveillon" esteja se transformando numa festa de clubes, existem famílias tradicionais que comemoram a passagem do ano em casa. Para essas ocasiões, prepara-se uma ceia ou servem-se doces e salgadinhos, acompanhando o ponche, ou a "champagne". As sugestões que seguem são apropriadas para esta ocasião. — TIA DULCE*

## TORTA "MEIA NOITE"

**UMA TORTA salgadinha, deliciosa, muito apropriada para a reunião que você vai dar em casa na passagem do ano. E' formada por 3 camadas diferentes, que você preparará assim:**

★ CAMADA DE QUEIJO: — 200 gramas de queijo creme — 50 gramas de queijo de gôsto forte — Môlho inglês, salsa, leite ou creme de leite.

**★ Amasse com um garfo e misture as duas qualidades de queijo. Tempere com môlho inglês e salsa. Ponha bastante leite ou creme para que fique com boa consistência, para espalhar no fundo de uma fôrma de torta, de cêrca de 20 centímetros de diâmetro.**

★ CAMADA DE PRESUNTO: — 150 gramas de presunto picadinho — 2 colheres, das de sopa, de picles picado. Misture tudo muito bem, e espalhe por cima da camada de queijo.

★ CAMADA de OVOS: — 4 ovos cozidos, duros — Maionese, pimenta, pimentão, sal. Pique e amasse com um garfo os quatro ovos duros. Tempere com sal, pimenta, maionese e pimentão picadinho. Espalhe por cima da camada de presunto.

**★ Cubra a torta com uma fôlha de papel impermeável. Ponha na geladeira durante muitos horas (ou de véspera, se preferir). Um pouco antes de levá-la à mesa faça o mostruário do relógio, com os ponteiros e o 12 da meia-noite. Use para isso biscoitos salgadinhos (em palitos e rosquinhas). Se não tiver muito jeito de formar o 12, faça-o em numeração romana «XII» — como nos relógios antigos.**

## PONCHE FRIO

**O PONCHE frio é mais próprio para o nosso clima. Prepare êste para comemorar alegremente a chegada do Ano Novo.**

IGREDIENTES: 1/2 xícara de açúcar — 1/2 xícara dágua — 2 xícaras de suco de laranja — 1 xícara de suco de limão — 2 xícaras de suco de abacaxi — 2 xícaras de suco de maçã — 1 litro de soda (ou de guaraná, se preferir).

**● Ferva o açúcar com a água, juntos, por cinco minutos. Misture com os sucos de frutas, na poncheira. Deixe gelar. Quando estiver na hora de servir acrescente a soda ou o guaraná, e bastante cubos de gêlo. Enfeite com fatias de limão. (A receita dá para 3 litros de ponche).**

# GRÁTIS




O maravilhoso romance
da insigne escritora
DAPHNE DU MAURIER

## MINHA PRIMA RAQUEL

A mais aplaudida obra
da famosa autora de
"REBECA" e "OS PARASITAS"

**Juntamente com a SELEÇÃO DE DEZEMBRO**

INSCREVA-SE HOJE MESMO NO *Livro do Mês*, E

**ÊSTES DOIS MAGNÍFICOS LIVROS SERÃO SEUS.**




**Centenas de livros são editados anualmente. É humanamente impossível ler todos e muito difícel escolher os melhores. "Livro do Mês" lhe presta êsse serviço, selecionando mensalmente a melhor obra publicada.**

**Adquirindo sòmente o mínimo de quatro livros por ano, V. S. gozará das enormes vantagens que sua inscrição em "Livro do Mês" representa: receberá um magnífico livro-prêmio, completamente grátis, junto com a primeira seleção que adquirir e mais outro livro-dividendo, *também grátis*, para cada grupo de seis seleções. Receberá ainda o Boletim bimestral que o informará de nossas seleções. Não há taxa de inscrição, jóia ou quaisquer outras despesas adicionais.**

**Milhares de associados plenamente satisfeitos são a melhor prova da excelência de nosso plano e de nossas seleções.**




GRAFIX

DAPHNE DU MAURIER
reuniu neste livro seis excelentes novelas de grande valor literário e cujos títulos damos em seguida:

- ✶BEIJA-ME OUTRA VEZ, DESCONHECIDO
- ✶MONTE VERITÁ
- ✶AS AVES
- ✶A MACIEIRA
- ✶O PEQUENO FOTÓGRAFO
- ✶O VELHO

**INSCREVA-SE VOCÊ TAMBÉM, REMETENDO-NOS HOJE MESMO ÊSTE CUPOM**

## GRÁTIS: "MINHA PRIMA RAQUEL"

**LIVRO DO MÊS**
São Paulo — Rua 7 de Abril, 34 — 3.º
Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 140
Pôrto Alegre — Rua dos Andradas, 991

Queiram inscrever-me como sócio do "Livro do Mês" e enviar-me ABSOLUTAMENTE GRÁTIS, como prêmio, o livro indicado no espaço acima, juntamente com a seleção do mês "BEIJA-ME OUTRA VEZ, DESCONHECIDO" pela importância de Cr$ 75,00.

Vv. Ss. me remeterão, também GRÁTIS, um livro-dividendo para cada grupo de seis seleções que venha a adquirir. Estou ciente de que me enviarão regularmente a Seleção Mensal, a menos que ordene antecipadamente o contrário, e de que meu único compromisso consiste em comprar um mínimo de quatro livros dentre os apresentados nos doze primeiros meses.

Os livros deverão ser remetidos para:

Nome .................................................. Fone..........

Rua e N.º ..................................................

Cidade .............................. Estado ..............................



O cardeal D. Jayme Câmara agradece a homenagem dos membros do Poder Legislativo paranaense, de cuja sala de sessões é o majestoso aspecto que ilustra esta página.

# EM CURITIBA

Na oportunidade da realização do 1º Congresso Eucarístico do Paraná, o Poder Legislativo dêsse Estado prestou significativa homenagem às grandes figuras do Clero Brasileiro presentes àquele magno conclave, recebendo em sessão especial o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jayme de Barros Câmara, e demais dignatários da Igreja Católica. Coube ao presidente da Assembléia Legislativa do Paraná, interpretando os sentimentos dos seus pares, saudar as notáveis personalidade homenageadas, salientando o papel preponderante da Igreja no regime democrático, de vez que ela, pregando a amizade ao próximo e juntando no mesmo banco a reis e vassalos, realiza os princípios de igualdade e fraternidade fundamentais à verdadeira democracia. Agradecendo a bela homenagem, falou o cardeal D. Jayme de Barros Câmara, pondo em relêvo a ação da Igreja Católica na história da civilização brasileira, frisando que, enquanto o Brasil fôr fiel ao cristianismo, pode estar certo de trilhar o caminho do bem, e isso será ditado pela maioria dos brasileiros. Ao terminar seu discurso, o arcebispo do Rio de Janeiro formulou votos para que o Paraná, com seu extraordinário progresso e cultura, possa realmente desfraldar a sua bandeira de glória pela eternidade.

À sessão especial em homenagem ao Clero Brasileiro compareceram a quase totalidade dos deputados da Assembléia Legislativa do Paraná, todos os dignatários da Igreja presentes em Curitiba, autoridades, convidados e grande massa popular, constituindo essa passagem um dos pontos altos do 1º Congresso Eucarístico Provincial do Paraná.



**Outro aspecto da sala das sessões da Assembléia Legislativa do Paraná, fixado por ocasião das expressivas e justas homenagens às grandes figuras da Igreja Católica de todo o Brasil.**



**Altas personagens do Clero Brasileiro, autoridades civis e militares e convidados especiais estiveram presentes à magna reunião da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.**

# HOMENAGEM AO CLERO BRASILEIRO

## A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO PARANÁ RECEPCIONA OS ALTOS DIGNATÁRIOS DA IGREJA CATÓLICA



**A mesa da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná em companhia do cardeal D. Jayme de Barros Câmara. Vemos da esquerda para a direita, deputado Nicanor Vasconcelos, o cardeal Câmara, deputados Divonsir Côrtes, Laertes Munhoz e Cândido de Oliveira Neto.**



**«Nunca foi tão urgente que o mundo venerasse o mistério sagrado da Divina Eucaristia» — proclamou o professor Laertes Munhoz, presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, no seu discurso de saudação às ilustres figuras do Clero Católico Brasileiro.**

A TORRE EIFFEL
domina Paris e
domina no Rio de Janeiro
a moda para cavalheiros.
Grande e variado sortimento para
as Festas de Natal e Ano Novo
— 97 — OUVIDOR — 99

# Semana ASTROLÓGICA

**INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 26 DE DEZEMBRO DE 1953 E 1º DE JANEIRO DE 1954**

(Hemisfério Sul)

**Se o leitor nasceu sob o signo do:**

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Uma semana livre e relativamente favorável, eis o que prometem os astros ao leitor. Uma única e, mesmo assim, fraca desfavorabilidade, será registrada no dia 28. Em compensação o dia 30 será cheio. Será uma antevéspera de ano novo, verdadeiramente bonançosa.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — A próxima semana não lhe oferecerá oportunidades valiosas ou acontecimentos de alguma importância. O novo período, não obstante, não será desfavorável aos seus negócios. O pior dia será o domingo 27. O melhor cairá na quarta-feira 30.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não procure relações mais estreitas, principalmente em negócios, com indivíduos do sexo oposto, nos próximos sete dias e, notadamente, no domingo 27. O dia 30, no seu caso, será o melhor da semana.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor estará, na semana entrante, de baixo de um jôgo contraditório de fôrças. Os influxos desfavoráveis culminarão no dia 28 com o minguante lunar. Atue com a maior prudência, na profissão e no lar.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O leitor conseguirá, com certa facilidade, a ajuda econômica ou financeira de que tiver necessidade nos próximos dias. Sua posição quanto aos parentes, irmãos, consanguíneos ou assemelhados, será muito boa.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os casos em andamento terão solução pronta, rápida, mesmo. É preciso agir com presteza, nos próximos dias, pois a felicidade passará de raspão, não dando tempo a reflexões demoradas. Siga sua intuição.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não tente produzir alguma coisa. Limite-se ao desenvolvimento do que já houver feito. As coisas agora iniciadas terão um desenvolvimento precário. As sementes serão pêcas, não germinarão. Trabalho inútil, tempo perdido.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Sob o ponto de vista financeiro, a semana será insiginificante. O ambiente só possibilita alguma coisa nos domínios da vida social. O leitor poderá conseguir novas e proveitosas relações, muito boas amizades.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O primeiro dia da semana lhe será altamente desfavorável. A compensação virá, porém, no dia 30. A recuperação será completa e definitiva. O que perder será readquirido. Abstenha-se de especulações e de jôgo, especialmente.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A nova semana exigirá do leitor, um comportamento austero, uma atitude grave. Nas pretensões que tiver, não deixe transparecer qualquer leviandade. Se o fizer, estará irremediàvelmente perdido.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — No dia 30 será possível uma grande satisfação. O ideal será atingido. Suas pretensões justas serão atendidas. O ambiente será favorável às reconciliações e aos reajustamentos.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Entre as satisfações que de certo terá na próxima semana, haverá o desgôsto de uma separação ou o da perda de uma grande amizade, o que, no fim, vem a ser a mesma coisa. Evite qualquer discussão no dia 26.

## OS NOMES DA SEMANA

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Dezembro | 26 | — | Joaquim | — | Marina |
| " | 27 | — | João | — | Joana |
| " | 28 | — | Abelardo | — | Belmira |
| " | 29 | — | Tomás | — | Leonor |
| " | 30 | — | Hilário | — | Unísia |
| " | 31 | — | Silvestre | — | Nicea |
| Janeiro | 1 | — | Fulgêncio | — | Eulina |

## EFEMÉRIDE DA SEMANA

**Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich**

| | | | | ( SIGNO DO ) |
|---|---|---|---|---|
| Dezembro | 26 | — | 4º - 26' - 00" | ( Capricórnio ) |
| " | 27 | — | 5º - 27' - 8" | ( " ) |
| " | 28 | — | 6º - 28' - 17" | ( " ) |
| " | 29 | — | 7º - 29' - 26" | ( " ) |
| " | 30 | — | 8º - 30' - 36" | ( " ) |
| " | 31 | — | 9º - 31' - 46" | ( " ) |
| Janeiro | 1 | — | 10º - 32' - 56" | ( " ) |

# NOSSA SENHORA VOLTA A COPACABANA

GRANDIOSA PROCISSÃO MARCOU O RETÔRNO A COPACABANA DA IMAGEM DA SUA PADROEIRA, DOADA À CIDADE PELA «OSA» — ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL S. A. ★ DISCURSA O SR. SILVÉRIO CEGLIA

*COPACABANA viveu, dia 7 de dezembro último, u m a grande noite de tradição, de civismo e fé, quando se realizou o retôrno da imagem de N. S. de Copacabana à igrejinha do bairro. O Exército Nacional, associado a uma grande emprêsa imobiliária, a "OSA" — Organização Territorial S. A. — emprestou à festa religiosa a sua solidariedade, o que muito contribuiu para o seu brilhantismo.*

*A OSA — Organização Territorial S. A., na pessoa de seu fundador, Sr. Silvério Ceglia, restituiu à cidade a imagem de Nossa Senhora de Copacabana, que se encontrava em seu poder desde que aquela Cia. adquiriu o Castelo de São Manoel, em Corrêas, que abrigava a preciosa e tradicional imagem. A população católica de Copacabana, mais uma vez, manifestou a pujança de sua fé e de seu ardor religioso transportando, em vibrante procissão, a sua querida santa padroeira até o local em que será erguida a sua igreja.*

### A cerimônia de entrega

*O Sr. Silvério Ceglia, fundador da OSA, emprêsa doadora da Imagem, proferiu então o discurso que se segue.*

*"Exmos. Senhores Representantes das Autoridades Eclesiásticas, Militares e Civis,*

*Minhas senhoras,*

*Meus senhores,*

*Por misteriosos designios, cabe-me hoje, em que, por determinação de Sua Santidade, tem início o Ano Mariano comemorativo do centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição, a honra de restituir ao culto público a imagem da Nossa Senhora de Copacabana. Durante quase meio século essa histórica e milagrosa imagem estêve, indevidamente, subtraída à veneração de seus fiéis. E por alguns anos eu tive a honra e a felicidade de tê-la em meu próprio lar, concorrendo, involuntàriamente, para que fossem sem proveito pesquisas e indagações feitas sôbre seu paradeiro. Alguma coisa, dentro de mim, dizia dos estranhos poderes dessa imagem sagrada. Quantas vêzes não recorri à sua intercessão, em momentos difíceis de minha vida privada e profissional? Quantos momentos de aflição depus a seus pés, contrito e confiante? Quantas graças não lhe rendi, quantas orações não lhe dirigi?*

*Admirava-a como obra de arte religiosa, antiga e comovente: adivinhava que muitos outros, antes de mim, a tinham venerado: pressentia, porém, que ali estava mais que a habilidade e o carinho de um artista, cujo nome e cujas cinzas já se haviam perdido no tempo. Qualquer coisa, naquela imagem, inspirava amor e impunha fé. Fé e amor que passei a sentir, envolvido por indefinível certeza de que possuía alguma coisa muito preciosa, muito além de meus méritos, que não cabia em minha casa e era grande demais para as minhas homenagens.*

*É que circunstâncias fortuitas me tinham confiado a guarda de uma relíquia da arte cristã, que por mais de trezentos anos havia acolhido as orações da cidade, consolando-a nas vicissitudes, animando-lhe o progresso, exortando-a à prática da virtude. Trazida das regiões andinas, antes do ano de 1600, essa imagem estabelecerá entre nós o culto da Virgem Santíssima sob a invocação de Nossa Senhora de Copacabana, inspirada pelo nome do lugar em que fôra criado, no Vice-Reino de Nova Granada, poucos anos depois da conquista espanhola. E êsse nome passou a um recanto da terra carioca, estendendo-se a tôda orla do litoral em que iria erguer-se o bairro maravilhoso, que deu a esta cidade a fama de que nos orgulhamos. "Virgem do Lago", era assim a invocação, no século XVI, no altiplano peruano; hoje bem poderíamos dizer: — "Senhora da Guanabara"!*

*Venerada n u m a igrejinha entre rochas, desde os meados do século XVII, a imagem aí permaneceu até os primeiros anos dêste século. Quando da construção do Forte de Copacabana, demoliu-se o pequeno templo, passando a sagrada imagem e o altar que lhe era dedicado, à posse da família Teffé, que os conservou em sua propriedade denominada Castelo de São Manoel, em Corrêas. Há alguns anos, adquirindo êsse imóvel, para uma das emprêsas a que estou ligado, passei a ser o feliz detentor da relíquia e conservei-a em minha residência até saber de seu alto valor histórico e religioso, e do interêsse pôsto, pelas autoridades eclesiásticas e militares, em devolvê-la à veneração do povo carioca.*

*Não é sem tristeza que, cedendo à justiça e à alta significação dêsse desejo, sinto meu lar desprovido de sua maior riqueza. Mais forte, porém, que a privação de sua presença material, é a certeza de que, entre os milhões de preces que os habitantes da cidade irão dirigir à Virgem de Copacabana, algumas se hão de lembrar de mim. E, acima de tudo, a convicção de que minha casa não merecia a honra e a glória de hospedá-la.*



**O sr. Silvério Ceglia, fundador da OSA, quando proferia o seu discurso, tendo ao seu lado o general Osvino Ferreira Alves.**

*É, pois, com alma aberta e o coração aliviado, nesta festa magnífica de piedade cristã, a que circunstâncias especiais me emprestam passageiro e imerecido relêvo, que venho entregar ao glorioso Exército de Caxias a imagem veneranda. Entre as inúmeras invocações litúrgicas da Mãe de Deus, uma há, das mais simples e mais belas, que às Fôrças Armadas Brasileiras deve agradar especialmente: "Rainha da Paz". Não há, em verdade, qualquer choque ou contradição entre as noções de fôrça e de pacifismo. Porque os exércitos já não são organismos à margem da consciência e da tranqüilidade civil, são, pelo contrário, adaptação e especialização de uma parcela da cidadania, para a própria proteção e estabilidade. Mùtuamente se amparam e integram, como órgãos diversificados de um mesmo ser, na harmonia de sua complementação biológica. Longe vão os tempos do guerreiro mercenário, que alugava as armas e empenhava a existência, a sôldo de ambições políticas, empreiteiro do saque e do assassínio, que punha finalidades criminosas na boca dos arcabuzes e no gume das espadas. O soldado digno de sua classe é o defensor dêsse conjunto de afeições sadias e interêsses legítimos que afeiçoam e definem as coletividades humanas, ligadas por direitos comuns; é o protetor dêsse estado de alma em que se encontram os sêres humanos ligados por afetos e lembranças, que são de todos e de cada um, e constituem a Pátria: palavras de carinho ouvidas de lábios maternos; gestos de adeus dos amigos que se foram, para uma viagem ou para a morte; recordações de momentos felizes, beijos, apertos de mão, carícias nos cabelos de uma criança; as saudades da infância; o culto dos heróis, dos artistas e dos sábios, que fizeram nossa vida mais digna, mais bela e mais verdadeira; as orações rezadas em família; os pais, os irmãos, os professôres, os amigos... tudo isso lembrado numa mesma língua e sofrido na mesma terra — tristezas, alegrias, anseios e glórias comuns — isso tudo é a Pátria."*

*O discurso do fundador da OSA, que é uma importante peça, prossegue com o mesmo brilho inicial, para, mais adiante, dizer sôbre o significado da magnífica festa de fé cristã.*

### A nova igreja

*Procedeu-se, então, o lançamento da pedra fundamental da nova ermida de Nossa Senhora de Copacabana, tendo o Monsenhor Pheeney, capelão geral das Fôrças Armadas, feito a bênção litúrgica. A cerimônia teve como padrinhos o Dr. Joppert da Silva e Exma. espôsa. O vigário de Copacabana oficiou, em seguida, a bela missa campal com que se encerrou o programa de solenidades.*

*Nossa reportagem pôde apurar o comparecimento das seguintes p e s s o a s: brigadeiro Eduardo Gomes, contra-almirante José Espínola, general Alcides Etchegoyen, g e n e r a l Henrique Lotti, general Souza Dantas, general Juarez Távora, general Adalberto Rodrigues de Albuquerque, general José Coelho dos Reis, general Portugal, comandante do Grupamento de Leste, coronel Moacir Melo, comandante do Forte de Copacabana, general Honorato Pradel, general Fernando Távora, senador Georgino Avelino, Sr. Mourão Filho, secretário de Saúde da Prefeitura, todos os vigários das paróquias da zona Sul, numerosos representantes das classes eclesiásticas e militares, figuras conhecidas da sociedade carioca, chefes bandeirantes e grande massa popular.*

# GRANDIOSO E COMOVENTE ESPETÁCULO DE FÉ



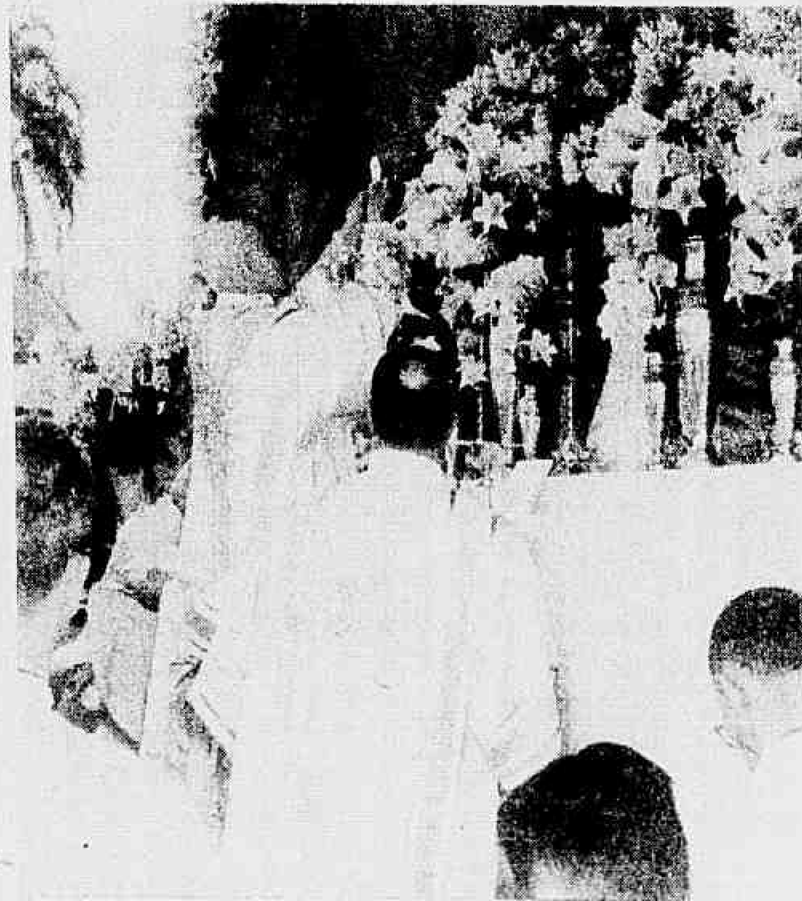
A Praça Ruy Barbosa, onde se realizou o magno conclave, apresentou sempre majestosos aspectos como êste da fotografia acima.

## PRIMEIRO CONGRESSO EUCARÍSTICO PROVINCIAL DO PARANÁ

ENTRE os dias 26 e 29 de novembro último, Curitiba, a bela capital do Estado do Paraná, que vem sendo teatro de tantos acontecimentos festivos em comemoração do 1º Centenário daquela unidade federativa, viveu horas de comovente esplendor religioso com a realização do 1º Congresso Eucarístico Provincial, um dos mais belos e magnificentes já verificados no País. Foi uma demonstração de Fé católica de desmedidas proporções, um conclave religioso que atriu massas imensas de fiéis, atentas, sob o sol ou sob a chuva, à grandiosidade e à imponência dos rituais litúrgicos ou à palavra dos grandes pregadores da Igreja e mesmo dos conferencistas profanos, como aconteceu com a palestra do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, cuja cultura eucarística causou assombro aos próprios dignatários da Igreja ali presentes. Da cerimônia inaugural às monumentais comunhões das crianças, das mulheres e dos homens, das sessões ordinárias do congresso à tocante solenidade do seu encerramento, tudo teve um cunho de esplendor raramente observado em reuniões dessa natureza, cujo funcionamento foi uma só e contínua apoteose dos sentimentos católicos do Paraná a Jesus Eucarístico. Nestas páginas apresentamos um registro fotográfico do 1º Congresso Eucarístico Provincial do Paraná, acontecimento dos mais belos com que se comemora ali o primeiro século de emancipação política.



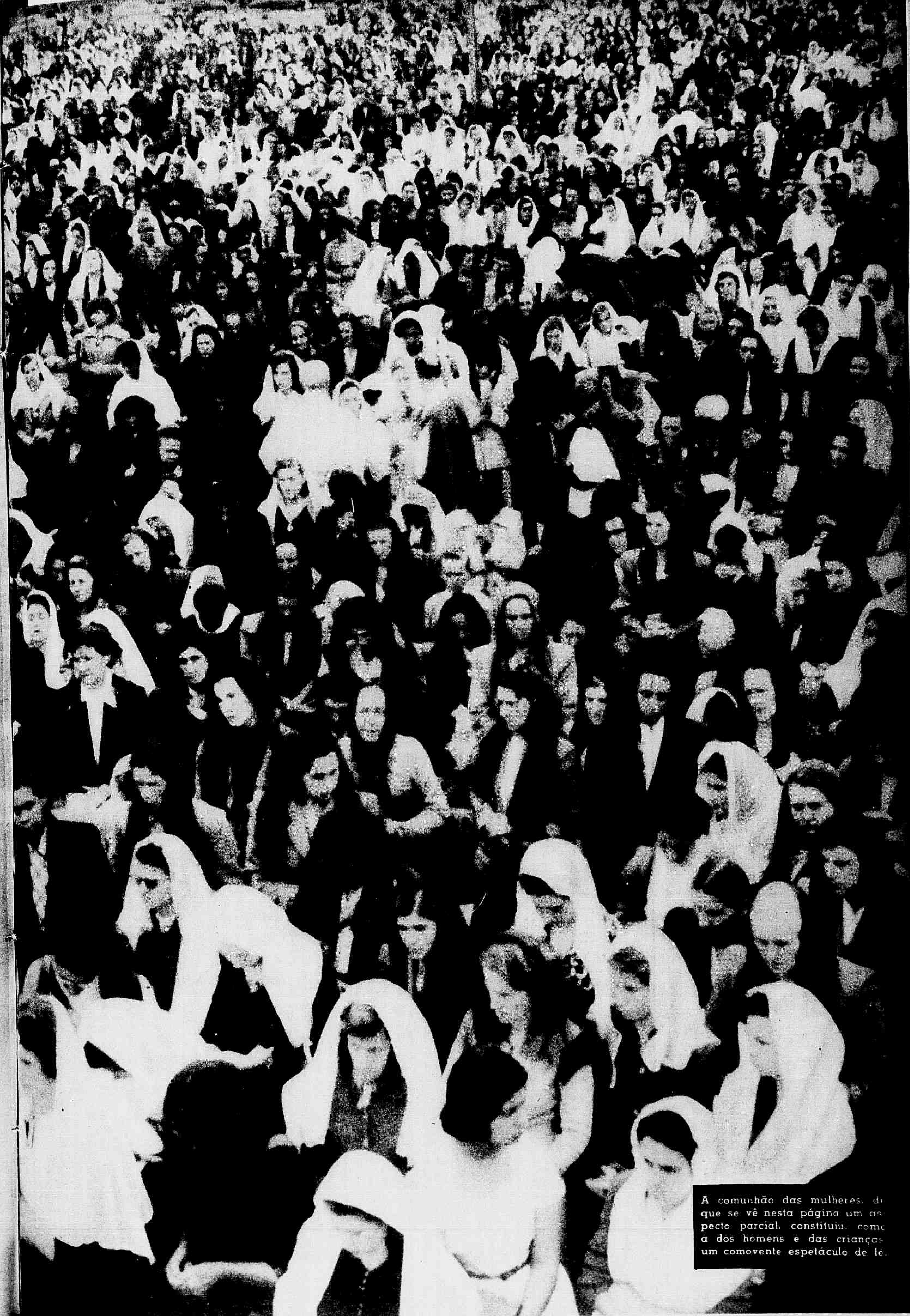
O gov. Bento Munhoz da Rocha Neto, e autoridades assistindo ao ato inaugural do Congresso.



No Altar Monumento, a elevação de Jesus Hóstia culminou as mais expressivas solenidades.

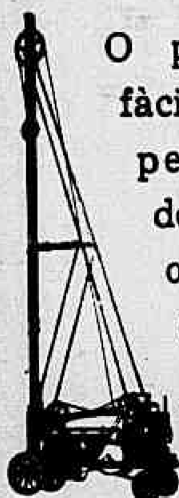


O côro polifônico que se exibiu na interpretação dos cânticos sacros foi uma nota de sucesso.



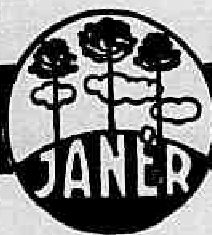
A comunhão das mulheres, d que se vê nesta página um as pecto parcial, constituiu, com a dos homens e das crianças um comovente espetáculo de fé.

# ÁGUA EM ABUNDÂNCIA



O problema da água é fàcilmente resolvido com perfurações de poços, de 6" a 10" de diâmetro, obtendo-se milhares de litros horários.

*Possuimos máquinas e pessoal habilitado, especialmente treinado na Svenska Diamantbergborrnings A/B, de Estocolmo, Suécia, para trabalhar em qualquer ponto do país.*




**CIA. T. JANÉR** COMERCIO E INDUSTRIA

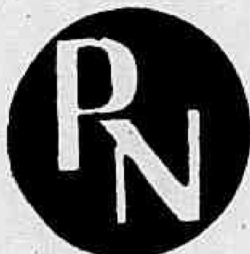
SEÇÃO DE ENGENHARIA "CRAELIUS"
Avenida Rio Branco, 99-11.º - Tel: 23-5931 - Rio de Janeiro

IA-808

# SEU AUTOMÓVEL ESTÁ VALENDO MAIS

- *Acompanhe as alterações do plano Aranha sôbre o negócio de automóveis, lendo a revista que publica o preço dos carros anunciados, no Rio e São Paulo, confirmados por telefonemas e visitas pessoais aos vendedores.*

- *E mais: Estudos, comentários, e notícias sôbre PROMOÇÃO DE VENDAS, IMPRENSA, RÁDIO, TV, PROPAGANDA e MERCADOS.*

LEIA 

a revista dos que precisam estar bem informados.

Nas bancas — Cr$ 5,00


# Puxe pelo CÉREBRO





**1** **Êste compositor escreveu a Nona Sinfonia. Quem é êle:**

— Mozart?
— Carlos Gomes?
— Beethoven?

**2** **Depois da E. F. Mauá, em 1854, em que Estado foi inaugurada a segunda estrada de ferro:**

— Pernambuco?
— Rio Grande do Sul?
— S. Paulo?

**3** **Que quer dizer «Adalberto»:**

— Luminoso?
— Homem nobre?
— Pessoa trabalhadora?

**4** **A quem se deve a invenção do pára-raios:**

— A Edson?
— A Benjamim Franklin?
— A Marconi?

**5** **Por que George Eastman se tornou famoso no mundo inteiro:**

— Por ter fundado a Universidade de Roma?
— Pela sua estratégia na guerra civil dos Estados Unidos?
— Por ter inventado o filme transparente?

**6** **Em que país existe a mais longa linha telefônica:**

— Nos Estados Unidos?
— Na Rússia?
— Na Índia?

**7** **Qual o nome primitivo da pólvora:**

— Fogo grego?
— Engenho do inferno?
— Espírito do trovão?

**8** **Que nome tem a maior estrêla até hoje descoberta pelos astrônomos:**

— Arcturo?
— Sírius?
— Vega?

**9** **A água ocupa:**

— A metade da superfície da Terra?
— A quinta parte?
— Três quartos?

**10** **Qual a região mais quente do mundo:**

— O deserto do Saara, na África?
— O vale do Jaguaribe, no Ceará?
— O Arizona, nos Estados Unidos?

**11** **Qual a posição do Brasil em potencial hidráulico, no mundo:**

— 1º lugar?
— 3º lugar?
— 4º lugar?

**12** **Quem descobriu o Oceano Pacífico:**

— Colombo?
— Balboa?
— Vasco da Gama?

**13** **O lago Titicaca fica entre:**

— Peru e Bolívia?
— Brasil e Argentina?
— Colômbia e Venezuela?





**14** **Esta nuvem é:**

— Cúmulo?
— Nimbo?
— Estrato?

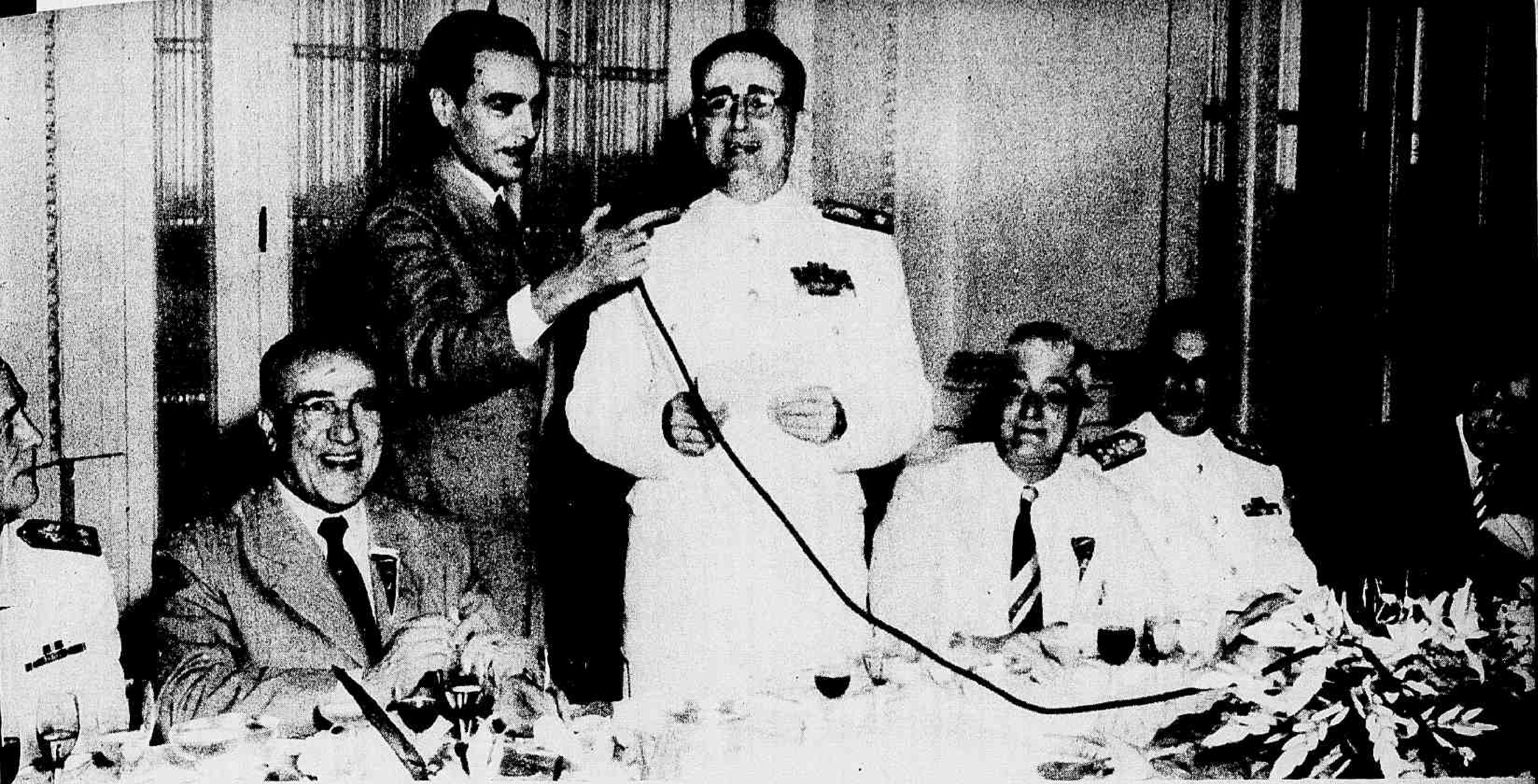
**15** **A distância média entre a Terra e o Sol é de:**

— Um bilhão de milhas?
— 149 milhões de quilômetros?
— 220 milhões de léguas?

**CLASSIFICAÇÃO:**

**Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.**

(Respostas na página 55)



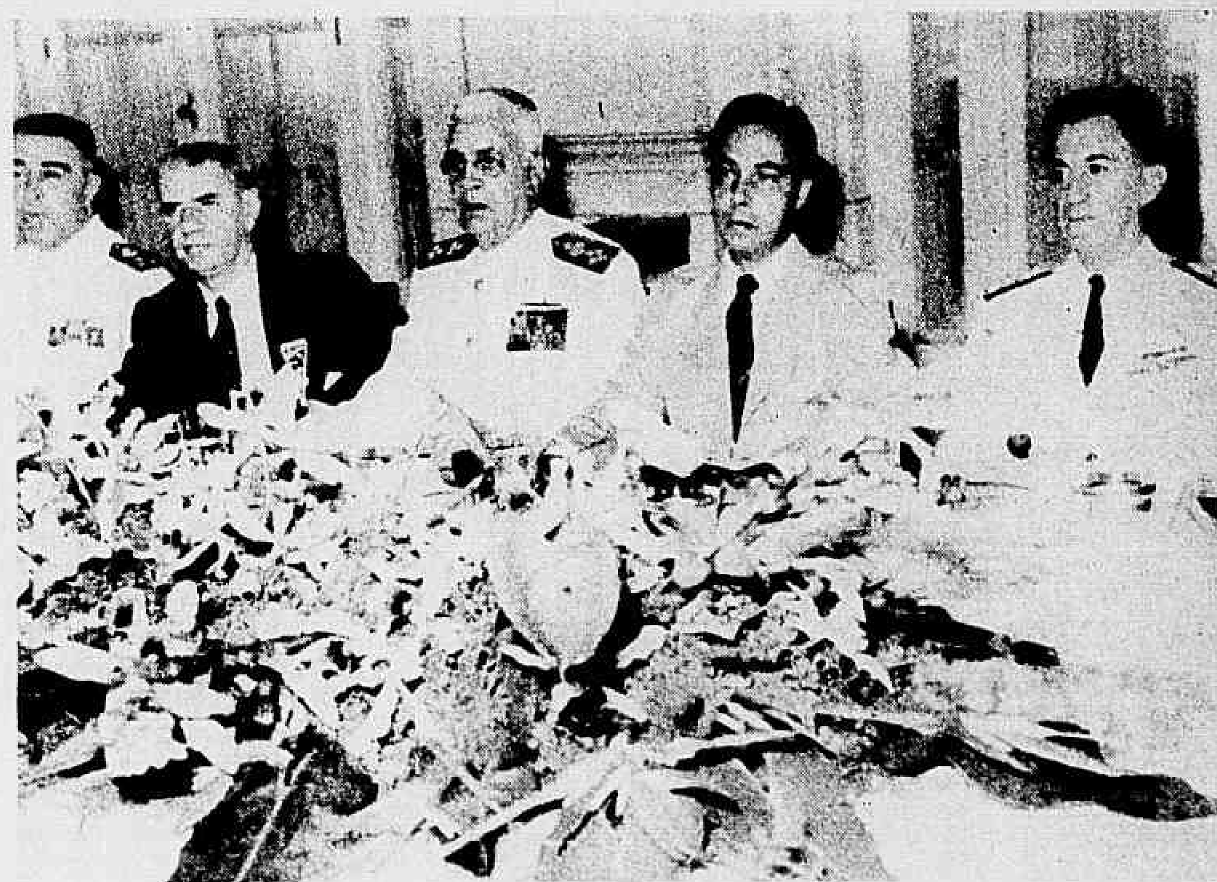
O contra-almirante Ari dos Santos Rangel saúda o Jockey Clube Brasileiro; à direita, os almirantes Dodsworth Martins e Magalhães Serejo e, à esquerda, o coronel Cândido Miranda, almirante Brito e Silva e dr. Miranda Pongy.

# A SEMANA DA MARINHA NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO



O presidente do Jockey Club Brasileiro, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, saudando a Marinha na pessoa do titular da pasta.

NA Semana da Marinha o Jockey Club Brasileiro vem participando oficialmente, como sucede naquelas que focalizam o Exército e a Aeronáutica. É do programa da nossa maior entidade turfista homenagear as nossas fôrças militares nas suas grandes datas. Domingo 13, dia do encerramento das festividades organizadas pela Aramada Nacional, o Jockey Club Brasileiro ofereceu, no belo Hipódromo Brasileiro, lauto almôço ao ministro da Marinha e outras altas autoridades navais, que tiveram ao lado a diretoria e membros dos vários conselhos administrativos do Jockey Club Brasileiro. Saudações eloqüentes, que demonstram o mútuo aprêço existente entre a nossa Marinha de Guerra e o Jockey Club Brasileiro, foram traçadas, na palavra brilhante dos dois oradores oficiais, dr. Mário de Azevedo Ribeiro e contra-almirante Ari dos Santos Rangel, diretor da Escola Naval, que falou em nome da Marinha, depois de rápida apresentação do ministro Renato Guilhobell, que se congratulou com a diretoria do Jockey Club Brasileiro. Um programa elaborado de corridas foi desenrolado a seguir. Após a realização do G. P. Almirante Marquês de Tamandaré, o ministro da Marinha entregou valiosas lembranças ao proprietário, tratador e jóquei do cavalo vitorioso, **Camaleão**, e que foram, respectivamente os srs. Sali Barki, Gonçalino Feijó e Arthur Araújo. O presidente Mário Ribeiro fêz servir «champagne» aos presentes. O almirante de esquadra Jorge Dodsworth Martins pediu depois a palavra, e, em vibrante imprvoiso, fêz uma saudação ao dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, 1º vice-presidente do Jockey Club Brasileiro, que, fazendo anos naquela data, deixara o recesso do lar para participar das homenagens à Marinha. Palmas coroaram as palavras daquele ex-titular da pasta naval. Depois das manifestações de todos os presentes, a imprensa especializada, pela voz do cronista Manfredo Liberal, reunida no Salão das Rosas, solidariezou-se àquela homenagem. O dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, sensibilizado, agradeceu em amável improviso



O 1º Vice-Presidente dr. F. E. de Paula Machado, entre os almirantes Sílvio Camargo, Átila Aché e Noronha de Carvalho e min. Osório Dutra.

# A fórmula C. D. L. não salvou o consumidor

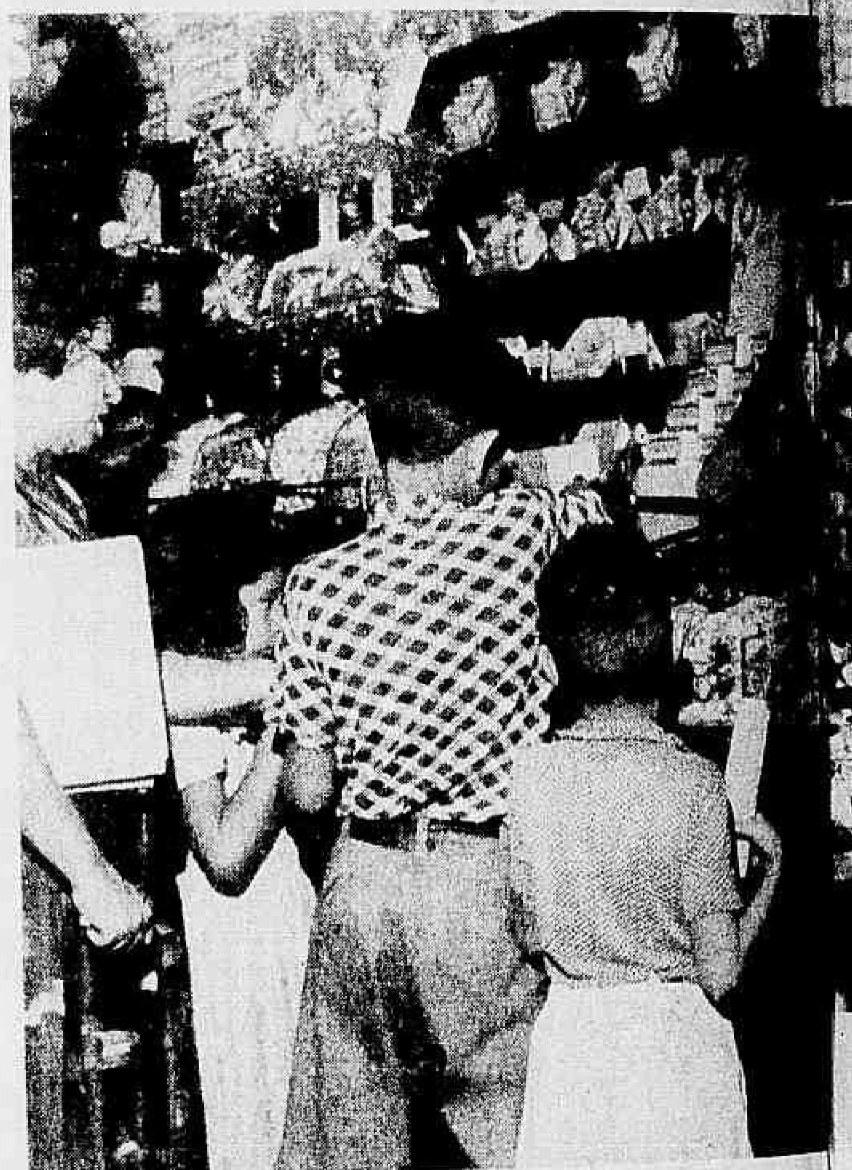
ÀS ÚLTIMAS HORAS RESOLVEU A **COFAP** TABELAR OS GÊNEROS DE NATAL ★ APESAR DA CRISE, NÃO ARREFECEU O ENTUSIASMO PELA FESTA DO DIA 25 ★ DANÇA DOS PREÇOS NAS VITRINAS ★ CASTANHAS, TÂMARAS, PASSAS E 150 MIL DÓLARES PARA IMPORTAÇÃO DE VINHOS

**Reportagem de WILSON MACHADO** **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

**ANTIGAMENTE dava gôsto à Madame ir às lojas adquirir o presente de Natal. Agora os tempos são de crise, tudo encareceu, o dinheiro não vale mais nada. Aí está o presente que ela reservou para os dois netos, um vestidinho para a menina e sapatos para o garôto.**



**APESAR dos altos preços as casas de gêneros alimentícios foram invadidas por centenas de fregueses na semana de Natal. Na foto vemos uma senhora adquirindo lingüiça ao preço de Cr$ 50,00 o quilo. A dança dos preços foi alucinante e atrasada a intervenção da COFAP.**



**A ÉPOCA dos sapatinhos à beira do leito já passou. Hoje os garotos vão à loja escolher os presentes preferidos, como êstes três pequenos acompanhados da mãe. E há sempre chôro.**

## O carioca festejou como pôde

DEMASIADO tarde decidiu a COFAP intervir no tabelamento dos gêneros de Natal. Anteriormente, mais de um mês antes das festas, informara que não tomaria nenhuma resolução a respeito, pois os preços seriam estabelecidos de acôrdo com os planos do «esquema Aranha», através da Superintendência da Moeda e do Crédito. Entretanto, resolveu a Comissão de Preços mudar de atitude e estudar o assunto do tabelamento, à última hora, quando já estavam prestes a soar os Sinos de Belém, anunciando o dia 25.



RÁDIOS, baterias, ferros elétricos a preços especiais (?) enchem a vitrina. Decorações como esta ornam as vitrinas natalinas. A figurinha abraça-se ao pescoço do atônito Papai Noel convencendo o bondoso velhinho a incluir no saco de presentes as mercadorias da vitrina.



AO QUE PARECE essa figurinha de tranças que mal alcança o balcão, não acredita no Papai Noel. Resolveu ela mesma acompanhar a mamãe à lója para escolher o seu presente.



NA ESQUINA da rua da Carioca com Uruguaiana, êste Papai Noel de papelão surge imponente como um guarda de trânsito. Uma variada decoração natalina enfeita as fachadas dos estabelecimentos, procurando atrair os compradores para um Natal demasiado caro. E as mercadorias, abarrotam, desde um mês antes da grande festa, o comércio: queijos, passas, compotas e vinhos.

# O NATAL DE 53

A fórmula, tardia, resolvida pela COFAP, para estabelecer preços para os artigos de Natal, é conhecida nos meios comerciais pelas iniciais C.D.L., ou seja, Custo, Despesa e Lucro. Quer isso dizer que, calculando o custo da mercadoria importada, as despesas e a margem de lucro atribuída ao comerciante, foi feito tabelamento do preço para o consumidor. Isso, justificou a comissão, tendo em vista os ágios alcançados pelas mercadorias importadas.

Entrementes, enquanto a fórmula C.D.L. não foi aplicada, milhares e milhares de litros de bebidas e quilos de mercadorias foram adquiridos pelo consumidor carioca a preços exorbitantes, durante mais de um mês antes do Natal. A C.D.L. chegou tarde.

## A DANÇA DOS PREÇOS

Alguns milhares de dólares foram invertidos em gêneros alimentícios. Cento e cinqüenta mil foram reservados especialmente para a importação de vinhos de várias procedências. Os navios «Andes», «Lóide Uruguai», «Vera Cruz», «Santa Maria», «Serpa Pinto» e vários outros trouxeram grandes carregamentos de vinhos, castanhas, passas, de Portugal, país que tem sido o nosso grande fornecedor para as festas de fim de ano. Recebemos também muita champanhe francesa.

Nas semanas que antecederam o Natal, e também ao tabelamento da COFAP, o repórter saiu a observar o movimento da cidade. O «clima» de Natal realmente invadiu as ruas e as casas comerciais. Vitrinas enfeitadas atraíam os olhares do transeunte. Muita gente transi-



**EMBRULHOS ARTISTICAMENTE feitos, congratulações ao alto da vitrina, e um dourado convite para penetrar no interior da loja. Lá dentro é abrir a carteira se quiser levar qualquer coisa (não muita!) Cem cruzeiros é o mínimo que lhe custará um par dêsses diminutos sapatinhos de criança. E, numa época como a atual, em que as necessidades se impõem sôbre o sentimentalismo, a maioria dos papais preferem presentear um utilíssimo par de sapatos a um par de patins aos seus queridos filhos.**

**NAS ORNAMENTAÇÕES de Natal não poderiam faltar os pinheirinhos, elemento principal das ornamentações do 25 de dezembro. Cada casa comercial procura apresentar sua árvore mais bem ornamentada e caprichosa que a do concorrente. Para o comerciante ela representa uma varinha de condão com que atrairá a numerosa freguesia de Natal. E a freguezia vem sendo, de ano para ano, e apesar da exorbitante loucura da alta dos preços dos diversos artigos, sempre maior.**

tando pelas ruas, acotovelando-se, carregando embrulhos. A rua da Carioca, movimentado centro comercial envergou a fantasia policrômica construída para atrair o consumidor para um Natal demasiadamente caro.

Para dar uma idéia do quanto custou a mais modesta comemoração êste ano, anotamos para orientação dos nossos leitores, que por acaso ainda ignoram, alguns preços de «comes e bebes». Ei-los:

Castanhas, Cr$ 19,00, o quilo — Ameixas, Cr$ 30,00 o quilo — Ovas de tainha, Cr$ 42,00 o quilo — Tâmaras, Cr$ 90,00, o quilo — Queijo minas, Cr$ 18,00 o quilo, além de outras marcas a preços superiores. Como se vê, o Natal de 1953, não teve preço. Tudo, segundo o plano realista do «esquema Aranha».

VINHOS E UÍSQUE

Em matéria de vinhos, como já dissemos, as importações foram grandes. Cestos abarrotados de garrafinhas e garrafões da popular bebida foram expostas nas portas das vitrinas das casas especializadas. Uma enorme variedade de marcas e preços. Os paladares (bolsos!) mais modestos se contentaram com os nacionais que variam de Cr$ 4,00 a dezoito cruzeiros o litro. Os mais abastados provaram os finos vinhos de outras terras. Em nosso giro pelos estabelecimento, deparamos com vinhos gregos (a Cr$ 70,00 a garrafa), espanhóis, a 75,00 e portuguêses de Cr$ 18,00 a 80,00.

Quanto ao uísque, a bebida que a esperta publicidade afirma que prolonga a vida, exibiu um carnaval de preços e marcas nestes dias de grandes compras. Sòmente num estabelecimento da rua México observamos cêrca de vinte rótulos e garrafas de variado feitio, tendo a frente o famoso «Ambassador», a Cr$ 850,00 o litro. Prevê-se largo consumo da beberagem durante esta semana. Existem apreciáveis estoques, muitos dos quais produtos de contrabando. Ainda é recente o caso dos milhares de litros de uísque desembarcados no norte do país, e que, apreendidos, foram logo depois liberados por ordem judicial. Encontramos ainda em nosso passeio com bastante champanhe francesa e de outras marcas além de outros licores importados. Aliás, um cavalheiro especialista no assunto, observou-nos, que o Natal de 53 será «sobretudo licoroso».




**UÍSQUE para o Natal, aí estão com preços bastante legíveis sôbre as garrafas. As mais diferentes marcas, importadas ou contrabandeadas. Da Europa chegaram vinhos e champanha, procedentes de Portugal, Espanha e França. Muita bebida foi importada. Mas não faltará vinho nacional (mais barato) para os apreciadores menos afortunados. As cantinas do sul do Brasil enviaram milhares de litros para o comércio carioca.**

E OS BRINQUEDOS?

Mas deixemos agora as bebidas que são problemas de adultos para lembrar aquelas para quem o Natal representa encanto e inocência: as crianças. Muita matéria plástica aí está nas lojas de brinquedos. Para as meninas, as eternas bonecas de pano e celulóide. Para os meninos, mais do que nos anos anteriores, (sinal dos tempos), observam-se as imitações dos engenhos de guerra: metralhadoras, jeeps, pistolas, soldadinhos, aviões, tanques, etc.

Segundo os comerciantes que ouvimos, os brinquedos sofreram um aumento de dez por cento (só?) sôbre os preços do ano passado. E acrescentaram que a produção êste ano caiu muito por falta de suficiente energia elétrica para as fábricas. Calculam, entretanto, que as vendas, se não foram apreciáveis, não terão sido inferiores as de 1952.

Enfim, aí está o Natal do ano de 1953 que o carioca comemorou como pôde, de acôrdo com o «esquema Aranha».

# GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

**O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.**

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

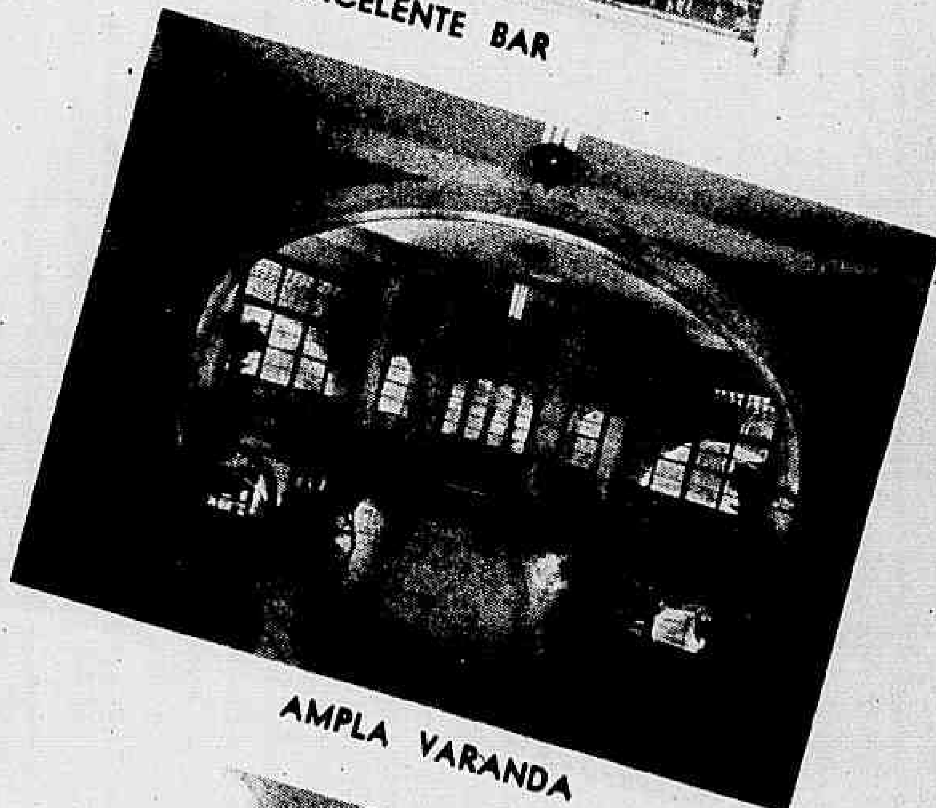
★

## RESERVA DE APOSENTOS

**Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇAO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.**



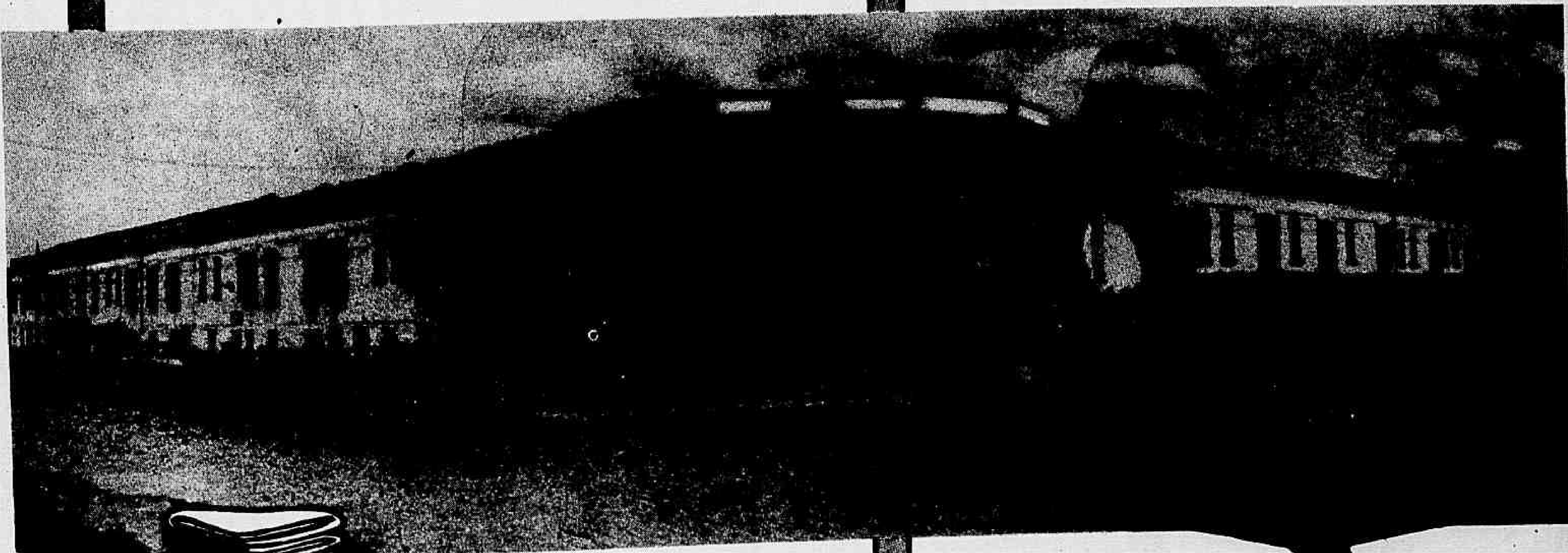
EXCELENTE BAR

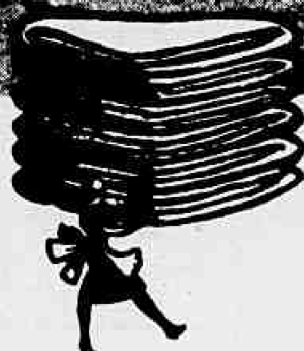


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





# ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

**«A VICHY BRASILEIRA»**

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte.
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

# TEATRO



CONSUELO LEANDRO

FIM DE ANO, começo de ano, a maioria dos teatros apresentam companhias de revista. No momento, a que permanece a mais tempo em cartaz é «O. K. Baby», no Folies, já tendo completado o seu centenário, sempre com casas cheias. Virgínia Lane, Consuelo Leandro, Pituca, Rui Cavalcânti e Loló fazem parte do elenco.

Em Copacabana ainda, no Jardel, o espetáculo é «Marreta o bombo», com Paquito Cano, Maria de Jesus, Evilázio Marçal, Glória May e dona Elvira Pagã, que o empresário Geisa Bôscoli teve o mau gôsto de ressuscitar.

Na Praça Tiradentes, sob a direção de Mari e Juan Daniel, Valter D'Ávila, Grande Otelo, Diana Morel e Dorinha Duval lideram o naipe de artistas que fazem de «Rei Momo de Touca» uma revista de sucesso.

★

DEIXOU o Teatro República, depois de uma longa temporada, que começou quando um incêndio destruiu o Teatro Copacabana, o elenco de Morineau — os Artistas Unidos. A última peça encenada foi «Daqui não saio». Os Artistas Unidos deverão repetir o seu repertório em Belo Horizonte, onde estrearão ainda êste ano.

★

MUITA GENTE no páreo para a escolha da maior revelação artística de 1953. Sônia Moraes, Consuelo Leandro, Celme Silva, Miriam (a filha de Oscarito) e, principalmente, Terezinha Austregésilo, que sem dúvida vem sendo a mais versatil de tôdas as atrizes surgidas neste agonizante 53, são alguns dos nomes que podem ser consagrados pelos críticos teatrais, na hora da escolha.

★

OSCARITO, após 4 meses no palco do Glória, deixa o teatro por questões contratuais. Mas a experiência mostrou o quanto lhe prestigia o seu público. O conhecido cômico, inclusive, tem como certa a sua volta ao mesmo teatro, em princípios do ano vindouro, com uma nova comédia ligeira, ainda contracenando com sua filha Miriam.

# A Semana EM REVISTA

## CARTAZES

## ANO NOVO

*NOS ÚLTIMOS anos vinha enfrentando aquêle momento de pé, com um copo na mão. Achava mais fácil assim; o copo era o seu escudo, a sua proteção, contra a possivel tristeza que havia de se abater sôbre êles. Sorvendo o seu uísque, estaria imunizado contra melancolia e apto, como os outros, a festejar a passagem do ano. Dava abraços, sorria, desejava felicidades a todos os presentes e esquecia-se de si mesmo, em meio a alegria geral. Agora não. Agora, sentado na poltrona, aguardava calmamente os relógios marcarem a meia-noite. Antes tentara outras maneiras. Estivera na rua, procurando a noite. Desistira; o último dia do ano não dá direito a noite. O melhor mesmo foi voltar para casa. Os lugares estão todos cheios demais. Qualquer bar é dificil, qualquer mesa é servida pelo pior garção, qualquer bebida é quente, qualquer comida é fria.*

● *Depois, há os bêbados. Os piores bêbados são sempre os do último dia. Todos bissextos, tristes e chatos com o seu lema de "alegria e diversão a qualquer preço". Tudo isso somado dera-lhe tédio e resolvera desistir do "reveillon". E agora estava sentado naquela poltrona, calmamente, a espera de 1954, que devia chegar dentro de poucos minutos. Sòzinho ali, não podia se furtar a um retrospecto do ano que acabava. Até que fizera alguma coisa em 1953: uma viagem, diversos amigos.*

*Na paz daqueles derradeiros minutos lembrava-se de episódios da guerra que foram os trezentos e sessenta e cinco dias passados. Sim, porque um ano é bem uma guerra, uma guerra que se vence a custa de muitas batalhas.*

*— A batalha do Rio de Janeiro.*

*A batalha do dinheiro, do pão, da habitação, do transporte e até da luz, que era uma batalha nova. Todos os dias para chegar ao trabalho é preciso transpor a barricada de carros, bondes, lotações, ônibus. Na batalha do trânsito, faltam generais. Na da Prefeitura, os generais atrapalham.*

*De repente, a expectativa aumenta. Vem um silêncio absoluto, antes dos rojões, das sirenas, dos sinos, da gritaria geral. Lembrou-se de um verso de Fernando Pessoa: "Hora que sabe a já ter sido".*

*Depois, esperou que terminasse a barulheira infernal com que saudavam o ano novo. Então deu mais uma tragada no cigarro, levantou-se da poltrona e foi dormir.*

*Era preciso descansar; amanhã começaria uma nova guerra e êle certamente seria convocado.*

# CINEMA

**DROGAS PANORÂMICAS** — Às pulgas, cadeiras incômodas, falta de refrigeração, superlotação e outros desconfortos de nossos cinemas, veio se juntar mais um: as telas panorâmicas. Parece incrível que um negócio que foi um autêntico «bluff» nos espectadores de cinema, tenha sido imitado e, o que é mais grave, permaneça em funcionamento. É verdade que as telas panorâmicas não nasceram no Rio, vieram, isto sim, de Hollywood, quando os grandes estúdios, em desespêro de causa, trataram de «inventá-la», para ludibriar o público.

A história é mais ou menos assim: a Fox, por intermédio dos seus técnicos, descobriu um novo processo de filmagem e projeção, ou seja, o «Cinemascope», que permitiria à fita ser exibida em telas mais amplas e dando ao espectador uma melhor noção de perspectiva. Mas, como para tanto os cinemas do mundo inteiro teriam que modificar suas telas, a Fox tratou de liberar a patente, já que não poderia, sòzinha, manter o mercado mundial de filmes, permitindo que, em troca de alguns milhares de dólares, os outros estúdios usassem o novo processo de filmagem.

Foi quando, precipitadamente, as companhias cinematográficas, em vez de gastarem o seu rico dinheiro, trataram de anunciar aos quatro ventos que os seus técnicos também tinham inventado um sistema de telas amplas, justamente a horrenda tela panorâmica. O fracasso do sistema «inventado» às pressas, foi total, mesmo porque os estúdios lançaram fitas já prontas, cortando-as em cima ou em baixo, para que coubessem nas telas, num flagrante desrespeito aos que pagam pelo espetáculo.

No Rio, a direção da Metro, uma das companhias que usou as drogas de emergência, tratou de adaptar os seus cinemas com elas, sendo logo imitada pela emprêsa que explora os cinemas do circuito do Plaza. E o resultado está aí, cenas em que os atores aparecem com a cabeça cortada, em que as imagens ondulam como um navio em mar alto e outras inconveniências, agravadas com as incômodas posições a que se obriga o assistente, que tem de fazer ginástica para ver a fita, muitas vêzes saindo do cinema de mau humor e, o que é pior, com torcicolo.

**RESPOSTAS DA PAGINA 48**

1 — Beethoven ★ 2 — Pernambuco (fevereiro de 1858) ★ 3 — Homem nobre ★ 4 — Benjamim Franklin ★ 5 — Por ter inventado o filme transparente ★ 6 — Rússia (Moscou a Khabarosk) ★ 7 — Fogo grego ★ 8 — 149 milhões de quilômetros ★ 9 — Arcturo ★ 10 — Três quartos ★ 11 — O Saara ★ 12 — 4º lugar ★ 13 — Balboa ★ 14 — Peru e Bolívia ★ 15 — Cúmulo.



## VIRGÍNIA LANE JÁ É MME. KROEFF

Um romance de amor que tanta sensação causou, teve a semana passada o seu feliz epílogo, na igrejinha da Glória. Ali se uniram pelo ato religioso, a famosa «vedette» Virgínia Lane com o jovem agrônomo Sérgio Kroeff, filho do médico Mário Kroeff. Sem estardalhaço nem publicidade, realizou-se a cerimônia ao meio-dia de quarta-feira, 16 do corrente. Familiares dos noivos, amigos e numerosos fãs de Virgínia subiram o Outeiro para assistir ao ato solene e cumprimentar o par feliz. Sob palmas e o estouro dos «flashes» os noivos deram entrada na nave da Glória que estêve lotada durante a celebração.

O ofício foi simples e tocante. Enquanto o sacerdote fazia as perguntas de praxe um côro de quatro vozes femininas com órgão entoaram o «benedictus», sendo logo após, abençoada a união. Rumaram os noivos a seguir para o terraço do Outeiro, para receber as saudações e posar para os fotógrafos. Foi também bastante admirado o vestido da noiva, confeccionado pelo costureiro Danúbio e orçado em cêrca de cinqüenta mil cruzeiros. Além dos pais dos noivos, notava-se a presença de elementos do Teatro Follies, do qual Virgínia é a atriz principal.



BILLY ECKSTEIN

# DISCOS

GUIO DE MORAIS E SEUS PARENTES — **«Trem Paulista»** e **«A Bandinha do Zé Caititu»** — Excelente disco êste, com gravações dirigidas pelo versatil maestro Guio de Morais. O lado «B», principalmente, é um achado. Nêle os «Parentes» do maestro executam um maxixe à moda antiga, figurando na orquestra todos os instrumentos usados na época dos 20, inclusive uma tuba magnífica. E não deixa de ser espirituosa aquela piada de ser a melodia anunciada no início do disco, como fazia a Casa Edson do Rio de Janeiro. — (Todamérica)

PEDROCA — **«Meu sonho»** e **«Baião em Cuba»** — Embora tendo feito gravações posteriores a estas, só agora tomamos conhecimento dêste disco do pistonista Pedroca. Está bem tocado, sem dúvida, mas houve um lamentável mau gôsto na escolha dos números, ainda mais se atentarmos para o fato de ser «Meu sonho» um enfadonho bolero. — (Todamérica)

QUINTETO TODAMÉRICA — **«Salamaleque»** e **«Na gafieira»** — Dos dois preferimos o segundo, um chôro de Dunga e Radamés. O outro pareceu-nos um arranjo demasiado «dopado». De qualquer maneira é aplaudível a insistência da Todamérica em apresentar discos instrumentais, reagindo contra a mania das fábricas nacionais em sòmente gravarem números contendo refrão vocal. As presentes gravações perderiam 90% do seu valor se nelas entrasse, por exemplo, um refrão de Emilinha Borba, ou do Ruy Rey. — (Todamérica)

J. B. DE CARVALHO — **«E-rêrê»** e **«Ogum meu pai»** — O veterano sambista, agora dedicado aos cantos de macumba, dá provas de continuar em grande forma. No lado «A» temos a lamentar a presença dos breques de acordeon, em detrimento da flauta. Esta em maior e louvável evidência no batuque da face «B». — (Todamérica)

LINDA RODRIGUES — **«O homem que eu amo»** e **«Flor do lôdo»** — Esta cantora, que tem seu grande êxito no samba «Lama», volta agora com êste «Flor do lôdo». Isto até parece mania. Não duvidaríamos se nos dissessem que seu próximo samba vai chamar-se «Pântano». De qualquer maneira é indiscutível o sucesso que vem fazendo Linda com tais números. Do outro lado é uma versão do «The man I love», de Gershwin, bastante ruinzinha e inoportuna. No acompanhamento é fácil distinguir o contrabaixo de Vidal, de primeiríssima ordem. Há também um vibrafone, que deve ser o do antigo baterista Mesquita. — (Continental)


**B É L - H O R M O N**

**A BELEZA DOS SEIOS**

**Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.**



BÉL-HORMON

**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .

NOME. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

RUA. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . Nº. . . . .

CIDADE. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

ESTADO. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

**Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00**

# Semana POLÍTICA

## A HISTÓRIA INTEIRA



● Noticiou-se que o general comandante da Região Militar, sediada na Bahia foi transferido de pôsto por não ter comparecido, em Salvador, à recepção do ministro do Trabalho. A história inteira é a seguinte: Jango soube que não seria recebido oficialmente na Bahia nem pelo governador nem pelo general. E contou a Getúlio. O presidente, florentino, instruiu o jovem ministro: escreva uma carta ao ministro da Guerra comunicando que tu vais à Bahia e pedindo que êle transmita a notícia ao comandante da Região. O ofício foi feito, seguindo os trâmites. Em Salvador, Jango soube que o general acompanhara o governador para o interior do Estado, onde Régis foi com todo o secretariado comemorar seu aniversário.

De volta ao Rio, fêz o relato ao Presidente. Getúlio, oficialmente desacatado na pessoa do ministro do Trabalho, determinou ao ministro da Guerra a transferência do comandante da Região.

## ACÔRDO EM MINAS GERAIS

ALGUNS mineiros estão tentando unir as secções estaduais dos seus partidos, a fim de que Minas Gerais surja no cenário nacional pòlìticamente unificado.

Como se sabe, o sr. Benedito Valadares não é estranho a essa fórmula, antes a advoga com interêsse, certo de que, sòmente por essa via, Minas voltará a deter o primado político brasileiro.

Na UDN, há também os que pensam de igual modo. São mesmo inúmeros os que afinam nossa tecla. Quanto ao PTB, sabe-se que são bem acentuadas as suas possibilidades de acôrdo com a UDN.

A peninha pra atrapalhar, porém, está com o PR. O vice-governador mineiro é do Partido Republicano. Candidatando-se a qualquer cargo eletivo, o sr. Juscelino Kubistchek terá que passar o govêrno ao vice-governador. O Partido Republicano, então, e não o PSD, passaria a ser o fiador do entendimento.

Acontece que o PR quer, também, o govêrno de Minas Gerais e esta seria a melhor oportunidade para conquistá-lo. Estará mesmo de acôrdo em apoiar o sr. Juscelino Kubistchek para a Presidência da República, contanto que o Executivo das Alterosas fique em suas mãos. Mas a UDN, com um capital eleitoral muito maior do que o PR, só firmaria uma aliança com o PSD na base de ficar com o govêrno estadual.

A fórmula que está sendo conversada visa, em primeiro lugar, a apresentação de uma chapa única ao Congresso — deputados federais e senadores — para depois se cuidar da batalha da sucessão estadual que vai-se verificar ao tempo da sucessão presidencial. E' uma maneira hábil e inteligente de adiar o debate do problema. . .

## SUCESSÃO NO PIAUÍ

Desde 1945 a política do Piauí vem-se dividindo em dois blocos de fôrça equivalente: PSD e UDN. Criou-se o PTB, inicialmente, mas com pouca expressão, vindo depois o PSP. O PSP é controlado por dois grupos: os Gaiosos e os Pachecos. Em 1946 o candidato pessedista ao govêrno foi o chefe gaioso, derrotado. Em 1950, foi um gaioso a fim, o atual governador Pedro de Freitas. Os Pachecos reivindicariam agora o pôsto. A UDN dividia-se em duas alas: Eurípedes e Matias. Morto o primeiro, o deputado José Cândido, que consolidou seu prestígio eleitoral, tornou-se o principal chefe do partido, fazendo uma política que provocou a saída do senador Matias, dono de um têrço dos diretórios. Matias foi para o PTB mas não conseguiu se acomodar lá, restabelecendo contacto com a UDN. Em 1946 o governador, udenista, era de conciliação dentro do partido. Desta vez, será ferrazista, possìvelmente um rapaz de nome Valter Alencar, com prática em outros partidos. Dois candidatos preteridos: Ribeiro Gonçalves e Adelmar Rocha. Quanto ao PTB, que conta com um senador (Areia Leão) continua como pequeno partido, caudatário da UDN. O PSP, fundado por um dissidente udenista (Agenor Almeida) tem votado nos candidatos udenistas ao govêrno estadual.

## LUZ VERMELHA PARA ETELVINO

CARLOS CASTELLO BRANCO

NO princípio era Garcez. Explica-se: precisava-se destruir o candidato que nasceu no mesmo dia da vitória de Getúlio, o candidato que abrira mão da candidatura para esperar pela vez. Garcez, governador de Ademar, homem de qualidades pessoais que se opunham às do seu criador, poderia dar o ponto de apoio com o qual udenistas e getulistas deslocariam a ameaça, o perigo Ademar. A oposição se opunha e tinha uma esperança: mandava emissários secretos a Garcez. A oposição colaborava e tinha um motivo: criar ambiente para a luta contra Ademar, o que seria realmente maravilhoso pois o caminho seria dividir São Paulo. Garcez era o eixo, a base, a esperança.

Depois de dois anos, o governador amadureceu. E como em matéria de sucessão Getúlio nunca toma iniciativa, coube aos outros tomá-la, aos oposicionistas e aos imprudentes. O deputado João Roma apareceu em S. Paulo com um plano: o governador de Pernambuco dispunha-se a enfrentar a ira sagrada, colocando a sucessão em têrmos de união dos partidos do centro. O polarizador existia naturalmente: Garcez. A construção lógica, rigorosa, elevada, ergueu-se. Surgiu o esquema Etelvino. Escolha de um candidato de alto padrão moral, a cuja campanha ficariam presos os candidatos aos governos estaduais. Ou seja: candidato à sucessão dois anos antes. Garcez deixaria os Campos Elíseos como candidato. Planejou-se sua viagem ao norte aonde iria já em condições de assumir os compromissos, desimpedido. De fato, na véspera da viagem, rompeu com Ademar. Pernambuco, Bahia e São Paulo se compuseram em tôrno do esquema. Garcez, voltando, assumiria o comando da política de São Paulo, ingressando no PSD.



Aconteceu o que Getúlio esperava e os outros não esperavam: dividido o situacionismo paulista, enfraqueceram-se ao mesmo tempo Ademar e Garcez. A aliança contra o perigo Ademar perdeu muito da sua razão de ser. A independência do governador, pòlìticamente enfraquecido, comprometeu-se: o Catete fêz exigências, a situação financeira do Estado era má, uma nova ameaça (Jânio) ganhara corpo, o jôgo tornou-se difuso, Garcez emaranhou-se e foi dominado pelos acontecimentos.

Etelvino, sinceramente partidário do seu esquema, não se dá por vencido. Talvez não se tenha apercebido de que a fôrça da sua articulação era a base, o pouso certo e seguro: S. Paulo veio ao Rio, conversou e convenceu. Seu avião a jacto, de tipo mais avançado do que os que habitualmente descem em nossas pistas, não encontra, porém, o outro campo, desde que a luz vermelha impossibilitou a aterrissagem em São Paulo.

Agora, só se as Fôrças Armadas lhe derem licença especial de pouso numa base militar.

# DICIONÁRIO POLÍTICO NACIONAL



KUBITSCHEK

JUSCELINO — Bi-substantivo, do gênero energia e transporte.

E' difícil imaginar um presidente da República chamado Juscelino Kubistchek, digo Kusbisthck, ou melhor Kubitscheqtktqk — sabe-se lá como é que se escreve o nome do homem? Com tantas consoantes, já sem lugar no nosso alfabeto, vai ser difícil ao governador de Minas cantar o seu «Peixe Vivo» no Catete. A língua do brasileiro ainda não chega para êsses prodígios de pronúncia e, por melhor que seja, o binômio de Juscelino não vai baixar o índice do analfabetismo nacional.

CEXIM — Substantivo importado por vias excusas. Quanto ao gênero, os seus embrulhos são de todo gênero. Quanto ao número, ou melhor, quanto às cifras, não é negócio de gramática, mas de inquérito. Realizando a imagem do velho Rui, a CEXIM vai morrendo e matando. Cada gemido, um escândalo. Quando chegar ao Inferno, no seu último negócio de exportação, há de deixar os diabos de rabo entre as pernas. Não existe coisa mais diabólica do que a CEXIM, como já poetava Dante e o próprio Coriolano pode testemunhar.

MINISTRO — Substantivo demissível «ad nutum». O ministro é o infeliz responsável por tôdas as irresponsabilidade do Presidente da República. Todavia, êles acham que «ser ministro é padecer num paraíso». Demissível «ad nutum» quer dizer demissível a gancho, pois não há ministro que saia com facilidade Esperimentado no assunto, o sr. Getúlio Vargas, que já teve 62 ministros, tem achado mais cômodo mudar de govêrno do que de Ministério. No regime parlamentarista, quando um ministro cai, todos os outros caem também. No presidencialismo e, particularmente, no Brasil, quando um ministro escorrega os outros botam a carcassa no seguro.

PROMETER — Verbo indefectível na bôca dos políticos. Em se aproximando (êste não é um Dicionário qualquer), em se aproximando a hora da eleição, os candidatos gastam mais promessas do que dinheiro, assim como gastam mais dinheiro do que sinceridade. Prometem acabar com isto, fazer aquilo, endireitar o que está torto, fazer dos cafajestes gente honesta, alfabetizar o Brasil, dar uísque aos que têm sêde, amor aos desesperados, caviar aos famintos, Carlos Lacerda ao Banco do Brasil. A promessa que fazem a si próprios, logo eleitos, é a de não cumprir as próprias promessas. Nem por isso o eleitor brasileiro fica descrente: quando muito, pede um aumento no preço do voto.

GOVERNADOR — Dizem que já se foi o tempo da «política dos governadores». Nada menos exato. Desde que os Estados são pobres e não sendo possível fazer obra administrativa, os governadores continuam a fazer da política a sua principal tarefa e diversão. Garcez visita Juscelino, Régis vai atrás de Etelvino, Dornelles conversa com Amaral, Munhoz marca um encontro na Foz do Iguaçu com Eugênio e Zacarias, Irineu almoça com Raul, Pedrosa manda um bilhete a Rollemberg e assim é que vivemos, ou melhor, assim é que vivem êles, os governadores da política nacional. Visto que a governança de um Estado vale como título para o Catete, muitos políticos



ARANHA

consideram o sacrifício necessário. Mas, viajam tanto da periféria para o centro que a imprensa local se vê obrigada a noticiar nesta base: «Aproveitando a passagem do governador Fulano por esta capital...»

DUTRISMO — Quando um getulista quer uma orientação, procura o chefe Vargas para ouvir-lhe a palavra de ordem. Quando um comunista quer tomar uma atitude, ouve o chefe Prestes e leva uma surra na polícia. Quando um dutrista quer saber como agir, procura o chefe Dutra e o ex-presidente, depois de uma hora de silêncio profundo, lhe diz assim: «Não xi xabe». Ao seu silêncio legalista só se compara o silêncio heróico do brigadeiro Eduardo Gomes. Quando os dois se encontram não trocam palavras, mas, em compensação, fazem calos no pensamento.

## UM NOME, UMA NOTÍCIA



TÁVORA



LINS



PILA



BRAGA

**JUAREZ TÁVORA é o candidato preferido pelo governador Etelvino Lins, na lista exemplificativa de cinco nomes que pôs em circulação. Essa é a confidência de dois deputados do norte (um do Ceará, outro de Sergipe), que conversaram com o governador.**

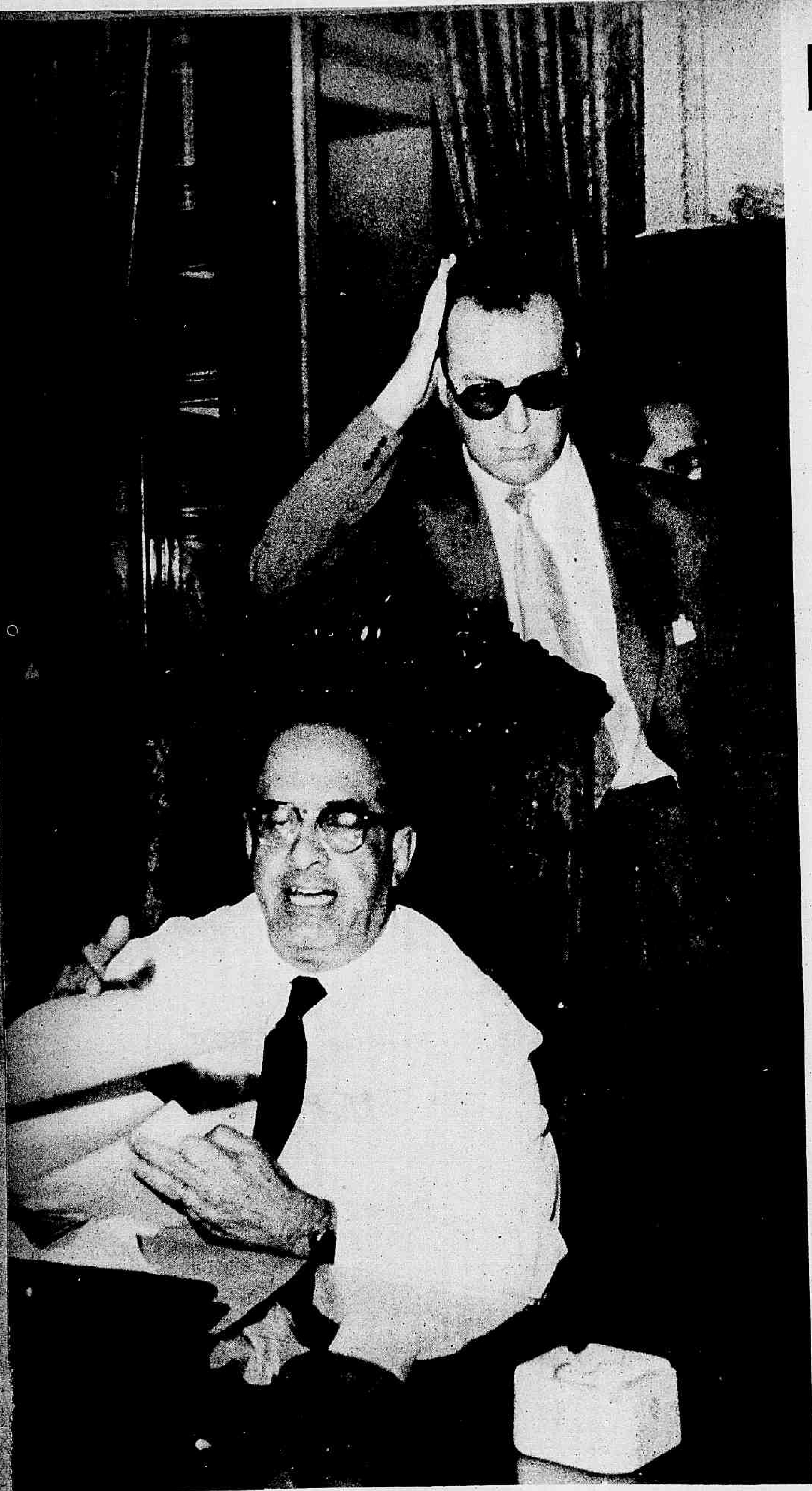
**VIEIRA LINS diz que vai candidatar-se desta vez a deputado estadual, para silenciar os seus adversários que alegam nunca ter êle vivido no Paraná, terra que conheceu seis meses antes de tornar-se deputado federal. Vieira Lins, pernambucano, era advogado em Bauru, sob o nome de Sebastião Lins.**

**ODILON BRAGA nunca teve base eleitoral em Minas, apesar de ser uma das principais figuras da UDN mineira e de ter presidido por dois anos a UDN nacional. Agora a UDN carioca decidiu candidatá-lo a deputado pelo Distrito Federal, tornando-o uma das suas atrações para o próximo pleito.**

**CARVALHO SOBRINHO, que vivia mal dentro do PSP, tendo escrito uma carta de críticas a Ademar, continuou no partido, não aproveitando a chance do rompimento de Garcez. Êle é amigo íntimo de Antoninho Barros, irmão de Ademar, e, apesar de tudo, continua vivendo mal no seu partido. Não tolera o líder Cerdeira.**

**HÉLIO CABAL, para combater a tendência do PR de aceitar o apêlo de Raul Pila e fazer uma aliança de oposição, alegou que não existe no Brasil condições para se fazer oposição. E perguntou: em quem pudemos confiar? na UDN? em Etelvino? no PSD gaúcho? Todos êles, disse, são suscetíveis a entendimentos.**

**RAUL PILA não gostou que o deputado Coelho de Sousa desse a um jornalista cópia da sua carta aos partidos, que pensava divulgar sòmente depois de virem as respostas. «O senhor está enganado — retrucou-lhe Coelho de Sousa. — O senhor precisa é de um chefe de propaganda. Precisamos publicar tudo».**



# ÚLTIMO FLASH

SEMPRE veemente, patética, por vêzes, a defesa do sr. Coriolano de Góis, perante a Comissão de Inquérito que, na Câmara, está investigando os escabrosos passes de mágica da «Cexim», constituiu a nota sensacional da semana passada. O ex-diretor do Banco do Brasil chegou ao Palácio Tiradentes fumegante de indignação e ardor; quase se agarra com o deputado Baleeiro; e foi impiedoso, direto e contundente no perfil que traçou do sr. Raimundo Padilha, ex-maioral integralista e hoje (tais as voltas que a política dá) campeão aguerrido do Estado democrático. Apesar, contudo, do «metal de voz» do sr. Coriolano, e da massa de documentos que levou aos senhores deputados, com o objetivo de provar a sua honorabilidade pessoal, várias acusações contra a «Cexim» êle não pôde pôr abaixo. E, direta ou indiretamente, reconheceu:

a) que houve negócios escusos na famigerada Carteira;

b) que tôda uma quadrilha de intermediários e chantagistas agia à sombra dos negócios da referida Carteira, e até mesmo com a ajuda de funcionários relapsos e desonestos;

c) que o critério na distribuição de guias de importação nunca foi equânime e justo.

Paralelamente, parece complicar-se a situação do jovem Virgílio de Góis, filho do sr. Coriolano, que os fatos e os depoimentos estão pintando como um moço leviano, estroina e de vida cara. Nos instantâneos acima vêem-se o sr. Coriolano depondo, e (na foto menor) o sr. Virgílio de Góis, num dos corredores da Câmara, em conversa com o deputado Tenório Cavalcânti, enquanto depunha, na sala ao lado, o ex-diretor da «Cexim».



# CORIOLANO defende-se e ataca

# GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA



## MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencheram os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato poderão ser contemplados com aproximações.

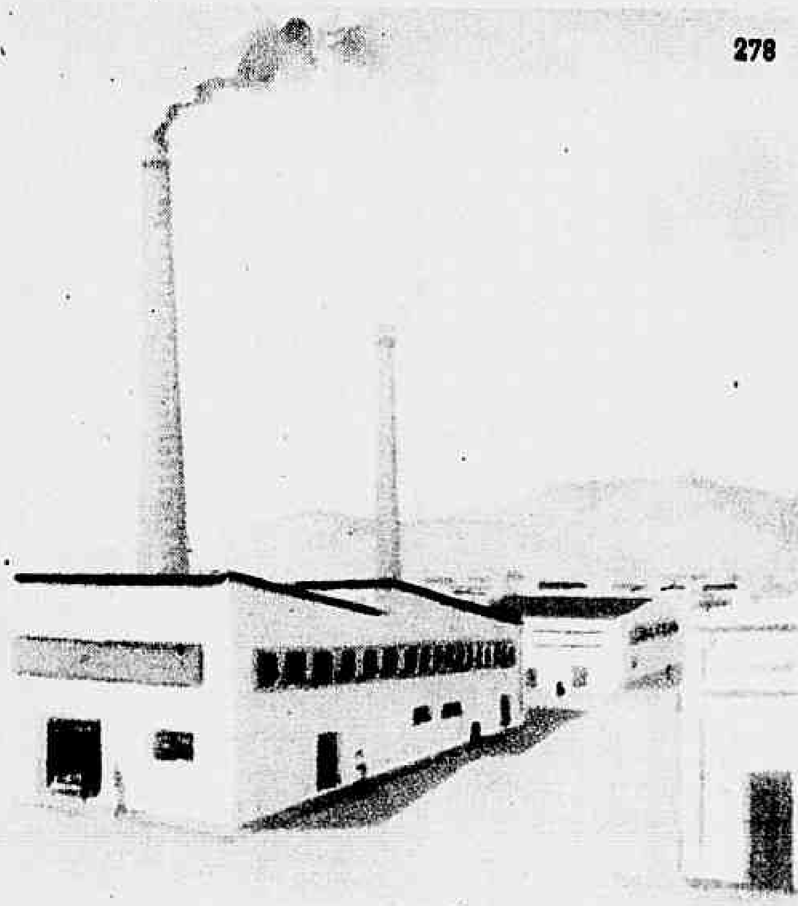
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro
















Uma tradição de bom gôsto




CIGARROS
**hollywood**

UM PRODUTO SOUZA CRUZ